



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Entre fronteiras: a inscrição da cultura
no processo de tornar-se mãe**

Sandra Gaspar Roberto

Orientadora de Dissertação:
Prof^ª. Doutora Maria Emília Marques

Coordenadora de Seminário de Dissertação:
Prof^ª. Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da
Professora Doutora Maria Emília Marques apresentada no ISPA
– Instituto Universitário para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Maria Emília Marques por todo o conhecimento que transmitiu ao longo do seminário de estágio e pela possibilidade de aprendizagem sobre paradigmas e metodologias de investigação. Agradeço as reflexões sobre este trabalho permitindo novas e diferentes aprendizagens sobre o paradigma psicanalítico na investigação.

Agradeço à Samira, participante deste estudo, pela disponibilidade e pela subjectividade que colocou a descoberto, para que fosse possível a elaboração deste estudo.

Agradeço à Márcia e à Ana, companheiras desta etapa que agora se finaliza e de uma profunda amizade. Agradeço as noites de contenção das angústias, de partilha das incertezas e também de partilha da felicidade de pequenas e grandes conquistas na construção deste trabalho.

Agradeço aos meus do coração, ao meu filho João e ao meu marido Luiz por serem luz na minha vida, o porto seguro e a fonte de inspiração.

Ao meu pai e ao meu irmão pelo suporte, pela alegria e boa disposição.

Em memória da minha mãe que viu este percurso ser iniciado com tamanha alegria. A mesma que, certamente, teria ao partilhar agora da sua conclusão.

RESUMO

Tornar-se mãe é a expressão usada para pensar as mulheres que se tornam mães, inevitavelmente, implicadas em profundas transformações psíquicas e recriadas na especificidade da subjectividade materna. Este estudo, situado num paradigma de investigação psicanalítico, procurou compreender as ligações entre a subjectividade materna e a cultura, aqui entendida enquanto constituinte psíquico, sob a forma de espaço intermediário.

Através do método das narrativas de livre associação de ideias, procuramos compreender as ligações acima referidas, numa mulher Cabo-verdiana, tendo sido promovidos três encontros; dois, antes do bebé nascer e, outro, 6 meses após o nascimento.

A análise das narrativas e a respectiva discussão permitiram dar conta das transformações psíquicas decorridas ao longo deste processo e a articulação entre estas e a cultura. Decorrente da especificidade da subjectividade, encontramos, nesta mulher, a possibilidade de reflectir sobre o impacto das representações culturais inconsistentes nas transformações psíquicas ligadas à subjectividade materna e ao processo de tornar-se mãe.

Palavras-Chave: Subjectividade materna, cultura, espaço intermediário, narrativas de associação livre de ideias

ABSTRACT

Becoming mother is the expression used to think about women who become mothers, inevitably, involved in profound psychic changes that are recreated in the specificity of maternal subjectivity. This study, set in a paradigm of psychoanalytic research, sought to understand the links between maternal subjectivity and culture, understood here as a psychological constituent, in the form of intermediate space.

Through the narratives of free association of ideas, we seek to understand the links described above, on a Cape Verdean woman, having been promoted three encounters; two, before the baby is born, and another, 6 months after birth.

The analysis of the narratives and the related discussion allowed to highlight the psychic transformations throughout this process and the relationship between them and the culture. Resulting from the specificity of subjectivity, we found in this woman, the opportunity to reflect on the impact of inconsistent cultural representations in maternal subjectivity and in the becoming mother process as a whole.

Key-Words: Maternal subjectivity, culture, intermediate space, narratives of free association of ideas

Índice

INTRODUÇÃO	1
Sobre o processo de tornar-se mãe e a cultura	5
OBJECTIVO DO ESTUDO	8
METODOLOGIA	10
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS	13
Tornar-se mãe em Samira	13
<i>Por volta das 30 semanas</i>	14
<i>Pelas 36 semanas</i>	17
<i>Após o nascimento de Mayra- 6 meses</i>	20
<i>Três narrativas em análise</i>	22
1) Ameaça à identidade, investimento narcísico, integração	23
2) Dependência, Separação/individuação e desidealização das figuras parentais	26
3) Dentro/Fora, Contínente/Conteúdo, e angústia de perda do amor do objecto	29
4) Proximidade, distância e ensaio sobre a cultura	32
DISCUSSÃO SOBRE A ANÁLISE DAS NARRATIVAS	38
CONCLUSÃO	52
REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

Este estudo conseguiu constituir-se, enquanto tal, através de um conjunto de interesses pessoais, opções teóricas e metodológicas que convergiram num mesmo sentido. A explicitação dos interesses pessoais permite formular o ponto de partida desta investigação, contudo, é o enquadramento dado por um paradigma de investigação e a concepção ontológica e epistemológica subjacente, que conferem a forma e a coerência na aproximação ao objecto de estudo. Procuraremos tornar perceptível o lugar que este estudo ocupa em cada um desses parâmetros.

O interesse pelo processo de *tornar-se mãe* (a expressão traduzida do original *becoming mother* denuncia a origem destes trabalhos por Wendy Hollway e seus colegas, (2008) funda-se, num primeiro momento, no contacto com a existência deste projecto de investigação. A utilização desta expressão, *tornar-se mãe*, é usada para pensar as mulheres que se tornam mães, associada a uma ideia de processo, numa interacção que se vai constituindo ao longo do tempo, invariavelmente entre a mãe e o bebé mas contemplando também outros significativos. Simultaneamente, o interesse neste processo colocado ao nível da subjectividade materna e entendido à luz da intersubjetividade tornou ainda mais evidente o interesse pelo trabalho desenvolvido por esta equipa.

O interesse pelo trabalho de Hollway e colegas (2008) não poderia ter constituído uma motivação para este trabalho de investigação se não tivesse encontrado na experiência pessoal um motivo de interesse. Para essa experiência pessoal contribuiu, por um lado, o meu processo de me tornar mãe e, por outro lado, um episódio do contexto clínico.

Sobre o meu processo pessoal cabe apenas referir que compreendi profundamente que as transformações ao longo desse tempo (continuam ainda) tiveram um profundo impacto que vai muito além da relação materna. Dessas transformações nem todas puderam ser compreendidas em todo o seu alcance e impacto, mas o suficiente para reflectir sobre a importância deste processo e para querer compreendê-lo em maior profundidade.

Sobre o episódio clínico, que acabou por conduzir à especificidade deste estudo (assente sobre uma perspectiva cultural) relativamente ao projecto de Hollway e colegas (2008), cabe referir sinteticamente o encontro com uma mulher grávida no contexto dos cuidados de saúde primários. Uma mulher guineense grávida é encaminhada para a consulta

de psicologia. A mulher bem mais confortável no crioulo do que no português, é recebida por psicólogas, duas mulheres portuguesas, cheias de representações sobre a maternidade e, certamente também, com enormes fantasias sobre a cultura guineense. Esta mulher, compreende de imediato, muito antes até do que as outras mulheres, o grau de impossibilidade desta relação. Saltando de imediato para as conclusões do relato, ficou deste encontro o profundo desencontro entre todas as envolvidas. Terá sido este episódio a contribuir para semear o interesse pela dimensão cultural no trabalho clínico dinâmico, em geral, e simultaneamente, neste contexto específico que adiante designaremos por subjectividade materna.

Assim, por esta via, ficou constituído o interesse pelo processo de tornar-se mãe procurando um olhar atento sobre a cultura. Mais do que o interesse por este processo contextualizado numa cultura específica (neste estudo a cultura cabo-verdiana) procuramos um entendimento alargado sobre a possibilidade da interacção da cultura com os processos psíquicos envolvidos em tornar-se mãe.

O tema da cultura nos estudos psicodinâmicos ou psicanalíticos, foi tradicionalmente pouco abordado, eventualmente pela influência do pensamento desenvolvido por Freud relativo a uma certa universalidade no psiquismo humano (Paduart, 2004). Mais tarde, Deveraux (1956) autor relevante da etnopsicanálise, numa ligação entre a antropologia e a psicanálise, veio chamar a atenção para o facto de todo o psiquismo individual se constituir de um modo inevitavelmente cultural.

Inúmeras contribuições no desenvolvimento deste tema vieram da prática clínica com pacientes culturalmente diversos, promovendo desafios e reflexões junto dos terapeutas e analistas, sobre a função da cultura nas relações terapêuticas e sobre o modo como o processo migratório acrescenta especificidades nos processos psíquicos que merecem atenção no trabalho terapêutico (e.g. Akhtar, 1995, Wyse, 2000, Saller, 2004).

Especificados os principais fundamentos do interesse neste estudo importa situá-lo no contexto da investigação em Psicologia clínica, nos seus paradigmas e entendimentos acerca do objecto de estudo, bem como nas opções metodológicas que orientam o trabalho. O posicionamento face às concepções e aos modelos e, por consequência, aos métodos e às técnicas determinam o lugar que é reservado ao objecto de estudo (Marques, 1999) na investigação em geral, mas naturalmente naquilo que aqui nos importa, na Psicologia clínica. Como refere Kuhn (1971) *“Men whose research is based on shared paradigms are committed to the same rules and standards for scientific practice. That commitment and the apparent*

consensus it produces are prerequisites for normal science, i.e, for the genesis and continuation of a particular research tradition.”

O tipo de estudo a que nos propomos surge enquadrado numa concepção teórica do objeto de estudo considerado enquanto sujeito psicológico. Este conceito implica alguns reconhecimentos prévios situados ao nível do contexto epistemológico e integrados num determinado paradigma de investigação em Psicologia clínica.

O primeiro pressuposto assenta no entendimento de que a compreensão do sujeito psicológico apenas será possível através do reconhecimento da interacção entre o observador e o observado e que só partindo desta relação será possível criar e acrescentar sentidos produzidos e delimitados na relação que se constituiu entre as duas subjectividades (observador e observado). Deste pressuposto, poder-se-á reconhecer que tal só será possível num modelo de investigação fundado na compreensão (Marques, 1999).

O segundo pressuposto decorrente também do primeiro, refere-se ao entendimento sobre a essência de um ser, ou do sujeito psicológico, que apenas poderá ser acedida *“no insignificante, no esquecido ou escondido, no transitório e mutável. É nesse domínio que o sujeito se revela sem se dar a ver. Aceder a esse domínio impõe o recurso a modelos que usam a significação e o sentido, que se fundam, também, na consensualidade, comunicação, construção e transformação”* (Marques, 1999, p. 74).

Assim, contrariamente à proposta epistemológica na qual se funda o paradigma experimental, procurando relações de causa-efeito numa realidade regida por leis universais, situamo-nos, neste estudo, ao nível do paradigma psicanalítico cuja possibilidade de compreensão do sujeito emerge de *“uma historicidade e um espaço e tempo de expressão e de captação pela intersubjectividade, que obriga a considerar o inefável e o mutável, a transformação e a criação”* (Marques, 1999, p. 81).

No contexto do paradigma psicanalítico, Hollway & Jefferson (2000) construíram uma proposta metodológica fundada em pressupostos ontológicos e epistemológicos semelhantes aos acima referidos; as narrativas de associação livre de ideias. Os autores referem um ponto de partida básico para pensar esta metodologia, isto é, a forma como são percebidos os sujeitos na investigação. Partem assim da noção de que o mundo interno dos sujeitos não é o reflexo do mundo externo, rebatendo a ideia quase implícita, noutras metodologias, de que os sujeitos seriam “transparentes” na possibilidade de serem estudados enquanto tal.

Assim, fundado na noção de associação livre de ideias, por Freud, este método tem como principal objectivo aceder ao significado latente, através das associações de ideias pelos sujeitos, em oposição a uma lógica do significado exacto das palavras ou conjuntos de

palavras. A ideia da existência de um significado latente pressupõe um modo específico de pensar os sujeitos: “*that emphasises the effects of affect, dynamic conflict, unconscious intersubjective processes and embodied practices on the formation of identity*” (Hollway, 2009, p.4). Esta metodologia pressupõe ainda que os sujeitos tendem a acionar mecanismos de defesa contra a angústia. Como tal, apenas se torna possível aceder ao significado latente do sujeito, no fundo aquilo que pode constituir a sua subjectividade, por via da relação intersubjectiva constituída entre entrevistador e entrevistado, num movimento semelhante à clínica psicanalítica nas relações de transferência e contra-transferência (Hollway & Jefferson, 2000).

Na coerência desta proposta de investigação, assente sobre os pressupostos do paradigma psicanalítico, apresentaremos o enquadramento teórico com o intuito de posicionar teoricamente o processo de *tornar-se mãe*, mais concretamente, o entendimento sobre a subjectividade materna, bem como, o posicionamento teórico face à cultura. Segue-se a descrição do objectivo do estudo e o contexto metodológico onde se insere, já adiantado ligeiramente nesta introdução. A análise das narrativas, distribuídas por três encontros com Samira, uma mulher cabo-verdiana, servirá como único ponto de partida na discussão do caso. Ou seja, será através da análise dos processos intersubjectivos numa lógica interpretativa, que se poderá ensaiar uma compreensão sobre o processo de tornar-se mãe pela cultura. Neste sentido, partimos dos interesses acima fundamentados e de uma coerência teórica e metodológica rumo à compreensão do sujeito psicológico, sem *à priori* sobre as dinâmicas dos processos e, acima de tudo, sem procurar estabelecer relações de causalidade.

Sobre o processo de tornar-se mãe e a cultura

A contextualização realizada sobre o lugar deste estudo, ao nível do enquadramento epistemológico e ontológico do paradigma de investigação, conduzindo à explicitação daquilo que se constitui como objectivo, permite antever o processo de construção de uma concepção teórica sobre o tema em estudo.

Assim, na coerência do atrás referido, procuraremos neste ponto situar apenas conceptualmente os dois principais temas deste estudo; o processo de tornar-se mãe, ao nível da subjectividade materna e a cultura. Sobre o primeiro tema seguiremos os pressupostos teóricos de Hollway (2009) no seu projecto de investigação, na medida em que foram estes que conduziram ao interesse e à realização deste estudo. Sobre o segundo tema, a cultura, situamo-nos num entendimento específico, considerando-a enquanto constituinte psíquico, tendo por base as concepções teóricas de Kaes (1997; 2003).

Conforme referido anteriormente, a expressão, *tornar-se mãe*, é usada para designar o processo das mulheres que se tornam mães, procurando englobar neste processo a interacção que se vai constituindo ao longo do tempo, invariavelmente entre a mãe e o bebé. Esta interacção tem início muito antes do nascimento do bebé e é colocada sobre o entendimento da intersubjectividade, o que implica necessariamente a relação entre as subjectividades, nomeadamente, a subjectividade materna (Hollway, 2001).

O conceito de subjectividade materna pode ser compreendido como um processo intersubjectivo dinâmico constituído na relação com as necessidades incontornáveis da criança (Hollway, 2001). A autora promove a distinção dos conceitos entre mãe e materno, na medida em que este último, não é um processo específico das mães mas antes, daquele que integra o lugar privilegiado na relação com a criança.

A distinção entre mãe e materno é tornada clara, para prosseguir com a ideia de que esta relação poderá resultar no desenvolvimento de capacidades de ambivalência (integração do amor e do ódio), reconhecimento e contenção naquele que interage com a criança. Sendo capacidades que podem ser desenvolvidas pelos adultos em geral, a autora reforça o papel que os pais ou outros cuidadores poderão ter na relação com a criança, ainda que saliente que esta relação tenda a aparecer com maior facilidade nas mães, eventualmente pelo lugar biológico da interacção do bebé com o corpo materno na vida intra-uterina, na fantasia inconsciente de

ambos. Sobre este assunto, realça o facto de ser necessária mais investigação que permita uma maior compreensão sobre o impacto do corpo materno na intersubjectividade inconsciente.

Assumido este pressuposto, designaremos, doravante, pela facilidade de nomeação e pelo interesse deste estudo, a relação entre a mãe e o bebé para nos referimos à subjectividade materna, sabendo, no entanto, que no entendimento da autora, esta não é uma relação exclusiva entre as mães e os bebés.

Kristeva descreveu o processo de subjectividade materna como *‘the slow, difficult and delightful apprenticeship in attentiveness, gentleness, forgetting oneself’* (1992, p. 200, in Minsky 1998 p.119). Esta ideia de “esquecer-se de si próprio” pode ser substituída pelo conceito de Bion, de Rêverie, para pensar na possibilidade de colocar temporariamente em suspenso a memória e o desejo, para dar lugar à subjectividade do outro. A subjectividade materna implica a expressão da fantasia inconsciente, que vai muito além da interacção com o bebé, envolve as relações passadas ou os traumas, deixando assim a descoberto a unicidade da subjectividade materna.

Ainda sobre a subjectividade materna, Hollway (2001), salienta a existência de invariantes no processo de tornar-se mãe, considerados como requisitos universais da subjectividade materna; a ambivalência, o reconhecimento e a contenção. Considerados assim enquanto requisitos universais, a cultura introduziria a expressão manifesta destes requisitos, conduzindo desta forma, às especificidades culturais, ou seja, as variantes do processo.

Neste ponto, sobre a relação do processo de tornar-se mãe e a cultura, este estudo diverge do interesse teórico do projecto de investigação de Hollway e colegas (2009), na medida em que o entendimento da cultura e o interesse dedicado a este domínio, vai ao encontro dos trabalhos de Kaes (1998; 2003), sobre o papel dos grupos, incluindo a cultura, na construção da intersubjectividade. Assim, neste estudo a cultura é entendida enquanto constituinte psíquico, mais especificamente, enquanto espaço intermediário e será nesse sentido que procuraremos compreender a interacção psíquica entre estas dimensões; a cultura e as transformações psíquicas na subjectividade materna.

Este entendimento sobre a cultura apesar de não ser novo, já que foi introduzido, com outra formulação, por Roheim (1972) e Winnicott (1975), permaneceu pouco explorado. Talvez, porque sendo o objecto de estudo da psicanálise, o sujeito psicológico, considerou-se que seria objecto de estudo de outras disciplinas, a dimensão social e cultural do sujeito. No entanto, o pensamento pós-moderno, colocou em debate as posições dicotómicas; universal ou particular, sujeito ou cultura, objectividade ou subjectividade, tendo recolocado o interesse

na articulação e interacção entre as múltiplas facetas do sujeito, também este interesse terá atraído a atenção da psicanálise (White, 2004).

Conforme já referido noutro lugar, terá sido Devereaux (1956) a salientar a ideia de que o psiquismo e a cultura são co-emergentes e que todo o psiquismo individual se encontra fundado de um modo profundamente cultural. Estas bases lançadas, essencialmente pela etnopsicanálise, salientaram a importância dos contextos culturais na compreensão do psiquismo, no entanto, num entendimento do psiquismo universal e das suas invariantes, complementado pelas variantes introduzidas pelo contexto cultural (Paduart, 2004).

Após este contexto introdutório, procuraremos tornar mais claro o conceito de cultura, do qual nos apropriámos e que nos conduz na análise que procuraremos fazer sobre o processo de tornar-se mãe. Assumindo as múltiplas possibilidades oferecidas dentro e fora da psicologia, optámos por um conceito mais restrito (apesar de apresentarmos de seguida outros mais amplos), procurando simultaneamente especificar as funções da cultura na vida em grupo.

Assim, numa perspectiva mais ampla e abrangente, a cultura pode ser entendida como um conjunto de representações que servem para definir uma identidade colectiva (Burrin, 2004). No entanto, numa perspectiva mais restrita e próxima do objectivo do estudo, a cultura corresponde a um conjunto de símbolos, possuindo relações de sentido (crenças, valores, mitos, rituais), promovendo as diferenças culturais, de modo a que possam ser definidas regras estruturantes de um determinado universo de significações (Anzieu, 1993; Kaës, 1997).

O entendimento sobre a cultura, com aplicação ao objectivo deste estudo, provem dos contributos de Kaes (1998), definindo-a como espaço intermediário e correspondendo à porosidade da relação entre os desejos e os interditos do sujeito no seio do grupo alargado e a dinâmica de funcionamento própria deste grupo.

Sobre este conceito importa ilustrar a função da cultura na ligação com a constituição do psiquismo. Nesse sentido, a cultura impede o caos através do estabelecimento de regras e de limites, indicando assim o permitido e o interdito, as condutas sexuais e agressivas (Kaes, 2003) as práticas alimentares e de vestuário (Paduart, 2004). A cultura possibilita uma identidade, fundada individual e culturalmente, por via de identificações introjectivas ou mecanismos de defesa arcaicos como a idealização ou a projecção (Kaes, 2003). Por último, a cultura confere um sentido aos enigmas da vida e do universo, naquilo que é inteligível ou incompreensível, conferindo uma forma reconhecível e previsível, por exemplo, através das crenças e mitos (Paduart, 2004). Por último, com grande aplicação nos contextos clínicos, a cultura é ainda reconhecida enquanto continente na relação com os conteúdos individuais (Moro, 2005).

OBJECTIVO DO ESTUDO

Ser-se mãe é definido pela relação que se estabelece entre a mulher e o bebé, sendo a principal característica, o facto de ser uma relação de dependência num único sentido e não negociável (Hollway, 2008). Esta relação com estas características parece ser universal, bem como parecem ser universais (segundo Ruddick, 1980, 1989 in Hollway, 2008) os requisitos que as exigências da criança de preservação, de crescimento e de aceitação social, produzem nas mães. Esta relação entre a mãe e a criança e a análise da subjectividade materna tendem a ser mais evidentes após o nascimento do bebé, no entanto, esta relação tem início bastante antes deste acontecimento, adoptando-se a expressão de Hollway (2001), *Tornar-se mãe* pela ideia de processo que nela se encontra contida.

Neste processo encontra-se, por um lado, a importância longitudinal do tempo que se estende por um período talvez difícil de quantificar, iniciado, por um desejo inconsciente da mulher em tornar-se mãe, ou iniciado num outro momento difícil de precisar mas que se vai constituindo numa construção de inúmeras condições, internas e externas, ou talvez resumidamente, psicossociais. Por outro lado, e acima de tudo, desta ideia de processo (*tornar-se mãe*) emerge a noção de subjectividade materna, por via da intersubjectividade dinâmica entre mãe e bebé e enraizada nas fundações da cultura (Urwin et al, 2012).

A investigação e a prática clínica fundada na corrente teórica da psicanálise, tradicionalmente e primariamente, dirigiu o seu olhar para as interacções e transacções na díade; eu-outro, terapeuta-paciente (Davidson, 1988). Sobre a cultura parece ter permanecido na psicanálise, durante largos anos, a noção da universalidade do psiquismo (*via* universalidade do complexo de Édipo), desenvolvida por Freud em “Totem e Tabu” (Paduart, 2004). Actualmente, não é possível pensar o psiquismo humano sem a perspectiva de um espaço aberto e poroso, em comunicação com outros espaços, reconhecendo, nomeadamente, que a cultura se encontra presente no psiquismo, atingindo um nível inconsciente e configurando diferentes arranjos (Kadyrov, 2002).

Talvez, mais do que situar-nos perante uma divisão dicotómica entre universalidade e particularidade dos processos psíquicos, ou entre individual e cultural, ou outro tipo de dicotomias onde se situa frequentemente o pensamento, interessa-nos conhecer e

compreender os processos fundados numa intersubjectividade dinâmica, apreendidos na subjectividade materna, explorando as ligações e interacções com a cultura.

Nesse sentido, é adoptada a noção de cultura aqui abordada enquanto um conjunto de símbolos, possuindo relações de sentido (crenças, valores, mitos, rituais), promovendo as diferenças culturais, de modo a que possam ser definidas regras estruturantes de um determinado universo de significações (Anzieu, 1993; Kaës, 1997). Ao nível da organização psíquica, a cultura constitui-se enquanto espaço intermediário (Kaes, 1998), correspondendo então à porosidade da relação entre os desejos e os interditos do sujeito no seio do grupo alargado (os outros com os quais partilha uma identidade cultural semelhante) e a dinâmica de funcionamento própria deste grupo.

A escolha da metodologia parece adequar-se ao interesse do estudo e aos respectivos pressupostos teóricos, na medida em que as narrativas de livre associação de ideias, através do postulado teórico da livre associação de ideias, procuram aceder aos processos de intersubjectividade e investimento inconsciente, possibilitando a compreensão da subjectividade (Hollway & Jefferson, 2000).

METODOLOGIA

Com este estudo procurámos conhecer o processo de *tornar-se mãe*, na possibilidade de compreensão da subjectividade materna, com um enfoque particular sobre a cultura. Para esse efeito, foram conduzidas três entrevistas, narrativas de associação livre de ideias, com uma mulher cabo-verdiana: a primeira entrevista, no segundo trimestre de gravidez (30 semanas); a segunda, no final do último trimestre (36 semanas); e a terceira, seis meses após o nascimento do bebé.

Ao nível da metodologia, além das narrativas de associação livre de ideias foram ainda realizadas notas de campo reflexivas (à semelhança dos trabalhos conduzidos por Hollway, 2008). Este tipo de nota teve como objectivo documentar a natureza dinâmica dos encontros que deram origem às narrativas, sobretudo as reacções pessoais da entrevistadora, numa lógica próxima da análise da transferência e contratransferência no contexto da clínica psicanalítica.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio (com o devido consentimento informado da participante no estudo) e posteriormente transcritas. O conteúdo das três narrativas foi analisado individualmente numa lógica de análise temática, onde a leitura atenta e sintonizada nos pressupostos da intersubjectividade conduziram a linhas gerais de discussão dos temas, tendo sido repetidamente reformuladas. A análise temática transversal foi ainda acompanhada de uma análise longitudinal das três entrevistas, possibilitando o acompanhamento das transformações ocorridas ao longo do processo de *tornar-se mãe*.

Método das narrativas de livre associação de ideias

Integrado num paradigma específico de investigação e centrado na abordagem das metodologias qualitativas, o método das narrativas de livre associação de ideias (Hollway & Jefferson, 2000) procura aceder a uma compreensão da subjectividade dos sujeitos, numa relação intersubjectiva estabelecida no contexto da entrevista que dá lugar à narrativa.

O método surgiu de uma derivação das metodologias de narrativas mais comuns na investigação qualitativa, no entanto, partindo de um pressuposto distinto, pois as

metodologias mais tradicionais assentam numa lógica de comunicação do sujeito sobre a sua experiência, onde se assume que esta pode ser transmitida na sua totalidade por palavras, neste caso, pela narrativa. Como refere Brunner (1990), a narrativa fornece a estrutura que possibilita, ao sujeito, conferir sentido às experiências pessoais e colectivas, ordenar as vivências, construir as regras que organizam a memória do passado, orientar o presente atual do narrador e as suas acções futuras.

A proposta dos autores (Hollway & Jefferson, 2000) parte de um pressuposto base distinto das narrativas tradicionais, que tendem a aprisionar as palavras do sujeito num quadro formatado, procurando alcançar uma ideia de objectividade (Hollway, 2009). Neste método, das narrativas de livre associação de ideias, parte-se de um entendimento sobre a impossibilidade dos sujeitos acederem à totalidade do seu psiquismo, pela existência de conteúdos do inconsciente e pela acção das defesas contra a ansiedade que desviam a possibilidade desse acesso. Por esse motivo, o conceito fundado na psicanálise de *Livre Associação* é aplicado neste método, como forma de permitir ao sujeito explorar livremente as conexões existentes no inconsciente e revelar assim as dinâmicas que se traduzem no investimento em determinadas acções e experiências (Hollway & Jefferson, 2000).

Na prática existem quatro princípios básicos na condução deste método, adaptados dos princípios das narrativas biográficas (método biográfico interpretativo, Scutze, 1992 in Hollway & Jefferson, 2000): (1) Usar questões abertas; (2) Elucidar as histórias; (3) Evitar perguntas “Porquê”; (4) Acompanhar a narrativa utilizando a ordem e terminologia do sujeito. Estes princípios visam promover a livre associação de ideias nos sujeitos entrevistados, fundados também na lógica da postura do clínico no contexto da consulta.

Neste estudo foi usada apenas uma questão inicial de abertura o mais ampla e introdutória do tema que conseguimos elaborar: “*Gostaria que me falasse sobre este processo de tornar-se mãe...*” A condução da narrativa teve como ponto de partida esta questão, no fundo, este pedido, sendo apenas realizados comentários ou pedidos de esclarecimento aos conteúdos que foram surgindo na narrativa por iniciativa da entrevistada. A excepção a este modo de condução da entrevista ocorreu com o objectivo de introduzir o tema da cultura na narrativa, do seguinte modo; “*Poderia falar-me sobre a ligação entre o processo de tornar-se mãe e a sua cultura...*”

As narrativas foram analisadas centradas em dois principais objectivos: o primeiro, procurar ilustrar cada encontro, ou seja, eleger os principais temas relacionados com o objectivo do estudo em cada um dos três encontros; o segundo objectivo, dar conta do processo de transformações psíquicas ocorridas ao longo de todo o processo, assumindo aqui

a importância de uma análise que não perde de vista o todo, foram eleitos os temas centrais e elaborados ou transformados ao longo das narrativas.

Na composição destes temas de análise, “as notas de campo” da entrevistadora foram usadas sempre que se julgou pertinente, por serem consideradas ilustrativas e permitirem, em alguns casos, compreender os significados atribuídos pela entrevistada a determinados pontos da sua narrativa.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Tornar-se mãe em Samira

Samira (nome fictício) é uma mulher de 26 anos que aguarda o nascimento da sua primeira filha. Nascida em Cabo-Verde, alterou a sua morada pela primeira vez ao vir estudar para Portugal, com 19 anos, no curso superior de serviço social. Esta mudança inicial teve como destino uma cidade no Norte do país, onde permaneceu durante cerca de 5 anos. Após este período mudou-se para Lisboa, residindo nos arredores da cidade, numa zona tradicionalmente habitada por imigrantes de vários países africanos.

Fazendo uso das “notas de campo”, no primeiro encontro, Samira é descrita como uma mulher com uma aparência física bastante mais jovem do que a idade cronológica, não só pelos traços físicos, como também pela forma como se apresenta. Tem um ar bastante juvenil no modo como se veste, aparentemente, pouco valorizado. Percebe-se rapidamente a evidência dos traços Cabo-verdianos. A sua estrutura física, baixa e muito magra, em conjunto com o tom de voz baixo e sinais evidentes de alguma ansiedade no primeiro encontro, tornam a imagem de Samira muito frágil na aparência. O primeiro impacto desta aparência, em conjunto com a fase inicial do discurso produziu um pensamento: “Será esta mulher capaz de cuidar de um bebé?”. Ao longo do seu discurso Samira (no primeiro encontro) referirá com frequência esta dúvida sobre as suas capacidades de se constituir enquanto mãe.

Samira vive com o seu companheiro e pai do bebé, também Cabo-verdiano, com quem iniciou uma relação há cerca de 6 anos, por altura da sua chegada a Portugal. A família mais próxima vive em Cabo-Verde (pais e irmãs), tendo outros familiares, tios e primos, a residir próximo da sua casa em Lisboa, mantendo um contacto próximo e regular com estes. Cerca de um mês antes da primeira entrevista, a mãe de Samira veio de Cabo Verde para ajudar a filha naquilo que fosse necessário até ao nascimento da neta. Nas palavras de Samira “*a minha mãe veio para cuidar de mim, porque se não eu não me alimentava bem ou não descansava o suficiente (...)*”

Samira refere-se a si como uma pessoa com uma certa dependência relativamente aos seus pais; sobre as pessoas significativas da sua vida parecem existir as dimensões claramente delineadas do feminino e do masculino. Sobre este universo ou dimensão feminina, descreve

a mãe como sendo como ela: *“Ela é assim como eu, acha que para as coisas ficarem bem feitas tem que ser ela a fazê-las”*. Na dinâmica do processo de *tornar-se mãe*, Samira refere-a como a pessoa *“que acalma, que está lá sempre e que dá conselhos”*. O universo masculino agrega o seu pai e o seu companheiro com características semelhantes; *“pouco stressado, com aquela maneira assim, as coisas vão acontecer, não interessa como, mas vão acontecer”*. Aliás, estes universos aparecem também sustentados numa dimensão cultural, na medida em que, sobre o processo de tornar-se mãe em Cabo Verde, Samira refere que esta é uma postura significativa, ou seja, as mulheres envolvidas, com o bebé e entre elas, nas preocupações relativas à mãe e ao bebé e, os homens, pouco presente física e emocionalmente e pouco significativos, quer na relação com as mulheres, quer na relação com os bebés.

Ao longo dos três encontros com Samira, que deram lugar às três narrativas, prossegue a compreensão da transformação dos conteúdos em alguns temas, no sentido de uma certa integração psíquica de elementos dispersos ou clivados, permitindo a elaboração de determinados fantasmas. Numa análise mais interpretativa daremos conta desses movimentos mais transformadores ao longo do processo de tornar-se mãe, incluindo as dinâmicas criadas na relação com a cultura (no ponto *“Três narrativas em análise”*). Contudo, de seguida, faremos uma apresentação daquilo que se tornou mais saliente em cada um dos encontros, em cada uma das narrativas (por volta das 30 semanas, pelas 36 semanas e após o nascimento de Mayra – 6 meses). Estes temas tomados isoladamente, isto é, sem a análise global de todo o processo, assumem configurações diferentes. Ou seja, por um lado, cada encontro trouxe uma especificidade que merece ser analisada à margem do processo total, possibilitando uma compreensão dos vários momentos do processo de tornar-se mãe, por outro lado, esta compreensão vai sendo alterada à medida que se vai analisando a sequência, encadeamento e configurações das três narrativas. A relação intersubjectiva constituída em cada encontro e ao longo dos três encontros, entre entrevistadora e entrevistada, foi sendo também transformada e elaborada, o que permite uma compreensão da subjectividade materna numa lógica de sequência de transformações.

Por volta das 30 semanas

Samira inicia a sua narrativa e a relação com a entrevistadora, referindo-se ao seu posicionamento face ao desejo de tornar-se mãe e ao impacto que esta realidade teve na sua organização, procurando situar-se no presente e perspectivando o futuro.

“Esta coisa de me tornar mãe é estranha para mim porque não era algo que eu estava a pensar. Sempre soube que gostava de ser mãe, sempre soube que gostava de ter um filho, mas nunca pensei em algo concreto, nunca fiz planos concretos e nunca pensei seriamente no assunto” (...) “eu acho que ninguém nasce preparado, há pessoas que dizem “ah eu nasci para ser mãe” mas acho que toda a gente tem que se preparar para “bem agora as coisas vão mudar para sempre” e eu nunca tinha pensado nisso, tinha outras ideias, tinha outros planos”.

Samira refere então esta ideia de se preparar para a mudança, para as alterações significativas e irreversíveis que irão suceder-se. Estas alterações externas são mais facilmente nomeáveis; *“Eu já estou a imaginar a casa a mudar, as coisas todas a mudar e o ritmo de vida a mudar, e o ciclo do sono a mudar, as horas das refeições também a mudarem.”*. Estas alterações parecem deixar adivinhar as alterações internas que se sucederão mas que parecem ser ainda nebulosas em Samira, ficando a reflexão da entrevistadora, por esta altura, sobre esta mulher a viver um tempo confuso face à antecipação das mudanças e confuso também pela inundação da ansiedade, dos medos e receios, da incerteza de ser suficientemente capaz (por outras palavras, de ser suficientemente boa).

O primeiro medo a ser reconhecido é o medo da perda. *“(...) O maior medo que eu tive sempre é, e se eu tiver um aborto? Foi assim o maior medo. E se eu cair? E se eu cair das escadas? E se eu comer alguma coisa que não faça bem à bebé, e se... o medo maior foi, agora que estou grávida e apesar de não ter planeado, e se eu perder? E se eu perder a bebé? E é um medo que se mantém até hoje, e ainda hoje, eu estou com 30 semanas.”*. Samira enuncia ainda os receios, após o nascimento, relacionados com os cuidados básicos (e aqueles que garantem a sobrevivência do bebé) como o amamentar, a segurança no banho e os ciclos de sono, como desafios à sua possibilidade de se constituir uma mãe suficientemente capaz. É nesta sequência dos receios e incertezas que Samira se refere à questão central no que diz respeito também às suas mudanças mais internas. *“E é um medo (...) um medo de não poder controlar muita coisa, de não ser a única pessoa (...) Se eu perder o controlo de alguma coisa, se é que isso acontece, pode ser só da minha cabeça, provavelmente, vou ser só eu a sentir essa coisa a fugir-me das mãos. Ok, eu não sei o que fazer com esta criança, não sei o que fazer com este bebé (...) Será que eu vou conseguir?”*

No mesmo encadeamento de ideias, aborda ainda a forma como sente a apropriação desta fase do processo. Parece existir concomitantemente o início do estabelecimento de uma relação exclusiva com este bebé em crescimento e a relação individual com este processo de transformação. Ambas são profundamente exclusivas e, no limite, individuais, sendo que

nenhuma presença terá espaço nesta fase do processo, nem Samira parece estar disponível para pensar o redimensionamento do espaço relacional, para além dela e da relação com a bebé. *“(...) e ainda mais porque sinto, apesar do pai da bebé estar sempre presente, e da minha mãe estar sempre presente, e de toda a gente estar muito presente, só eu é que estou a viver isto, só eu é que sinto as dores, só eu é que sinto a bebé mexer-se, apesar de irmos às ecografias, mas parece que só eu é que estou a viver isto, só eu, só eu, só eu.”*

Sobre o dimensionamento do espaço relacional, percebe-se em Samira um movimento de procura de identidade a um nível transgeracional. Ao mesmo tempo que reconhece a sua condição de dependência relativamente aos pais, reconhece também que terá agora uma pessoa a depender dela. A sua posição face a esta dimensão de dependência parece estar ainda em curso e num processo transformador. *“A ideia que eu tenho, ou a certeza que eu tenho é que ela vai depender de mim durante muito, muito, muito tempo, aliás, senão para sempre, porque eu ainda dependo um bocadinho da minha mãe e do meu pai.”*

Neste primeiro encontro aparece o último tema, através da proposta directa da entrevistadora referindo-se à relação entre a cultura de origem e o processo de tornar-se mãe. Samira, sobre esta proposta, procura situar-se relativamente às duas culturas portuguesa e cabo-verdiana, encontrando-se numa posição entre culturas. *“Eu já estou cá há muito tempo e estou assim, estou num entre mundos, não me sinto totalmente, sinto-me cabo-verdiana, mas sei que por exemplo, se eu for agora para Cabo Verde muitas das coisas que deixei já nem sequer existem ou estão completamente modificadas ou estão diferentes, mas também não me sinto portuguesa ao ponto de dizer ”Ah, eu agora sinto isto como uma coisa que é um processo 100% Português (...)”*

Possivelmente ainda sobre o efeito de uma certa necessidade em tornar clara uma opção por esta ou aquela cultura, Samira salienta a expressão da confusão na tentativa de delimitar algo que aparenta ser bastante poroso, as fronteiras da dimensão cultural. *“(...) Por isso acho que, não sei, não tenho bem a certeza em relação a isso, se calhar acaba por ser uma confusão apesar de não ter, de não estar, não ter assim muita ideia de como é que o ser cabo-verdiana pode estar a influenciar este meu processo, não sei, por acaso não tinha pensado nisso antes, não sei mesmo.”*

Sobre a dimensão cultural importa referir a importância da relação constituída com a entrevistadora, na medida em que não será certamente indiferente a pertença clara desta última a uma cultura portuguesa. Samira parece querer reduzir as distâncias que possam existir entre estes dois personagens em relação, aliando-se a uma representação pouco positiva da cultura cabo-verdiana, como sendo muito ligada a mitos e tradições, sem qualquer

fundamento científico. Por contraste, Samira esforça-se por salientar os conhecimentos científicos que possui sobre o processo de tornar-se mãe, próximo talvez daquilo que poderá ser a sua fantasia sobre a posição da entrevistadora e significativamente distante de Cabo Verde.

“Ela não consegue perceber a ideia das ecografias, é normal, e por mais lhe eu lhe diga que é uma menina, que eu sei que é uma menina, ela diz que não, que ainda não sabemos mas que pode ser uma menina porque ela mexeu-se desde os três meses. “(...) A minha avó dizia sempre, tu tem cuidado porque os bebês se nascerem antes do tempo tem que ser com sete meses, porque os bebês de sete meses sobrevivem e os bebês de oito meses não sobrevivem. E eu sempre a pensar “mas não faz sentido, porque se tem oito meses, mais velha é, mais desenvolvida está, é provável que tenha mais chances” e eu li isso num livro que eu estou agora a ler e isto tem muito de científico afinal”.

Pelas 36 semanas

O segundo encontro com Samira decorreu já em sua casa e primeira morada de Mayra (nome fictício), assim se chamará a sua filha, nome que esta mãe anuncia com orgulho à entrevistadora. A existência de um nome para a bebé, parece traduzir simbolicamente uma certa mudança relativamente ao último encontro. Nas *“notas de campo”* da entrevistadora, neste segundo encontro ficou atenuada a sensação de estranheza da primeira narrativa, deixando a descoberto um lugar inquieto em Samira quanto à relação que irá estabelecer com a sua filha, mas acima de tudo quanto à sua identidade antes e depois do nascimento de Mayra. No fundo, fica a marca deste encontro onde Samira aparece preocupada e inquieta, num discurso centrado nas suas necessidades, agora que este processo de tornar-se mãe, nas palavras de Samira, *“já parece mais real!”*

Este sentido de algo que se torna realidade aparece como o tema inicial introdutório da narrativa, por um lado, pela proximidade com a data do parto que coloca em antevisão a realidade após o nascimento da bebé, por outro, pelo processo que se foi constituindo até esta altura nas várias transformações físicas e psíquicas. *“(…) é mesmo aquela coisa que vai passando de uma fase para a outra muito subtilmente e vão-se notando as diferenças, mas vão acontecendo aos pouquinhos, não é uma coisa abrupta”.* Samira parece encontrar-se num momento em que começa a fazer as despedidas do tempo de gravidez, e dessas despedidas faz parte uma certa avaliação do processo e das mudanças que foram ocorrendo, para dar lugar a

uma maior intensidade das fantasias sobre a bebé e sobre a relação que poderá vir a ser estabelecida entre elas.

“Acho que vai ser só mais uma transição, ela está dentro e daqui a pouco vai estar cá fora, então já é um processo que está a decorrer. Se calhar isso é uma coisa diferente da outra vez que falámos. É uma sensação que eu tenho, que já sou mãe, até porque os movimentos já são maiores, já a sinto com mais frequência, ela reage ao toque, então dá a sensação, como ela responde, que já há uma maior interacção, a grande diferença vai ser quando sair cá para fora.” (...) “E já ter nome, não só ter o primeiro nome mas já ter o nome completo e esta última ecografia ter sido muito clara, de vermos o nariz, de vermos a boca, de vermos os olhinhos a mexer e da médica dizer: “ah este nariz é o nariz da mãe” então tudo isto ajuda, vai ajudando nesse processo de perceber que muito em breve vou ter a bebé nas mãos e vou ver que realmente é a minha filha, que estava lá dentro, que nunca tinha visto, mas que agora vou ver, que vou trocar as fraldas, que vou dar de mamar, e que vou acalmá-la quando chorar, e vou dar banho (...)”

Samira fala sobre o modo como a relação com os outros à sua volta foi sendo alterada pela transformação decorrida ao longo deste processo. Neste ponto, a possibilidade de ser notada e cuidada por via da condição materna, surge como bastante relevante: *“(...) as pessoas já têm esse cuidado em dizer: “não tem que ficar na fila, pode vir, pode passar à frente” e noto que sim, que ajuda bastante o facto das pessoas já perceberem e darem importância a isso, aquela sensação de que as pessoas notam que eu estou grávida e perguntam se é um menino ou uma menina, e se eu preciso de alguma coisa, isso é bom também, ajuda bastante”.*

Possivelmente, também pela proximidade com o nascimento da bebé, Samira refere-se ao modo como sente a ligação com a bebé, no sentido de uma total dependência. A dependência da bebé em relação a ela, ainda antes do nascimento que permite a sobrevivência e que se irá prolongar pelo resto da vida de ambas. *“Não sei se é, será bonito de se dizer, mas eu tenho a sensação, não, não é a sensação é mesmo a certeza de que a bebé vai depender de mim em todos os sentidos, não é? Ela agora depende de mim até para sobreviver (...) foi uma ideia que eu fui cultivando de que ela vai depender de mim completamente.”*

Neste encontro, o último tema foi dedicado às possibilidades de encontro entre o processo de tornar-se mãe e a cultura, neste caso, a cultura cabo-verdiana. Samira volta a situar-se a um nível da dicotomia das diferenças entre Portugal e Cabo Verde, representadas através do conhecimento científico (no primeiro) e a ligação mais próxima daquilo que Samira designa por processos naturais (em Cabo Verde). Samira explora estas diferenças

colocando-se numa ligação de maior proximidade com as práticas culturais portuguesas, distanciando-se assim da sua cultura de origem. *“O facto de eu estar a viver esta gravidez aqui, provavelmente trouxe-me muito mais angústias e muito mais ansiedades do que se eu estivesse em Cabo-Verde. Eu acho que se estivesse em Cabo-Verde o processo seria muito mais natural, não viria, com tanta ansiedade, como vivi cá. Mas também tem a ver com a quantidade de informação que tive acesso cá. Acho que as angústias, as ansiedades, os medos e os receios aumentam muito mais quanto mais científico as coisas forem, quanto mais estudos houver.”*

Apesar de Samira referir esta dimensão da angústia ligado ao conhecimento científico, essa relação parece ser sentida como necessária e incontornável no seu próprio processo, revelando-se mais próxima ainda de um lugar mais distante ou mais vago (a Europa ou o Ocidente). *“Foi tudo feito à custa de informações e de ideias e nem é português, é muito europeu, muito ocidentalizado, pronto, tudo isso, então não tenho a noção, de que me tenha lembrado não fiz nada que é feito em cabo-verde até porque eu não sei do que se faz lá ou não, pode até nem se fazer grandes coisas, mas eu também não tenho a noção.”*

Surge ainda no discurso de Samira um outro lugar onde se procura situar; um “não-lugar” como uma “não-cultura”. *“Se a minha avó tivesse cá ela de certeza que poria um fio na barriga da bebé, só para fazer a diferença, de não ser uma coisa muito, muito desprovido do ser Cabo-Verdiano, muito vazio, muito ocidental, sem muita cultura, muito científico. Gostava de ter alguma coisa que indicasse “ah esta bebé é filha de uma Cabo-Verdiana”, de certeza que eu não tenho, não vou poder passar porque eu também não tenho para aparecer, se assim se pode dizer.”*

Esta dimensão de um lugar desprovido de cultura a que se refere Samira, parece ter sido partilhada pela entrevistadora, nesta primeira visita que decorreu na casa de Samira. A entrevistadora deu conta nas “notas de campo” de um certo desconforto no confronto com as suas representações sobre cultura, na medida em que esperava encontrar na casa de Samira algum traço de Cabo Verde, um cheiro da comida do dia anterior, a disposição do espaço habitacional, as fotografias das pessoas e lugares, algum objecto decorativo ou funcional tradicional de Cabo-Verde, mas nenhuma destas possibilidades veio a realizar-se. Sobre a casa de Samira ficou a descrição de um espaço regular, destinado ao funcionamento básico de uma família, um lugar que se poderia pensar que se destinava a uma curta estadia ou a um período de transição.

Após o nascimento de Mayra – 6 meses

O terceiro e último encontro com Samira decorreu numa casa nova, após a mudança ocorrida no primeiro mês de vida da bebé. Decidiram mudar de casa por considerarem a anterior demasiado pequena, sendo que esta mudança estava planeada anteriormente, no entanto tal só foi possível após o nascimento da bebé.

A actual casa, mais espaçosa efectivamente, aparenta ter-se tornado mais harmoniosa no modo como Samira falou dela e da sua filha, numa combinação de mudanças confluentes. A forma de receber a entrevistadora foi de longe a mais entusiasmada de todos os encontros, directamente ligada à oportunidade de apresentar Mayra. Nas apresentações iniciais e no tempo posterior de contemplação da bebé, Samira sorria radiante, com acenos de cabeça, em gesto de aprovação às iniciativas de interacção por parte de Mayra. Apesar de o olhar da entrevistadora estar dirigido para a mãe, na curta observação da interacção da díade, prevalecia uma harmoniosa interacção entre mãe e filha. No lugar de uma mulher dominada por uma aparência frágil e um tanto apática surgiu uma mulher enérgica, mobilizada face a esta bebé e com um olhar diferente sobre o processo de tornar-se e constituir-se mãe.

De um modo geral, Samira apresenta uma espécie de balanço entre aquilo que eram as suas expectativas, relativamente a momentos como o parto ou o tempo logo após o nascimento de Mayra, e aquilo que foi sentindo nesses períodos. Outros temas ou análises foram também surgindo neste encontro, permitindo compreender alguns movimentos transformadores.

Num primeiro momento, Samira refere-se ao processo de tornar-se mãe de um modo absoluto, *“Não é o que eu estava à espera. Não é totalmente o que estava à espera.”* Apesar desta frase inicial ter sido interrompida por outra ideia que não permitiu desvelar o sentido atribuído, em outros momentos da narrativa parece-nos que seria sobre estas partes que Samira se referia ao todo. A constatação do estado de fadiga profunda após o nascimento, acompanhado pela atenção totalmente focada na bebé traduziram-se numa grande dificuldade de ajustamento. *“No primeiro mês foi mesmo um choque porque tinha de ser de três em três horas e eu tinha que estar de relógio a contar os minutos e a contar as horas, e agora é o leite e agora é mudar a fralda e agora é...enquanto que aquilo que eu ouvia as outras mães a falar era de um mundo maravilhoso de amor, um mundo todo cor-de-rosa e dos bebés a sorrirem e disso tudo e foi mesmo assim, foi mesmo um choque.”*

Nesta dificuldade de ajustamento, Samira revela este choque temporário entre as suas expectativas e a realidade, produzindo novamente dúvidas sobre a possibilidade de ser uma

mãe suficientemente capaz. *“Estava à espera que fosse mais cor-de-rosa do que foi e não foi assim tão...houve momentos muito baixos, assim de sentir-me perdida, de sentir-me... (...) houve alturas em que eu sentia “Ok, eu não vou conseguir! Este primeiro mês eu não sei o que é que vai acontecer, não é? Mas eu não vou conseguir!”. E sim, agora já estou mais calma!”*

A descrição do processo dominado por sentimentos de frustração e de expectativas desapontadas, é acompanhado pelo reverso, ou seja, por expectativas ultrapassadas, nomeadamente, sobre o momento do nascimento. *“E depois...veio então o dia do parto que foi, não sei se devo dizer mas foi maravilhoso! O parto correu lindamente e aí está, as aulas de preparação para o parto foram muito boas nesse sentido. Mas foi...foi mesmo muito bom, melhor do que eu estava à espera!”*

Ainda neste sentido, surge a possibilidade de integração, entre aquilo que foram as dificuldades de ajustamento e o sentimento global de felicidade, podendo coexistir estes diferentes estados. *“Eu sinto que completei o ciclo da felicidade da minha vida, não é? Quando a Miriam nasceu e comecei a cuidar dela e ela veio cá para casa e tornámo-nos uma família, completei o ciclo....parece que aquilo que eu queria eu já tinha, não é?! Apesar de todo o stress, de toda a ansiedade, toda a tristeza, das coisas que não correram bem...mas parecia que estava completa, não é? Que já não me faltava mais nada!*

Samira aborda ainda a mudança significativa sobre a articulação das subjectividades na criação de uma relação intersubjectiva entre ela e a sua bebé. *“Na altura tinha dito que se tratava de um processo, de não ser uma coisa que acontece de uma hora para a outra, ter que me consciencializar “Ok, a partir de agora já não vais ficar sozinha...já não és aquela pessoa independente que eras, etc”. Agora não sou uma pessoa nada independente, não é? Tudo o que eu faço é a pensar consoante o horário da Mayra, consoante o estado de humor da Mayra, consoante o estado em que ela estiver, eu vou planeando a minha vida em redor da Mayra.”*

Samira dedica uma grande parte desta narrativa à relação com os seus pais, tecendo uma análise sobre o modo como construíram essa relação no passado e sobre as características de mãe e pai, realçando aspectos que dão conta de um novo olhar sobre as figuras parentais. Neste movimento, Samira refere-se à transformação dessa relação concomitantemente com a constituição da sua família e na relação com a sua filha.

“(...) Não me fez falta na altura mas eu agora acho que se calhar poderia ter tido uma infância ainda mais feliz se fôssemos capazes de dizer o quanto eu gosto de ti, de abraçar, de dar beijinhos e fazer essas coisas que eu agora faço questão que a Miriam

tenha...” (...) *“Os meus pais sempre foram muito importantes nesse processo. Mas agora, como estão longe e eu já tenho a minha família eles passaram um bocadinho para, eu tenho um bocadinho de pena...mas eles passaram um bocadinho para segundo plano na lista das pessoas importantes.”*

Por último, a propósito da ida de Mayra para a creche, há cerca de um mês, Samira refere-se ao modo como sentiu esta alteração, fundada numa enorme frustração neste processo de tornar-se mãe e fazendo emergir uma angústia de abandono. *“Não estava nos meus planos, faz-me imensa confusão! E a maior parte das vezes eu prefiro que seja o pai a levá-la à creche para eu não pensar que estou a deixá-la e exageradamente que estou a abandoná-la, não é? Que realmente, na verdade, é o que eu penso. Que não faz sentido! Uma mãe devia ser a pessoa a cuidar do filho, mas pronto. Teve que ser, teve que ser... não é uma coisa que eu me orgulhe muito, que eu goste.”*

Ainda sobre o tema da creche, Samira refere-se às diferenças entre Portugal e Cabo Verde, afirmando por essa via o quanto desejava voltar para o seu país de origem. Em Cabo Verde, Mayra não teria que ir para a creche pela possibilidade de suporte familiar, sendo o grande auxílio de Samira no regresso à vida profissional. *“Mas o que acontece e que eu estaria disposta a fazer se o Cláudio (pai de Mayra) estivesse disponível a ir comigo para Cabo Verde, que ele não está, era ir para Cabo Verde e ter a nossa vida em Cabo Verde “ (...) “Porque a cultura em Cabo Verde é....as mulheres trabalham, não é? Sempre...mas arranjam sempre alguém para cuidar dos filhos em casa ou as mães, ou as avós cuidam dos netos, mas a criança nunca sai do ambiente da casa”.*

Após esta introdução dos aspectos valorizadores da vida em Cabo Verde, por contraste com as opções disponíveis em Portugal, Samira apressa-se a repor o valor do país que escolheu para viver. *“Foi aqui que eu conheci o Cláudio, foi aqui que a Mayra nasceu, foi aqui que eu tirei o meu curso, foi aqui que eu me formei... eu sempre trabalhei aqui, quer dizer... trabalhei uns meses, mas poucos, em Cabo Verde...por isso eu sou, uma parte eu sou de cá.”*

Três narrativas em análise

Retomando a proposta de Hollway & Jefferson (2000), acerca da análise das narrativas de livre associação de ideias salientamos os pressupostos sobre a compreensão do sujeito psicológico. Assim, a inscrição metodológica assenta sobre a concepção teórica da

dinâmica do inconsciente, preconizando a existência de um significado latente naquilo que é dito pelo sujeito. Através deste significado latente acedemos à subjectividade individual constituída na relação intersubjectiva.

Neste sentido, após a apresentação geral dos temas salientes das narrativas construídas ao longo do tempo entre entrevistador e entrevistado, procuraremos dar conta da dinâmica interactiva dos encontros e da relação entre os conteúdos, alguns elaborados e transformados, outros constantes ao longo do processo. Procuramos assim uma compreensão do sujeito psíquico no encontro entre a subjectividade materna e a cultura.

Da análise interpretativa das narrativas sobressaíram assim quatro grandes linhas de possibilidades temáticas; (1) Ameaça à identidade, investimento narcísico e integração; (2) Dependência, separação/individuação e desidealização das figuras parentais; (3) Dentro/Fora, Continente/Conteúdo, e angústia de perda do amor do objecto; (4) Proximidade, distância e ensaio sobre a cultura.

Cada um destes temas será de seguida abordado situando-nos numa análise interpretativa e fazendo uso, sempre que pertinente, das “notas de campo” da entrevistadora.

1) Ameaça à identidade, investimento narcísico, integração

Samira abre a primeira narrativa, do primeiro encontro com a entrevistadora, com uma dupla reafirmação de um sentimento de estranheza, usado para retratar o processo de tornar-se mãe. A evocação desta estranheza volta a surgir, de forma saliente, ainda nesta primeira parte introdutória, como se essa expressão conseguisse por si só, e em rigor, explicar todas as dimensões do processo de tornar-se mãe. “*Tem sido estranho, com as suas diversas fases, os seus diversos acontecimentos, mas tem sido estranho*”. Ainda ao longo desta fase inicial, Samira acabará por tornar mais legível a possibilidade de entendimento sobre esta estranheza. No entanto, as “notas de campo” da entrevistadora, sem usar o mesmo conceito, dão conta de um estado próximo daquilo que poderia designar-se por estranheza, na medida em que nota no discurso de Samira uma descrição factual algo detalhada mas aparentemente sem ressonância afectiva. Como se fosse um retrato de uma realidade com um fosso de distância, uma realidade externa da qual não se apropriou.

Parece ser esta dimensão daquilo que cresce dentro e do que ainda não é possível ser integrado que surge nesta dimensão. Como se pudesse causar uma certa dissociação entre aquilo que fisicamente está dentro do corpo materno mas que ainda não tem espaço dentro de um continente. “*Com a primeira ecografia pensei; “Tenho alguma coisa a crescer dentro de*

mim que está a crescer, que não vai parar de crescer, que vai crescer até nascer.” Acho que foi a partir daí que comecei a pensar... “Isto já é uma realidade, já é uma coisa que vai acontecer e é melhor eu preparar-me”...”

A estranheza aparece assim ligada a uma percepção alargada da identidade, como se a possibilidade de ser mãe, de ter um bebé a crescer dentro dela, viesse questionar; *quem sou eu?, quem são os outros?* e posteriormente, *como me relaciono com esses outros?* “Claro que eu acho que ninguém nasce preparado, há pessoas que dizem “ah... eu nasci para ser mãe” mas acho que toda a gente tem que se preparar para “bem... agora as coisas vão mudar para sempre” e eu nunca tinha pensado nisso, tinha outras ideias, tinha outros planos...” Samira descreve-se como uma pessoa muito ansiosa, com necessidade de controlar tudo à sua volta, com dificuldade em confiar na acções dos outros. Parece ser esta ansiedade motivada por uma mudança definitiva, uma mudança que pode colocar em causa a sua identidade, que se evidencia no discurso de Samira. Como se, nesta etapa e sobre a dimensão identitária, o fantasma deste bebé pudesse ser a ameaça externa, em certa medida perigosa, e da qual teria que se proteger. A ideia da estranheza do discurso, sentida pela entrevistadora e abordada por Samira, associada a um certo distanciamento, poderá ter sido sentida neste movimento de guardar distância para não se deixar invadir por fantasmas inquietantes e ameaçadores da identidade. A esta dimensão acresce o peso da realidade que impõe a necessidade de mudança potencialmente desorganizadora do espaço e do tempo. “Eu já estou a imaginar a casa a mudar, as coisas todas a mudar, e o ciclo do sono a mudar, as horas das refeições também a mudarem”. É esta realidade potencialmente desorganizadora que se sobressai perante uma identidade ameaçada.

A esta primeira introdução vem juntar-se a ameaça à identidade por um fantasma de aniquilação, como se a possibilidade de conferir uma existência ao bebé, implicasse o deixar de existir. “É um medo, um medo de não poder controlar muita coisa, de eu não ser a principal protagonista nisso, de não ser a única pessoa, de não poder pensar: “Ok, isto vai ser como eu quero, da maneira como eu estou a pensar”. Parece assim que o reconhecimento de uma segunda identidade (bebé) neste processo conduz à anulação da possibilidade de Samira existir diferenciada deste bebé.

Este tema, particularmente relevante no primeiro encontro, surge acompanhado por aquilo que designámos por investimento narcísico, possivelmente em defesa desta identidade ameaçada. Em Samira aparece uma sobrevalorização da função materna, na medida em que introduz um reforço narcísico, pela possibilidade de fazer existir uma outra vida e dessa vida depender inteiramente dela. “Eu lembro-me sempre de manhã estar a pensar, eu não tenho

vontade nenhuma de me levantar, mas eu tenho que me levantar porque eu tenho que comer. Não tenho fome mas tenho que comer, ainda mais se a bebé der um pontapé, “Ups, já me está a mandar um recado, vamos lá comer”. E são essas coisas que eu acho que só eu é que posso fazer, só eu é que tenho que fazer, é tudo da minha responsabilidade, tudo eu, tudo eu. Mas o que não é mau, se formos ver as angústias provavelmente será, mas ter a responsabilidade toda não é assim tão mau.” Nesta fase, a carga fantasmática da relação com o bebé revela-se por um funcionamento em espelho, uma relação especular. O investimento de Samira na construção deste vínculo de amor, de capacidade de “dar” incondicional que faz aparecer acima de tudo uma mulher que se quer perceber como capaz, como uma mãe suficientemente boa, aos olhos dos outros, nomeadamente da entrevistadora. Neste contexto, o retrato da relação é desenhado através de uma mulher/mãe numa posição de submissão às vontades quase tirânicas do bebé e portanto, de um certo masochismo, mas envolto na possibilidade de Samira ver confirmado o investimento narcísico nesta relação.

O espelho da relação, por via do investimento narcísico, volta a surgir num segundo momento com maior intensidade, já no segundo encontro (36 semanas de gravidez), onde este bebé aparece a preencher um grande vazio. Samira fala de um casal amigo que não consegue ter filhos para sublinhar o lugar ocupado pelo seu bebé. *“(…) E então é esta a sensação que eu acho que sentiria se fosse o meu caso, agora isto é um vazio, não consigo dar continuidade à minha existência, não tenho mais nada, se acabar acabou e não há mais nada. Enquanto eu penso, daqui a 18 ou 20 anos vai existir alguém que nasceu e que é minha filha, que é minha, que eu cuidei, que amamentei, que vesti e é uma sensação muito boa, muito boa...”*. Existe aqui a fantasia de que o vazio, enquanto falha narcísica, pode agora ser reparado por via deste bebé que vem restabelecer uma relação de amor incondicional, na possibilidade de amar e ser amada.

Ainda sobre este tema, neste segundo encontro, o investimento narcísico surge numa lógica do espelho alargado dos outros. Samira fala da sua condição de grávida, neste processo de tornar-se mãe, enquanto possibilidade de se ver reconhecida através dos olhos dos outros. *“Agora as pessoas vêem a barriga e já não vêem contra mim, agora são poucos os que me empurram porque agora já se vê, as pessoas já notam, olham para mim com aquele sorriso nos olhos. Pessoas que provavelmente não falariai comigo antes, agora perguntam; “É uma menina ou um menino?” (..) antes passava completamente despercebida...”* Se por um lado, é realçado este investimento narcísico, por outro, aparece aqui esta relação mais ou menos estreita entre este investimento enquanto defesa contra uma identidade ameaçada. Ou seja, o processo transitivo deste tornar-se mãe, coloca temporariamente este estado de alerta

relativamente a uma potencial ameaça da existência, da identidade mas coloca, temporariamente também, este investimento narcísico ao serviço da defesa contra esta ameaça.

O último encontro com Samira (6 meses após o nascimento da bebé) foi pautado pela possibilidade de reconstituição de um certo equilíbrio. O encontro, na sua globalidade, assumiu uma tonalidade de tranquilidade, de uma certa recomposição de um estado menos organizado, por assim dizer, que se sucedeu ao longo da gravidez, com a possibilidade de integrar física e psiquicamente um novo elemento relacional. *“Quando a Miriam nasceu e comecei a cuidar dela e ela veio cá para casa e tornámo-nos uma família, completei o ciclo. Parece que aquilo que eu queria, eu já tinha, não é? Apesar de todo o stress, de toda a ansiedade, toda a tristeza, das coisas que não correram bem... mas parecia que estava completa, que já não me faltava mais nada.”* Parece surgir em Samira um discurso de integração, sobre a possibilidade de viver a relação com a sua bebé, sem a inquietação de uma identidade ameaçada e sem o recurso a uma certa idealização do processo de tornar-se mãe. Este processo parece implicar ansiedades, tristezas e stress mas compatíveis com um sentimento de completude.

Esta terceira entrevista é marcada assim, por vários momentos em que Samira descreve esta possibilidade de sentimentos integrados relativamente à relação com a sua bebé. Uma certa ambivalência de sentimentos saliente nas entrevistas anteriores deu lugar a esta perspectiva integradora da sua posição enquanto mãe, composta pela constituição de um espaço psíquico alargado e capaz de se tornar um continente na relação com a bebé.

“Às vezes eu estou completamente cansada! Tenha a minha casa para arrumar, fazer o comer e não sei mais quê... tenho todas as coisas para fazer e estou muito cansada e a Mayra, às vezes está cansada, está stressada e chora mas depois ela está a dormir e a fazer aquele som “hum, hum, hum” e eu fico completamente derretida “Ok, era isto... Era isto que eu estava à espera! Era isto que me estava a fazer falta! Parece que ela completa assim uma parte da minha vida, que era tudo o que eu queria.”

2) Dependência, Separação/individuação e desidealização das figuras parentais

Este ponto surge com uma configuração compartimentada sobre a análise da dependência e separação, contudo, os dois naturalmente encontram-se profundamente interligados, assim como (neste caso), a desidealização das figuras parentais participa activamente destas configurações.

Samira aborda na mesma frase, (primeiro encontro) exactamente o duplo significado desta dimensão de dependência; por um lado, percebe-se ainda dependente dos seus pais, por outro lado, perspectiva, a relação de infinita dependência da bebé em relação a ela. Posto assim, por esta via, parece ficar garantida a relação de dependência entre todos estes elementos transgeracionais, evitando assim a possibilidade dolorosa da separação, mas também a possibilidade de autonomia e crescimento. *“A ideia que eu tenho, ou a certeza que eu tenho é que ela vai depender de mim durante muito, muito, muito tempo, aliás, senão para sempre, porque eu ainda dependo um bocadinho da minha mãe e do meu pai.”*

Mais à frente na narrativa deste encontro, Samira trata estas relações de dependência separadamente. Ou seja, após este enunciado sobre a teia de dependências, refere-se então à estreita ligação de dependência que mantém com a mãe e ao modo com esta se ligou à sua gravidez. A mãe de Samira, envolta de uma necessidade de cuidar da filha, parece alimentar o fantasma de Samira não ser suficientemente capaz de cuidar dela própria, dependendo por isso da mãe. Este fantasma parece reflectir as dúvidas de Samira sobre a possibilidade de ser uma mãe suficientemente capaz (ou boa), dado que a mensagem simbólica transmitida pela sua mãe, tem como significado esta ideia de Samira não poder cuidar de outros (nomeadamente da bebé), por não conseguir, antes de mais, cuidar dela própria. *“A minha mãe mal soube que eu estava grávida foi assim uma coisa, veio logo, e queria ficar comigo e queria...”* (...) *“As coisas para ficarem bem, ela tinha que vir, também por outras razões, tinha que vir porque senão eu não me alimentava bem, senão eu ia ficar em casa e não conseguia, sei lá, alguma coisa ia acontecer então ela tinha que estar comigo para que a gravidez fosse o melhor possível...”*

Sobre a outra dimensão da dependência, Samira torna saliente a relação de dependência que se iniciou já com a bebé e que se irá manter ao longo do tempo. *“Então é a sensação de que é um ser em crescimento que agora já está quase pronto, que vai nascer daqui a pouco tempo e que já não vai estar na barriga, e que vai sentir frio, e vai sentir calor e que pode ficar doente, e pode acontecer alguma coisa, vai chorar, vai dormir e pronto, acaba por ser um ser independente porque já não está na minha barriga, mas que vai continuar dependente ...”* (...) *“foi uma ideia que eu fui cultivando de que ela vai depender de mim completamente.”* Neste encontro, Samira parece inquietar-se com este tema da dependência eventualmente, associando ao tema da identidade, já que o fantasma da dependência (das imagos parentais e da ligação ao bebé) parece conduzir a uma espécie de asfixia, o que dificulta a manutenção de uma identidade distinta e delimitada dos outros.

Apesar de os dois primeiros encontros terem sido marcados por uma certa antevisão ou expectativa de separação do bebé, Samira revolve com frequência o tema dos limites entre o dentro e do fora, o interior e o exterior do corpo (desenvolvido noutra ponto da análise), mas é efectivamente no último encontro (após o nascimento de Mayra) que se compreende o desenvolvimento real e simbólico desta dimensão da separação.

Samira parece situar-se face a esta separação (fisiológica e simbólica através do parto), de forma aparentemente menos inquieta, por via de uma certa garantia de que a relação de dependência da bebé se tornou incontornável, bem como pelo impacto da evidência da realidade acerca das necessidades do bebé.

Acerca do outro nível de dependência, Samira parece introduzir um novo movimento ao nível da separação e individuação relativamente aos seus pais, directamente ligado a um processo que designámos por desidealização das imagos parentais.

Assim, Samira parece eleger o afastamento físico da mãe (e do pai) enquanto dimensão simbólica capaz de retratar esta separação psíquica. *“Mas agora, como estão longe e eu já tenho a minha família eles passaram um bocadinho para, eu tenho um bocadinho de pena...mas eles passaram um bocadinho para segundo plano na lista das pessoas importantes. (...) A minha mãe está muito longe e ela estava cá presente. Portanto, ela esteve presente durante a gravidez e deu-me todo o apoio que eu precisava e ajudou-me em tudo o que eu precisava mas com o afastar fisicamente, também afastou-se um bocadinho esta importância, não é? Já não é tão importante para mim como...como era!”*

Esta separação e individuação não teria sido possível se não decorresse um outro processo paralelo; a desidealização das imagos parentais. Este processo pode ser acompanhado em Samira, num movimento de revisitar o passado da sua infância e o seu desenvolvimento na relação com as figuras parentais. Dessa “viagem” ao passado, mas também do presente, surge então a possibilidade de integrar as dificuldades e limitações da relação com pai e mãe, tornando desnecessário o recurso à idealização. Deste modo, Samira pode iniciar um movimento de separação das figuras parentais para se poder constituir também ela uma figura parental na relação com a sua filha.

“(...) Mas eu agora acho que se calhar poderia ter tido uma infância ainda mais feliz se fossemos capazes de dizer o quanto eu gosto de ti, de abraçar, de dar beijinhos e fazer essas coisas que eu agora faço questão que a Miriam tenha” (...) “Numa dada altura, passámos a ser uma família muito... acho que a palavra é emaranhada, não é? Parecia que não havia limites entre o meu pai e eu, entre a minha mãe e eu, entre a minha irmã e eu e estávamos todos ali muitos dependentes uns dos outros. Os meus pais muito controladores e

sempre muito em cima e na altura nós não tínhamos como não permitir, não é?” (...) “Faz-me imensa confusão eu ter estado 9 meses grávida, uma gravidez que eu quis, que eu desejei... ter estado com ela cinco meses, seis meses....e agora entrega-la a uma terceira pessoa que eu não conhecia de lado nenhum para cuidarem da minha filha, coisa que eu não faria nem com a minha mãe.”

3) Dentro/Fora, Continente/Conteúdo, e angústia de perda do amor do objecto

Este terceiro ponto de análise foi construído numa lógica ligeiramente diferente dos pontos anteriores, na medida em que estes pretendiam ilustrar processos transformadores que acompanharam a regularidade dos encontros, que tendiam para um certo “equilíbrio”. As temáticas que neste ponto nos propomos analisar, aparecem também elas transformadas, mas a abordagem procura explorar as diferentes configurações que foram assumindo ao longo do processo de Samira em tornar-se mãe.

Os temas eleitos neste ponto, interligam-se em grande medida com os pontos anteriores, apenas numa lógica de organização prática da informação fará sentido esta análise dos temas espartilhada, pois na organização psíquica todos estes temas se relacionam e sobrepõem.

O tema da constituição psíquica, da delimitação entre o dentro e o fora, o que possibilita a configuração de uma identidade e, posteriormente, a relação entre o eu e o outro é abordado também numa relação directa com a constituição de um continente e conteúdo, no limite, também a angústia da perda do amor do objecto poderá ter lugar nestas relações. Passaremos a explicitar cada um destes pontos.

Samira aborda no primeiro encontro e na abertura da narrativa grande parte destas questões que se vão tornando mais claras ao longo da interacção, ainda que os contextos vão sendo alterados. Assim, neste processo de tornar-se mãe, Samira salienta claramente esta necessidade de delimitação entre o dentro e o fora, sob várias perspectivas. A própria dimensão fisiológica parece suscitar alguma necessidade de restabelecer as fronteiras, na medida em que o bebé que cresce dentro do seu corpo materno, em certa medida, torna-se também parte integrante da sua constituição física e psíquica. Nesse sentido, será este dentro que pode ser nutriente do desenvolvimento do bebé, e contentor de potenciais agressões externas e internas. O fora (delimitado pelo corpo da mãe) surge como inquietante e com um carácter de perigosidade (algo de mal pode acontecer).

“Foi mesmo com a primeira ecografia que foi a ideia “tenho alguma coisa dentro de mim que está a crescer, que não vai parar de crescer, que vai crescer até nascer” e acho que foi a partir daí que comecei a pensar “isto já é uma realidade, já é uma coisa que vai acontecer e é melhor eu preparar-me.” (...) “Depois é o medo, falta pouco para a bebé nascer, mas que é, quando ela nascer, e agora? Enquanto ela está aqui dentro são só os pontapés, são as dores, são só as náuseas, mas quando ela nascer vai chorar, vai ter que comer a horas, vai ter que dormir e não sei quê, vou ter que dar banho, e tudo isso causa assim uma certa ansiedade, mas que deve ser normal para todas as mães.”

Outra perspectiva decorrente da delimitação entre o dentro e o fora surge com maior clareza no segundo encontro, onde Samira se refere a uma maior diferenciação também entre ela e o bebé. O desafio dos limites coloca-se também na delimitação psíquica entre mãe e filha que são aqui explorados por Samira através dos limites físicos. *“Por isso acho que vai ser só mais uma transição, ela está dentro e daqui a pouco vai estar cá fora, então já é um processo que está a decorrer. Se calhar isso é uma coisa diferente da outra vez que falámos. É uma sensação que eu tenho, que já sou mãe, até porque os movimentos já são maiores, já a sinto com mais frequência, ela reage ao toque, então dá a sensação como ela responde, que já há uma maior interacção, a grande diferença vai ser quando sair cá para fora.”* Assim, pela possibilidade de interacção a que se refere Samira parece existir uma maior possibilidade de distinção entre estes dois seres que partilham o mesmo corpo, relativamente ao primeiro encontro. Apesar desta delimitação um pouco mais clara entre mãe e filha, o dentro permanece composto por ambas (num todo) e o fora é traduzido pelo inquietante e perigoso, até porque é a existência de “um fora” que anuncia a inevitável separação, entre Samira e Mayra. *“Então é a sensação de que é um ser em crescimento que agora já está quase pronto, que vai nascer daqui a pouco tempo e que já não vai estar na barriga, e que vai sentir frio, e vai sentir calor e que pode ficar doente, e pode acontecer alguma coisa, vai chorar, vai dormir e pronto...”*

No último encontro, após o nascimento de Mayra, a necessidade de afirmar limites não pareceu colocar-se da mesma forma que nos encontros anteriores, Samira refere um curto período logo após o nascimento da bebé, onde o eu e o outro pareceram ser reconhecidos com dificuldade, no sentido em que a identidade ou a “existência” (nas palavras de Samira) surgiu ameaçada pela imposição das necessidades da bebé, restando pouco espaço disponível para a identidade de Samira e fazendo emergir uma angústia muito primitiva de aniquilamento.

“Eu tive uma fase na minha vida, nisto de ser mãe, eu tive uma fase em que estava completamente revoltada com todas as minhas amigas que tiveram filhos e que não me

avisaram quão exaustivo ou quão cansativo ou quão...como é que eu hei-de dizer? Que de facto é como se eu tivesse deixado de existir só que... se calhar isso foi uma coisa minha não é?”

A relação continente/conteúdo fica descrita na possibilidade de Samira conter, ainda antes do nascimento, as manifestações fisiológicas da bebé na vida intra-uterina, nos pontapés, nas náuseas, entre outras. Apesar desta dimensão não parecer ser muito sugerida pela narrativa antes de Mayra nascer, a antevisão deste acontecimento (no segundo encontro), permite verificar em Samira a existência prévia desta relação continente/conteúdo “(...) *vai ajudando nesse processo de perceber que muito em breve vou ter a bebé nas mãos e vou ver que realmente é a minha filha, que estava lá dentro, que nunca tinha visto, mas que agora vou ver, que vou trocar as fraldas, que vou dar de mamar, e que vou acalmá-la quando chorar, e vou dar banho (...)*”.

Nesse mesmo encontro Samira volta a abordar esta dimensão continente/conteúdo, numa lógica simultânea da função alfa, acerca da relação com a sua mãe. A mãe de Samira surge então com a possibilidade de conter as angústias de Samira relativas ao processo de tornar-se mãe, traduzindo eventualmente a transformação dos elementos beta em alfa, aparentemente da mesma forma como Samira refere querer fazer em relação à sua filha. “*Depois há a minha mãe que tem tido muito o papel de acalmar, de dizer: “olha eu já passei por isto e eu também estava muito nervosa apesar de ter outras preocupações, mas eu já passei por isso, pelos enjoos, momentos em que pensava que não ia ser uma boa mãe e não sei quê”, mas também numa posição de me mostrar, essa posição mesmo de me mostrar que é tudo normal, que não sou só eu, que o que é preciso é ter calma e não estar muito stressada*”.

Ainda dentro destes temas em análise, Samira deixa a descoberto uma angústia dominada pelo medo da perda do objecto. Esta angústia surge mais claramente no primeiro encontro, onde os medos e o receios se colocam sobre uma perda mais primitiva, a perda física (morte) do bebé. “*Primeiro é de algo que eu não conheço, que eu não fazia a mínima ideia das coisas, do que é que pode acontecer amanhã, o maior medo que eu tive sempre é, e se eu tiver um aborto? Foi assim o maior medo. E se eu cair? E se eu cair das escadas? E se eu comer alguma coisa que não faça bem à bebé, e se... o medo maior foi, agora que estou grávida e apesar de não ter planeado, e se eu perder? E se eu perder a bebé? E é um medo que se mantém até hoje, e se eu cair?, e se acontecer alguma coisa?*”

Nesta angústia são mobilizadas defesas relacionadas com a racionalização e com a procura de um controlo da realidade, com a função de não permitir que essa angústia irrompa.

“Será que eu vou conseguir? E é um medo, e isto se calhar sou eu a generalizar, um medo de não poder controlar muita coisa, de eu não ser a principal protagonista nisso, de não ser única pessoa, ok isto vai ser como eu quero, da maneira como eu estou a pensar.”

O mesmo processo defensivo surge no segundo encontro de um modo bastante intenso, numa mobilização activa de um controlo que surge já, sobre a forma do controlo sobre o acto de controlar, incluindo sobre a (im)possibilidade de fantasiar. *“Tenho que me controlar, tenho que me controlar bastante, porque mesmo, eu fiz as coisas de forma um bocadinho obsessiva, queria que as coisas fossem feitas, e foram feitas, tudo a tempo, agendado, como eu queria. O berço foi, nós montámos o berço porque eu insisti, insisti, insisti” (...)* *“E como é uma coisa que eu não consigo controlar, qualquer coisa pode acontecer, a qualquer momento, então, se calhar é uma das formas que eu achei que podia prevenir isso é sonhar pouco a pouco, pensar nas coisas mesmo a curto prazo.”*

No último encontro, Samira descreve os primeiros tempos após o nascimento como menos marcados por esta necessidade de controlo, revelando uma maior flexibilidade na rigidez adaptativa. *“Mas tem sido mesmo uma óptima viagem, com todas as aprendizagens! Eu já fiz coisas que eu não fazia a mínima ideia e que agora são naturais para mim e que há outras pessoas que falam e para mim faz todo sentido.”*

No entanto, face à necessidade da ida de Mayra para a creche, pouco antes da altura do último encontro, este acontecimento parece vir reactivar, ou visitar, o fantasma do abandono ou da perda. *“(…) mas faz-me imensa confusão eu ter estado 9 meses grávida, uma gravidez que eu quis, que eu desejei... ter estado com ela cinco meses, seis meses....e agora entrega-la a uma terceira pessoa que eu não conhecia de lado nenhum para cuidarem da minha filha, coisa que eu não faria nem com a minha mãe. Não dava a Miriam, para cuidar dela!”*

“Não estava nos meus planos, faz-me imensa confusão! E a maior parte das vezes eu prefiro que seja o Cláudio a levá-la à creche para eu não pensar que estou a deixá-la e exageradamente que estou a abandoná-la, não é? Que é realmente, na verdade, é o que eu penso. Que não faz sentido! Uma mãe devia ser a pessoa a cuidar do filho, mas pronto. Teve que ser, teve que ser...não é uma coisa que eu me orgulhe muito, que eu goste...não, não é!”

4) Proximidade, distância e ensaio sobre a cultura

Este ponto pretende dar conta da posição de Samira acerca da cultura. As escolhas de pertença ou de identidade que elabora, tendo como pano de fundo a dicotomia do “cá e lá” (Portugal e Cabo Verde), ou o modo como o processo de tornar-se mãe se constitui em redor

destas, ou de outras, dicotomias. Este ponto dedicado à cultura poderia ser (à semelhança de outros atrás referidos) também integrado nos pontos anteriores enquanto constituinte transversal de análise. No entanto, optámos por esta configuração por considerarmos ser mais útil enquanto organizador da informação. Noutro ponto deste trabalho procuraremos realizar esta articulação entre todos os temas relevantes de análise.

Na análise deste ponto torna-se relevante explicitar o modo como este tema apareceu na narrativa, na medida em que foi sugerido pela entrevistadora a associação entre a cultura e o processo de tornar-se mãe e, nesse sentido, como já referido noutra parte ao longo da apresentação das narrativas, não parece irrelevante os lugares de pertença da identidade cultural constituídos na relação entre entrevistador e entrevistada. Talvez não o seja, no limite, em qualquer das condições de partida numa relação (ser ou não ser mãe, masculino ou feminino, ser ou não ser psicóloga, entre outras condições) e, enquanto tal, parecem ser condicionantes à priori da assimetria nas relações em geral. No entanto, sobre esta questão específica da cultura, neste ponto da narrativa, foi sentido pela entrevistadora que a condição portuguesa ou cabo-verdiana foi significativa na posição assumida por Samira sobre este tema.

Samira inicia este ponto, na primeira narrativa, sobre a forma de dificuldade em estabelecer alguma relação entre estes dois lugares; tornar-se mãe e ser cabo-verdiana. “(...) *Sinto-a muito pouco porque eu já estou cá há muito tempo e estou assim, estou num entre mundos, não me sinto totalmente, sinto-me cabo-verdiana, mas sei que por exemplo, se eu for agora para Cabo Verde muitas das coisas que deixei já nem sequer existem ou estão completamente modificadas ou estão diferentes, mas também não me sinto portuguesa ao ponto de dizer “ah, eu agora sinto isto como uma coisa que é um processo 100% português”. Também não é isso, aliás, se calhar é menos português e mais cabo-verdiano, mas se calhar é menos cabo-verdiano do que se eu estivesse em Cabo Verde, claro, obviamente. Mas acho que, eu não sei se é o correcto, mas não é que seja uma coisa independente da minha cultura, porque isto não tem nada a ver com o facto de ser cabo-verdiana ou não, tem a ver com o facto de ser mãe (...)*”

Neste ponto de partida da narrativa, Samira refere-se como estando num entre-mundos e mobiliza-se para se situar num ou noutra parte, nesta ou naquela pertença, Portugal ou Cabo-Verde. Neste esforço em se situar, acaba por rejeitar esta associação entre o processo de tornar-se mãe e a cultura, afirmando implicitamente o mito da universalidade materna e, acrescentado por nós, também o mito da universalidade do psiquismo. A rejeição nesta associação poderá estar relacionada com uma certa angústia accionada pela confusão

traduzida também pelos limites, dentro/fora, “cá/lá” que aparecem demasiado porosos, tornando difícil uma delimitação suficientemente sólida. Se assim for, a possibilidade da identidade cultural se constituir enquanto continente com uma função contentora fica assim comprometida. Ainda sobre a rejeição desta associação pareceu-nos relevante a relação entre entrevistadora e entrevistada, na medida em que poderá ter ocasionado um movimento de procurar eliminar as tais assimetrias na relação (Portugal vs Cabo-Verde) e cimentar pontos de contacto por via do processo de tornar-se mãe de dimensão universal.

Na descrição de alguns temas, Samira elege a sua avó como a figura representante da cultura cabo-verdiana e é através dela que se refere a mitos de Cabo-Verde relativos às mulheres que se tornam mães e à relação com os bebés. “(...) *Há determinadas coisas que se fazem em Cabo Verde mas que seriam muito difíceis de fazer cá, seria muito difícil de fazer-se cá, mas há por exemplo, agora lembrei-me, quando eu fiquei grávida, nos primeiros dois ou três meses a minha avó estava cá e ela dizia muitas coisas sobre a gravidez, o facto de nós ainda não sabermos se era menino ou menina, ela já estava a adiantar-se a dizer que seria uma menina por causa da, e até com alguns critérios que ela definia, até se, se, se mexer até aos três meses é porque é uma menina de certeza absoluta porque as meninas mexem-se muito mais e os meninos são mais preguiçosos e mexem-se só depois dos cinco meses.*”

Samira escolhe assim uma pessoa próxima na relação afectiva mas distante geracionalmente, para fazer esta descrição cultural do lado mais tradicional ou mais caricaturado da cultura do país. Parece ser assim o modo como Samira se pretende posicionar face a esta pertença, tal como na escolha da avó enquanto personagem, próxima mas afastada.

No segundo encontro, Samira, sob a proposta de explorar a dimensão cultural, inicia uma longa narrativa em redor de dois pontos de contraste entre Portugal e Cabo Verde, colocando-se simultaneamente cá e lá, num exercício de imaginação (“se eu não estivesse aqui” ou “se eu estivesse lá”). Apresentaremos apenas alguns excertos da narrativa, reiterando que conteúdos semelhantes foram abordados extensamente ao longo deste encontro.

“E lá não há muita daquela coisa, das mães cantarem para a barriga, falarem, às vezes, eu como passo muito tempo sozinha, tenho a preocupação de falar, mesmo falar sozinha, para que a bebé saiba que estou cá, e ouve sempre a minha voz. Não sei se será essa a preocupação em Cabo-Verde, se as mães pensam nisso em Cabo-Verde, e eu não sei se teria esta ideia lá, provavelmente não teria, não teria os recursos que tive cá, li muitas coisas, vi muitos documentários, fomos às aulas de pré e pós parto, e sim, isso tudo ajuda. É diferente porque os conhecimentos científicos que tive aqui são outros”

“Mas, há aqui muitas coisas boas, mas eu acho que as angústias, o que eu quero dizer é que, o facto de eu estar a viver esta gravidez aqui, provavelmente trouxe-me muito mais angústias e muito mais ansiedades do que se eu estivesse em Cabo-Verde. Eu acho que se estivesse em Cabo-Verde o processo seria muito mais natural.”

Samira explora então estas duas dimensões, aparentemente como os símbolos que poderão representar a totalidade deste e daquele país, por um lado, o conhecimento científico de Portugal, por outro, os processos naturais de Cabo Verde. Assim, nesta dicotomia, Samira vai descrevendo a forma como decorreu o seu processo de tornar-se mãe documentado em livros, aulas, vídeos, no fundo, no conhecimento científico. Esta descrição dá conta de uma aparente identificação com esta característica, o que parece distinguir e valorizar Samira da generalidade das mulheres em Cabo-Verde (nomeadamente a sua mãe e avó). Eventualmente, a possibilidade de aceder a toda a informação “científica” relativa ao processo de maternidade poderá aparecer também como uma hipervalorização numa procura de compensação da ausência dos outros significativos e da própria estrutura cultural cabo-verdiana que lhe escapa estando em Portugal.

Acerca do outro lado contrastante, os processos naturais de tornar-se mãe em Cabo Verde, apesar de Samira parecer valorizá-los, considerando-os como sendo menos angustiantes, parecem ter muito mais a função de servir como contraponto com aquilo que ela designa por conhecimento científico, permitindo valorizar esta dimensão da qual ela se apropriou neste processo em Portugal. Parece então que a eleição destes temas de contraste serve como possibilidade de ensaiar a fantasia do “cá e lá”, mas procurando o reforço da opção pelo “cá”.

“Mas isto da gravidez e da maternidade, foi tudo feito cá, e foi tudo feito à custa de informações e de ideias, e nem é português, é muito europeu, muito ocidentalizado, pronto, tudo isso. Então não tenho a noção, de que me tenha lembrado não fiz nada que é feito em cabo-verde, até porque eu não sei do que se faz lá ou não, pode até nem se fazer grandes coisas, mas eu também não tenho a noção.”

Ainda nesta postura das posições contrastantes, Samira parece ir mais longe nas lógicas de construção da estrutura cultural, ampliando os limites. Aqui o contraste é realizado entre uma identificação europeia e ocidental e o nada de Cabo Verde. Nesta identificação e contraste fica a sensação de ser o “pouco” ou “nada” em ambas as situações, já que o ocidente e a Europa apresentam dificuldades em constituir-se enquanto continente delimitado e bem definido, o que remete novamente para a ideia dos limites porosos.

Samira acaba por se referir um pouco a este ideia de vazio, designando-a por “sem cultura”. *“(...) Eu gostava de ter mais cultura, mais rituais, coisas mais terra-a-terra, que provavelmente não vou ter oportunidade, se a minha avó tivesse cá ela de certeza que poria um fio na barriga da bebé, só para fazer a diferença, de não ser uma coisa muito, muito desprovido do ser Cabo-Verdiano, muito vazio, muito ocidental, sem muita cultura, muito científico:”*

No último encontro, Samira apresenta uma realidade que lhe provoca uma grande angústia, a ida de Mayra para a creche. Através deste acontecimento, Samira inicia um movimento inverso ao que realizou no último encontro, mas situando-se novamente nos contrastes, valorizando determinados parâmetros em Cabo-Verde por contraste com Portugal. Samira refere-se às facilidades de suporte familiar e de deslocação nos transportes públicos em Cabo Verde, por contraponto com as dificuldades, a esse nível, existentes em Portugal.

“Mas o que acontece é que eu estaria disposta a fazer se o Cláudio estivesse disponível a ir comigo para Cabo Verde, que ele não está, era ir para Cabo Verde e ter a nossa vida em Cabo Verde... Eu tinha que ir trabalhar na mesma, mas ao menos eu ia almoçar a casa, saía as 16h00 e eu tenho a noção que eu demoraria 10 minutos para ir para o trabalho e 10 minutos para chegar em casa. E ela ficava em casa com uma empregada, com uma pessoa que nós puséssemos lá em casa para tomar conta dela, ou mesmo ir levá-la à minha mãe mas era...é a facilidade dos acessos que nós temos em Cabo Verde, que eu não tenho cá! E pronto... é mesmo uma coisa que aqui em Portugal, é uma coisa que eu não gosto!”

Ainda sobre este contraste com a vida em Cabo-verde, aparentemente mais confortável nesta perspectiva, surge um obstáculo que impede, por exemplo, a possibilidade de regresso; neste caso, o companheiro de Samira, compreendendo-se assim que a posição dos contrastes entre países cumpre possivelmente uma função que não se relaciona com a possibilidade real de fazer escolhas entre este ou aquele país. Talvez por esta via, se possa questionar a função da cultura na construção da identidade, bem como no modo de ser passível de se constituir enquanto espaço psíquico. Este será um tema abordado em maior profundidade na discussão dos resultados.

Esta reflexão acompanha de perto o último diálogo de Samira, onde mais uma vez, após referir características menos positivas sobre o país que escolheu viver, apressa-se a repor o valor real e simbólico do país, e o modo como parecem significativos todos os acontecimentos que são relevantes na sua vida terem acontecido em Portugal. *“E, faz-me imensa confusão mesmo... coisa que não acontece em Cabo Verde, e agora... Mas não são*

muitas coisas que eu não gosto. Foi aqui que eu conheci o Cláudio, foi aqui que a Mayra nasceu, foi aqui que eu tirei o meu curso, foi aqui que eu me formei... eu sempre trabalhei aqui, quer dizer... trabalhei uns meses, mas poucos, em Cabo Verde...por isso eu sou, uma parte eu sou de cá.”

DISCUSSÃO SOBRE A ANÁLISE DAS NARRATIVAS

A discussão parece-nos, antes de mais, um espaço próprio, onde podem ser exploradas várias possibilidades na compreensão do sujeito psicológico, mas também um espaço onde pode ser (re)pensada a subjectividade do sujeito na relação intersubjectiva constituída entre os intervenientes no âmbito do processo de investigação.

Integrado num paradigma de investigação psicanalítico e em pressupostos metodológicos ligados a uma perspectiva compreensiva, colocados em prática através de uma análise interpretativa dos conteúdos que o sujeito traz para a situação de entrevista (Hollway & Jefferson, 2000), procuramos alargar esta possibilidade de compreensão e análise através da reunião dos elementos das narrativas e do contributo dos vários autores na reflexão teórica sobre o material em estudo.

Procurando uma compreensão mais integrada possível sobre o processo de tornar-se mãe, no caso particular que apresentámos de Samira, convém retomar a ideia de Hollway (2003), sobre a especificidade da subjectividade materna. A relação constituída entre mãe e bebé, depende da intersubjectividade construída na relação entre estes sujeitos mas também das subjectividades, nomeadamente da subjectividade materna, composta por fantasmas, desejos e interditos, o que torna única, uma e cada relação.

Não perdendo de vista esta ideia, bem como a análise compreensiva psicanalítica procuraremos articular os processos psíquicos da subjectividade materna com a cultura. Contudo, iniciaremos esta discussão com um ponto de contacto com os trabalhos de Hollway e colegas (2001) acerca da subjectividade materna. Tomamos como ponto de partida uma das conclusões finais desses trabalhos, sobre o facto de todas as mulheres (de várias origens étnicas), participantes no estudo se terem transformado em mães devotas dos seus filhos (na expressão original inglesa de Winnicott, 1950, usada pela autora, “*ordinary devoted mothers*”). Com esta expressão, os autores pretendem afirmar que estas mulheres tornaram-se mães que querem o melhor para os seus bebés e providenciam tudo o que está ao seu alcance para o alcançar.

Recuperámos esta consideração, do estudo designado, para ilustrar o modo como o processo de Samira se aproxima a essa descrição. Poder-se-á dizer que também esta mulher apresenta as características de mãe devota da sua filha, providenciando tudo o que está ao seu alcance para suprir as necessidades da bebé e procurando ser suficientemente boa na relação

que com ela foi estabelecendo. Esta será certamente também uma consideração sobre este estudo relativamente a Samira. No entanto, interessa-nos a compreensão do processo de tornar-se mãe. Pareceu-nos que, partir deste final anunciado, poderia auxiliar a compreensão do processo, na medida em que talvez seja relevante reflectir sobre o facto destes processos psíquicos, encontrados em Samira, tenderem para um equilíbrio transformador, na possibilidade de construir uma relação suficientemente boa com a filha. Como refere Hollway (2001), sobre o estudo que conduziu, estas mães suficientemente boas constituíram-se enquanto tal, após um período de “*revolução*” psíquica, antes e depois do nascimento dos bebés, algo que cumpre o objectivo deste estudo e desta discussão.

Sobre as transformações dos conteúdos e processos psíquicos podemos referir que o facto de terem existido três encontros, em momentos distintos do processo de tornar-se mãe em Samira, possibilitou duas formas complementares de observar o objecto de estudo; em cada um dos momentos e na ligação entre eles com o todo.

Usando o termo de Hollway (2001) de “*revolução*” psíquica associado a este período de tornar-se mãe, em Samira esta revolução apresentava questões profundas relacionadas com a identidade. Torna-se curiosa, a forma como um processo que origina um vínculo tão profundo como o de uma mãe ao seu bebé, seja acompanhado por um período de transformações tão profundas e inquietantes, preenchido de ansiedades e de angústias. Sobre a identidade, de um modo geral, em Samira surgiu o receio de fusão com o bebé.

Em forma de síntese, podemos referir que num primeiro momento (englobando o primeiro e segundo encontro) encontramos em Samira, uma identidade ameaçada, ora por sentimentos de anulação, ora por receio da fusão com o bebé. Esta questão da identidade aparece directamente associada a uma fragilidade na delimitação entre o dentro e o fora, por via da dimensão fisiológica do crescimento interno do bebé (fazendo parecer indistinto o que era de Samira ou do bebé ao nível psíquico) ou pela antevisão da separação através do nascimento. Ainda outra ligação parece ser aqui estabelecida na reactivação da angústia de perda ou de abandono, envolvida nas potenciais separações, nomeadamente, do nascimento e, mais tarde, da ida para a creche. Por outro lado, coloca-se a impossibilidade em perceber-se independente das figuras parentais, por via da relação continente / conteúdo constituído na relação com a mãe.

Relativamente a esse momento, sobre a sua cultura de origem, Samira vai realizando movimentos de distanciamento e desvalorização da cultura Cabo-Verdiana e de valorização da cultura Portuguesa. Como ela própria refere, encontra-se entre “*dois mundos*”, “*duas culturas*”, “*num vazio*”. Em Samira, tornou-se difícil delimitar os contornos da identidade

cultural, entre os limites que se jogam entre o seu país de origem e o país onde optou por viver, originando-se a confusão e o vazio. Assim, parece acontecer em Samira, aquilo que Kaes (2003), refere como representações identitárias inconsistentes, na medida em que os contractos e os mitos que sustentam estas representações já não são dados como certos e, acrescentaríamos neste caso, que esses contractos e mitos não foram, e possivelmente não podem ser, apropriados através da pertença à cultura Portuguesa, por processos de assimilação cultural, ou outros.

Sobre este tema, alguns autores, nomeadamente (Boulanger, 2004) referem que a assimilação enquanto processo de “apropriação” de outra cultura diferente, é por definição, uma tarefa impossível. Esta impossibilidade é criada, segundo alguns autores (Grinberg & Grinberg, 1989) pela necessidade de rescindir o contracto com a cultura de origem através do repúdio por essa parte do self, promovendo sentimentos de perda e de luto, por um lado, e, por outro lado, a integração na cultura de destino não pode ser feita sem o recurso à formação de um falso self, cujas consequências e danos para o próprio e para as gerações seguintes, se advinham com facilidade pela transmissão transgeracional. Outros autores (e.g, Mitchell, 1993), rejeitando esta abordagem dualista ou binária, numa introdução ao pensamento pós-moderno, referem-se à possibilidade da identidade se constituir na existência de diferentes selfs que se vão acomodando a diferentes contextos. No entanto, mesmo esta abordagem, torna-se incompatível, por definição, com o processo de assimilação (definido como o ajuste ou acomodação a uma situação difícil, aceitando-o como estando em conformidade com os desejos do próprio, Boulanger, 2004)

Retomando a ideia das representações identitárias inconsistentes, Kaes (2003) pela incerteza nos contratos e mitos, o autor sublinha que a valorização do grupo de pertença apenas é possível por uma de duas condições; ou através de uma hipervalorização ou de uma desvalorização do grupo externo. Este processo tem como impacto uma desvalorização narcísica e, por essa via, de uma rejeição da identidade e da alteridade. Em Samira assistimos a um posicionamento dicotómico relativo às duas culturas, com um movimento de hipervalorização da cultura Portuguesa (ou Europeia) através do simbolismo atribuído à valorização do conhecimento científico, por comparação com os processos naturais em Cabo Verde, neste processo de tornar-se mãe. Com efeito, verifica-se assim a desvalorização narcísica e a rejeição da cultura cabo-verdiana, nas palavras constantes de Samira referindo, por exemplo, que não sabe o que é tradicional em Cabo Verde, ou, como será que as mulheres vivem o processo de tornar-se mãe em Cabo Verde, por ter deixado o país há muito tempo.

Dada esta relação com as representações identitárias, importa reflectir sobre o modo como se poderão desenvolver as ligações entre as transformações da identidade ocorridas pelo processo de tornar-se mãe e as alterações ocorridas a este nível, não perdendo de vista o papel da cultura enquanto espaço intermediário (Kaes, 1998).

O autor salienta que o que é próprio do espaço intermediário *“é fazer coexistir, sem crise nem conflito, o que já estava lá e o que ainda não surgiu, a herança e a criação. Esta coexistência é um momento paradoxal e fecundo que supõe uma experiência subjetiva e intersubjetiva de tolerância e de confiança. Cada um destes espaços é primeiramente o lugar de uma experiência fundadora. A experiência da ilusão de uma continuidade entre a realidade psíquica e a realidade externa, entre aquilo que se herda e aquilo que se encontra e cria.”* (Kaes, 2003, p. 21:22).

Podemos assim situar este primeiro momento de tornar-se mãe em Samira, nas alterações da identidade, na confusão dos limites entre dentro e fora ou na percepção de dependência, em coexistência com estas representações inconsistentes da cultura de origem. Pensando neste termos, a realidade psíquica e a realidade externa apresentam uma continuidade, em Samira, no sentido de experimentar graves dificuldades ao nível do reconhecimento da identidade.

Contudo, se não perdemos de vista a definição do espaço intermediário enquanto um espaço poroso em ligação com os desejos e interditos no seio do grupo alargado ou com outros espaços do psiquismo, talvez possamos pensar que o processo de tornar-se mãe e estas representações inconsistentes da cultura possam exercer uma influência recíproca e dinâmica entre elas mas também, claro está, com outros processos inerentes ao funcionamento psíquico.

Segundo Kaes (2003), as estruturas psíquicas intermediárias são particularmente frágeis e extremamente sensíveis às transformações. O autor descreve esta fragilidade dos espaços intermediários na relação com as transformações do mundo numa dimensão global, no entanto, pela dimensão profunda do impacto no psiquismo, talvez este processo de tornar-se mãe possa ser também entendido desta forma, ou seja, capaz de alterar os espaços intermediários. Se assim fosse, poderíamos introduzir esta dinâmica na compreensão do processo em Samira. Em certa medida, seria como se existisse uma forma de acção convergente, por via do processo de tornar-se mãe e, simultaneamente, por via da cultura, numa influência bi direccional.

Kaes (2003), refere que a “desculturalização” apresenta consequências desorganizadoras sobre as defesas psíquicas socialmente organizadas entre os sujeitos e, assim sendo, a relação do sujeito com o grupo está ameaçada, por consequência, a sua

segurança. Deste modo, talvez a insistência no movimento de investimento narcísico que assistimos em Samira, (mais notório no segundo encontro), por via da condição materna, bem como a impossibilidade em iniciar movimentos de separação relativamente às figuras parentais, por se constituírem continente na relação com estes conteúdos, poderão cumprir uma função defensiva face a esta profunda transformação do psiquismo que coloca em risco a identidade (neste caso, quer pelas transformações inerentes ao processo de tornar-se mãe, quer pelas representações inconsistentes da cultura).

Reiteramos esta suposição na análise de outro momento de Samira, após o nascimento de Mayra, possível no terceiro encontro. Neste encontro, surgem três movimentos principais em evidência do processo transformador: a integração das experiências negativas e positivas relacionadas com o tornar-se mãe; a desidealização das figuras parentais; e o processo de separação/individuação.

Ao nível da identidade, esta não parece surgir ameaçada como antes do nascimento (não aparecem dificuldades na delimitação entre dentro e fora, por exemplo, ao mesmo tempo que surgem movimentos de integração), visível até no processo de separação / individuação e, no longo espaço de tempo que Samira ocupa referindo-se à desidealização das figuras parentais. Estes movimentos levantam a hipótese de ter existido uma (re)construção da identidade através do nascimento de Mayra, já que a relação entre mãe e bebé possibilita uma identidade alternativa; a identidade de mãe (Trad, 1990). A relação de dependência visível de Mayra em relação a Samira, parece apresentar ganhos profundos para Samira, nas palavras da própria; *“agora a minha vida ficou completa, já não sinto aquele vazio”*. Como se na relação constituído com Mayra, a relação fosse simbolicamente “continente / conteúdo” das inquietações sobre a identidade da mãe. Sob este ângulo, tornam-se possíveis os movimentos de integração, de separação/individuação e de desidealização das figuras parentais, na medida em que estes processos podem estar em curso, pois o estado prévio já não precisa de estar constituído daquele modo enquanto mecanismo defensivo contra uma identidade ameaçada.

Retomando a possibilidade de interpenetração dos espaços e constituintes psíquicos, ou seja, entre o processo de tornar-se mãe e a cultura, assistimos em Samira, a um movimento de expressar o seu desejo de regresso ao seu país de origem (ainda que de imediato encontre um obstáculo que inviabilize essa possibilidade), mas acima de tudo, o movimento de valorização do país de origem (em contra-ponto com Portugal). Esta expressão relativa à sua cultura levou-nos a pensar na articulação com a constituição de uma nova identidade em Samira, a identidade de mãe, e o modo como eventualmente esta transformação pode ter

afectado a constituição do espaço intermediário, permitindo o reconhecimento e valorização, ainda que parcial, da cultura de origem.

Do acima descrito, sobre as articulações entre o processo de tornar-se mãe e a cultura, poderemos pensar ainda na constituição da relação continente / conteúdo, na medida em que, a cultura pode desempenhar a função alfa na relação com os elementos tóxicos individuais (Moro, 2005), mas na impossibilidade de se constituir enquanto tal, como parece ser o caso de Samira, que outros elementos poderiam desempenhar estas funções? Necessariamente, esta função terá que estar presente sob pena de uma “intoxicação” de elementos beta, conduzindo à ausência de simbolização e a todo o processo semelhante aos modos de funcionamento psicótico, algo que não aconteceu em Samira (Ogden, 1992).

Assim, dos elementos identificados e trazidos para a discussão (certamente outros existirão), coloca-se a possibilidade de uma relação continente/conteúdo tornada saliente na relação com a sua mãe, antes do nascimento da filha Mayra e, talvez, após o nascimento, seja a relação constituída entre mãe e filha que desempenha esta função em Samira.

Sobre esta discussão do processo de tornar-se mãe em Samira, uma mulher Cabo-Verdiana, é importante realçar que as fundações do paradigma psicanalítico, no facto de não existirem à priori na possibilidade de compreensão do sujeito psicológico, possibilitam uma exploração livre do material da investigação, neste caso, das narrativas. Por esse motivo, a condução desta discussão possibilitou uma reflexão sobre a relação entre o processo de tornar-se mãe e a cultura, mas também o ensaio sobre o papel e possíveis configurações da organização do psiquismo, circunscrito a este caso particular que apresentámos.

CONCLUSÃO

Esta investigação fundada no encontro, na subjectividade e na intersubjectividade, tendo como metodologia as narrativas de livre associação de ideias e uma técnica de análise interpretativa, não estará necessariamente livre de uma certa cegueira no que diz respeito ao entendimento sobre a cultura, fundado sobre determinadas representações sociais. Esta cegueira, por assim dizer, deixa povoar a análise das narrativas de entendimentos não partilhados sobre a cultura do sujeito em análise. Do mesmo modo, será a cegueira a conduzir o processo, pelo não reconhecimento da pertença a uma cultura por parte do entrevistador ou investigador condicionante e condicionada na elaboração das entrevista e na análise das narrativas (Hollway; Gunaratnam & Elliott, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Badaracco, J. (1986). La Identificación y sus vicisitudes en la psicosis. La importancia del concepto “Objeto Enloquecedor”. *International Journal of Psycho-Analysis*, 67, 217-227.
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1963)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)
- Bion, W., R.. (1952). Group dynamics: a review. *In Experiences in Groups New York: Basic Books*. p. 141-192.
- Bion, W., R.. (1959). Attacks on Linking. *International Journal of Psycho-Analysis*. 40. 308-316.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Correa, O. (2003). Transmissão Psíquica Entre Gerações. *Psicologia USP*. 14(3). 35-45.
- Eiguer, A. (2003). Lê role de l’ancêtre. In Geissmann, C., & Houzel, D., *L’enfant, ses parents et le psychanaliste* (pp. 311-322). Paris: Bayard Editions.
- Faimberg, H. (2006). El telescopaje de generaciones: genealogia de las identificaciones alienantes. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones* (pp. 23-45). Madrid: Amorrortu editores.
- Faimberg, H. (2006). La «escucha de la escucha»: una contribución al estudio de las resistências narcisistas. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones* (pp. 46-63). Madrid: Amorrortu editores.
- Freud, S. (1969). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1921).

- Freud, S. (1969). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1969). Totem e Tabu. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XIII, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1913 [1912-12]).
- Frie, R. & Reis, B. (2001). Understanding Intersubjectivity: Psychoanalytic Formulations and Their Philosophical Underpinnings. *Contemporary Psychoanalysis*. 37(2).
- Gavancha, S. & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27 (3), 269-279
- Godinho, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 27 (3), 349-363.
- Kaës, R. (1993). *Transmission de la Vie Psychique entre Générations*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 1999).
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2.^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Ogden, T. (1992). The Dialectically Constituted/decentred Subject of Psychoanalysis. II. The Contributions of Klein and Winnicott. *International Journal of Psycho-Analysis*. 73.
- Ogden, T. (2004). The Analytic Third: Implications for Psychoanalytic Theory and Technique. *Psychoanalytic Quarterly*. 73(1), 167-196.
- Oneto, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica*, 27 (3), 331-347.
- Pedinielli, J. L. & Fernandez, L. (2008). *O estudo de caso e a observação clínica*. Lisboa: Climepsi.

- Pinheiro, C. & Marques, M. E. (2009). O pensar: Suas (im)possibilidades em sujeitos com fibrose quística, através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 237-245.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interações. *Análise Psicológica*, 4(1), 17-22.
- Rey, G. (2002). Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios. Brasil: Thomson Pioneira.
- Rosado, F. & Marques, M. E. (2009). As dimensões antedipianas das organizações limite na narrativa Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 375-384.
- Soares, A. & Marques, M. E. (2009). Crescer por dentro – A barreira de contacto no processo adolescente através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 259-267.
- Teixeira, V. & Marques, M. E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/ para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 281-293.
- Tight, M. (2010). The curious case of case study: a viewpoint. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(4), 329-339.
- Viegas, J. & Marques, M. E. (2009). O Rorschach e o agir na patologia borderline: A alucinação negativa e a simbolização. *Análise Psicológica*, 27 (3), 295-306.
- Willi, J. (1978). Passation en Commun du Rorschach un test d'interaction direct. *Bulletin De Psychologie*, vol.339, 279-282.

ANEXOS

Anexo A

ENTREVISTA 1

Entrevistador (E) – Pronto, então antes de mais gostaria de agradecer a tua participação neste estudo. O estudo tem como principal objectivo conhecer os processos gerais de se tornar mãe, ao nível da construção da identidade, e com as questões, vamos procurar explorar um bocadinho as questões culturais também... O que eu ia pedir, portanto, esta será a primeira entrevista, é que pudéssemos voltar a falar mais duas ou três vezes ao longo da gravidez e até o bebé nascer.

Participante (P) – Hum hum.

E – Pode ser?

P – Sim, sim.

E – Então ia começar por lhe perguntar, pedir no fundo, para me falar um pouco deste processo de se tornar mãe.

P – É estranho, é estranho, por acaso nunca tinha pensado. Desde que fiquei grávida é que começo a ver que penso no processo. Só pensei nas fases que fui vivendo e não pensei no processo todo, mas... mas também não sei se conseguirei falar do processo todo. Esta coisa de me tornar mãe é estranha para mim porque não era algo que eu estava a pensar. Sempre soube que gostava de ser mãe, sempre soube que gostava de ter um filho, mas nunca pensei em algo concreto, nunca fiz planos concretos e nunca pensei seriamente no assunto. E agora que estou a viver parece que estou a sofrer as consequências, sofrer não, mas são as consequências de nunca ter pensado nisso. Sericamente, sempre que pensei nisso foi um sonho, ou uma ideia muito longínqua, uma coisa que podia acontecer mas que podia acontecer daqui a muito, muito, muito tempo, daqui a uns seis anos pelo menos. Mas é claro que tem sido um processo que teve o seu início quando soube que estava grávida, mas que provavelmente só consegui perceber mesmo que estava para ser mãe, quando fiz a primeira ecografia ainda não dava para ver nada sequer, mas foi a ideia, nem foi bem com o teste, foi mesmo com a primeira ecografia que foi a ideia “tenho alguma coisa dentro de mim que está a crescer, que não vai parar de crescer, que vai crescer até nascer” e acho que foi a partir daí que comecei a pensar “isto já é uma realidade, já é uma coisa que vai acontecer e é melhor eu preparar-me”. Mas tem sido estranho, com as suas diversas fases, os seus diversos acontecimentos, mas tem sido estranho. Uma coisa completamente nova na minha vida.

E – Há pouco dizias que, o facto de não teres, pensares numa coisa mais longínqua e que de alguma forma estavas a sofrer as consequências disso, podes explicar um pouco melhor?

P – Sim, eu acho que é mesmo a questão de, e que provavelmente deve ser igual para todas as mães, e não interessa o número de gravidezes, não interessa o número de filhos, eu sinto que, eu sou uma pessoa um bocadinho, digo um bocadinho para ser simpática comigo, mas eu sou uma pessoa muito ansiosa com as coisas, gosto das coisas planeadas e gosto de saber com o que contar e quando fiquei

grávida, em primeiro lugar não estava contar com isso. Perguntaram-me há tempos numa consulta se foi uma gravidez desejada e planeada, e eu assim “desejada foi, mas planeada não foi” e então é mesmo isso. E sofrer as consequências é mesmo essa ansiedade que eu tive de que, é claro que eu acho que ninguém nasce preparado, há pessoas que dizem “ah eu nasci para ser mãe” mas acho que toda a gente tem que se preparar para “bem agora as coisas vão mudar para sempre” e eu nunca tinha pensado nisso, tinha outras ideias, tinha outros planos, aí estava, se calhar eu tinha a minha lista de coisas que eu queria fazer nesse entretanto que fiquei grávida, e depois que fiquei grávida, e depois que soube que ia ser mãe, essa lista teve que ser reformulada, teve que ser pensada novamente e como eu não tinha lista para isto, como não tinha plano para isto, a ansiedade foi uma coisa que despoletou para o máximo. E como eu estava a dizer eu gosto de ter as coisas planeadas, para onde vou, o que vou fazer e essas coisas todas e como não tinha isto, sinto que tenho muito mais ansiedade, sinto que tenho muito mais medo, muito mais receios, apesar de ter os conhecimentos todos que tenho, apesar de saber que é um processo normal na vida, que pode ser um processo normal na vida de uma mulher, mas de qualquer das formas sinto que podia estar melhor preparada, que se estivesse melhor preparada ou pelo menos se tivesse essa ideia que podia acontecer, não estaria a sofrer as tais consequências.

E – E que medos e ansiedades são esses?

P – Primeiro é de algo que eu não conheço, que eu não fazia a mínima ideia das coisas, do que é que pode acontecer amanhã, o maior medo que eu tive sempre é, e se eu tiver um aborto? Foi assim o maior medo. E se eu cair? E se eu cair das escadas? E se eu comer alguma coisa que não faça bem à bebé, e se... o medo maior foi, agora que estou grávida e apesar de não ter planeado, e se eu perder? E se eu perder a bebé? E é um medo que se mantém até hoje, e ainda hoje, eu estou com 30 semanas e como eu sei, isto já é também, já é a forma se calhar errada que eu tenho de lidar com as coisas, quanto mais eu sei se calhar pior é. Eu sei que antes das 37 semanas, se nascer será um parto prematuro, será uma criança prematura, como eu sei disso, eu estou ansiosamente à espera das 37 semanas, e enquanto não chegarem as 37 semanas eu vou estar sempre a pensar “e se eu cair?, e se acontecer alguma coisa?, e se agora começar a ter contracções?”. Isso foi desde o início, eu sabia dos sintomas todos, das coisas que podia passar, e das dores que podia ter, e por aí em diante, mas são tantas as coisas que podem acontecer que nós não sabemos o que nos vai calhar, eu não sabia se teria uma gravidez normal, que tive sem problemas nenhuns, ou se teria aquelas coisas gigantescas de diabetes gestacional, sei lá, essas coisas todas. Depois é o medo mais longínquo, que agora já não é tão longínquo, falta pouco para a bebé nascer, mas que é, quando ela nascer e agora? Enquanto ela está aqui dentro são só os pontapés, são as dores, são só as náuseas, mas quando ela nascer vai chorar, vai ter que comer a horas, vai ter que dormir e não sei quê, vou ter que dar banho, e tudo isso causa assim uma certa ansiedade, mas que deve ser normal para todas as mães. E depois é a questão da educação, como é que se faz isso? Como é que se cria uma pessoa?, como é que se educa uma pessoa?. Eu olho para a minha mãe e penso “coitada da minha mãe, agora já está descansada, ela tem duas filhas, uma está a estudar e a outra vai ter agora uma filha, pronto ela já está descansada, já fez o trabalho dela,

mas como é que faz esse trabalho? Não é um trabalho de, sei lá, não é uma coisa que se faça um dia ou que se faça mês a mês, olha agora vamos conversar e ver o que é que fizeste neste mês, tipo um relatório, é uma coisa que fazes todos os dias, e eu penso como é que vai ser isso. Será que eu vou conseguir? E é um medo, e isto se calhar sou eu a generalizar, um medo de não poder controlar muita coisa, de eu não ser a principal protagonista nisso, de não ser única pessoa, ok isto vai ser como eu quero, da maneira como eu estou a pensar. São mais ou menos essas as ansiedades que eu tenho.

E – Porque depende também do bebé, não é?

P – Depende do bebé, depende, se ela estiver aqui comigo em casa eu posso controlar um bocadinho, mas depois ela vai lá para fora, não é? Vai ser preciso por exemplo uma ama, ela vai estar com uma outra pessoa que eu não conheça ou que eu conheça mais ou menos, depois vai para a creche, depois vai para a escola, tudo isso vai influenciar, e será que eu estou preparada para viver com... provavelmente vou estar. Tenho a certeza absoluta que são as minhas ansiedades a falar, a minha angústia a falar, mas isso é em relação a tudo quase.

E – E em relação a este processo acaba por se reflectir também.

P – Sim, claro, claro que sim. E ainda mais porque sinto, apesar do pai da bebé estar sempre presente, e da minha mãe estar sempre presente, e de toda a gente estar muito presente, só eu é que estou a viver isto, só eu é que sinto as dores, só eu é que sinto a bebé mexer-se, apesar de irmos às ecografias, mas parece que só eu é que estou a viver isto, só eu, só eu, só eu. E então se as coisas boas estou a viver, as coisas más também, então parece que eu estou a viver tudo sozinha e aí está, se eu perder o controlo de alguma coisa, se é que isso acontece, pode ser só da minha cabeça, provavelmente, vou ser só eu a sentir essa coisa a fugir-me das mãos, ok eu não sei o que fazer com esta criança, não sei o que fazer com este bebé e provavelmente o que deve estar a acontecer é que eu devo estar a perder muita coisa, porque podia estar a pensar noutras coisas, não é, como, não sei, mas podia estar a pensar noutras coisas mais bonitas e mais cor-de-rosa, mas não, estou a pensar nisto da educação, e dos banhos, e há dias estava a pensar, comecei a fazer a lista das coisas que tinha que comprar e uma das coisas que dizia é que, todas as coisas para o banho têm que ser neutros.

E – Hum hum.

P – E eu a pensar, será que eu vou saber qual a diferença entre um produto neutro ou não e eu trago um produto que não é neutro e depois faz mal à bebé, e não sei quê. São essas coisas tão pequeninas mas que depois juntas todas, todas as coisas pequeninas parece um mundo enorme. Eu já estou a imaginar a casa a mudar, e as coisas todas a mudar, e o ritmo de vida a mudar, e o ciclo do sono a mudar, as horas das refeições também a mudarem.

E – Muitas mudanças...

P – Muitas mudanças sim. Vai ser um processo cheio de mudanças. Já estão a ocorrer, não é, claro. Eu agora não durmo até às horas que quero, não é? Eu lembro-me sempre de manhã estar a pensar, eu não tenho vontade nenhuma de me levantar, mas eu tenho que me levantar porque eu tenho que comer. Não tenho fome, mas tenho que comer, ainda mais se a bebé der um pontapé “Ups, já me está a

mandar um recado, vamos lá comer”. E são essas coisas que eu acho que só eu é que posso fazer, só eu é que tenho que fazer, que vão... é tudo da minha responsabilidade, tudo eu, tudo eu. Mas o que não é mau, não é mau, se formos a ver as angústias provavelmente será mas ter a responsabilidade toda não é assim tão mau.

E – Então e falando em “tudo eu”, como é que ao longo deste processo, quem são as figuras que se destacam na tua vida?

P – Neste processo de me tornar mãe, não é?

E – Hum hum.

P – Ok, então é a criancinha que vem aí, acho que é a principal. É impressionante como as coisas mudaram de uma hora para outra. Eu dizia quando falava com as pessoas acerca da possibilidade de vir a ser mãe e não sei quê, eu dizia sempre, a primeira coisa que me vinha à cabeça era “ai meu Deus, agora não vou dormir, se eu for mãe não vou dormir tanto como gostaria” e eu dizia sempre “eu sou uma pessoa muito preguiçosa, sou muito egoísta, penso muito em mim e nas coisas só para mim” a partir do momento em que eu fiquei grávida, e tal como disse antes, esta coisa do comer, da responsabilidade de comer a horas e de ter a alimentação correcta e não sei quê, não era uma coisa que não fosse importante, era importante, mas se eu falhasse um, dois dias ou mesmo três dias seguidos não era assim muito mau, mas agora se eu falhar uma refeição sinto-me logo mal de pensar “oh meu Deus será que está a faltar alguma coisa, será que fiz alguma coisa de mal, e agora?”. Ou se eu como alguma coisa que eu sei que eu não deveria comer, por exemplo duas vezes seguidas batatas fritas, assim coisinhas simples, mas se eu como alguma coisa que eu acho que não deveria comer várias vezes seguidas... então pronto, esta primeira pessoa que vai assumir um papel importante é a bebé, não há dúvida nenhuma. Depois, sou eu é claro. A ideia que eu tenho, ou a certeza que eu tenho é que ela vai depender de mim durante muito, muito, muito tempo, aliás, senão para sempre, porque eu ainda dependo um bocadinho da minha mãe e do meu pai. E depois é o pai da bebé, que é uma figura muito presente mas que, acho que é presente porque a barriga cresceu ou porque agora a bebé dá pontapés ou porque nós fizemos as ecografias e acho que, mas por exemplo, que pode não estar presente no sentido de, eu posso ir às consultas com a bebé e ele não ir. Não faz diferença, não faz muita diferença ele não ir, não é? Mas eu já não penso o contrário.

E – O contrário como?

P – Ele ir à consulta e eu não ir, e aí acho de certeza que vai fazer diferença. De certeza que a médica vai perguntar alguma coisa e ele não vai saber dizer. Pode até saber, mas eu vou ter que estar lá para explicar, “olhe, afinal no primeiro dia ou no terceiro dia quando fomos e não sei quê...” para explicar tudo. Se calhar nem é necessário, mas é a ideia que eu tenho. Portanto, é a bebé, sou eu, é o pai e depois são os meus pais, mas mais a minha mãe, porque a minha mãe mal soube que eu estava grávida foi assim uma coisa, veio logo, e queria ficar comigo e queria... também quem sai aos seus não degenera, não é? Sou muito parecida com a minha mãe, e ela é daquelas pessoas que acha que para as coisas ficarem bem tem que ser ela a fazer. E eu sou bem assim, e as coisas para ficarem bem, ela

tinha que vir, também por outras razões, tinha que vir porque senão eu não me alimentava bem, senão eu ia ficar em casa e não conseguia, sei lá, alguma coisa ia acontecer então ela tinha que estar comigo para que a gravidez fosse o melhor possível. Pronto, e são os meus pais. Sou eu, são os meus pais. Depois há assim um conjunto de familiares que estão por perto. Eu tenho uma tia que mora aqui bem perto que dá muito apoio, sim, sim. Alguns amigos. Mas as figuras principais é a bebé, que vem, que vem mudar o centro das coisas, sou eu, é o papá e são os meus pais, um núcleo mais fechado.

E – Então e que sonhos, que sonhos ou que fantasias é que têm surgido?

P – Sonhos? Sonhos assim no verdadeiro sentido da palavra, sonhar de dormir, sonhar, ou...?

E – Nos dois sentidos.

P – (Silêncio). Hum... são muito, são sonhos a curto prazo, coisas assim muito concretas. É agora, o mais perto que estou a ver é a ideia do parto, como é que vai ser. Depois é a primeira semana em casa com a bebé. A longo prazo ainda não... a médio prazo e a longo prazo ainda não pensei em muita coisa, ainda não fantasiei muita coisa mas de vez em quando tenho a ideia de estar a passear com uma menina de dois ou três anos muito fofinha, com lacinhos no cabelo, com um vestido, mas ainda não fiz, não fiz, não fiz, não sonhei ainda concretamente com, com, provavelmente deve ser também do medo, que as coisas não se concretizem como, como, como eu quero ou como eu planeei. Provavelmente deve ser por isso. E como é uma coisa que eu não consigo controlar, qualquer coisa pode acontecer, a qualquer momento, então, se calhar é uma das formas que eu achei que podia prevenir isso é sonhar pouco a pouco, pensar nas coisas mesmo a curto prazo, mas assim de bom mesmo, que eu consigo ver, é esses passeios muito com, com sol, muito bom, um dia assim muito ensolarado, e a passear com a bebé. É claro que cada vez que eu vejo na televisão, e vejo as relações entre mãe e filha tenho, assim aquelas boas relações, com uma boa comunicação e com muito carinho, com muito amor, com muito apego, é das coisas que eu consigo imaginar assim mais a longo prazo.

E – E sonhos a dormir?

P – Ah, sonhos a dormir, ok. Com este processo não foram muitos mas os que eu tive foi mais assim, não consigo perceber porquê, por caso, mas foi a dar banho à bebé e a dar de mamar, foram as duas situações que eu já sonhei. Antes de ficar grávida já sonhei várias vezes com o ter uma criança, agora não me consigo lembrar se é realmente minha filha ou não, mas lembro-me de nos meus sonhos ter muitas vezes alguma criança comigo que eu tinha que proteger com tudo e mais alguma coisa e de estar a ser perseguida por alguém e ter que protege-la muito com a minha vida. Por acaso ainda não tive esse sonho desde que fiquei grávida mas é mais o dar o banho e dar de mamar. Aquela ideia de estar sempre apegada à bebé.

E – Mas como é que são esses sonhos de dar de mamar e dar banho?

P – O que eu me lembro melhor é o de estar a dar de mamar.

E – Hum hum.

P – E é, eu não me consigo lembrar nem do tamanho, nem da cara da bebé, mas uma coisa boa é que eu não me lembro sequer de ter dor nenhuma ao dar de mamar.

E – Hum hum.

P – É uma situação bem pacífica, ter a bebé nos braços, e de estar a olhar para ela e ela estar a mamar de olhos fechados quase a dormir mas a mamar e de ela estar quietinha e de eu lhe estar, com a mão dela, com a mãozinha dela só com um dedo, de estar a tocar na mão dela só com um dedo e de estar ali pacificamente, uma situação ali muito pacificamente.

E – Hum hum.

P – Do banho já foi um bocadinho menos pacífico. Porque é um dos medos que eu tenho bastante, parece até que vou dar um banho numa piscina, porque eu tenho sempre a ideia que ela vai escorregar da minha mão. Por mais pequena que a banheira for, por menos água que a banheira tenha, quando eu estiver a dar banho com a esponja eu acho que vou deixá-la escorregar e ela vai cair dentro da banheira com a água. Por acaso, nesse sonho ela não cai, mas eu tenho a sensação de ter que agarrá-la com força para ela não, para ela não escorregar. Não me lembro de ter tido mais sonhos. Já tive foi pensamentos com muita angústia. Os tais momentos de crise. Os tais “eu não vou ser capaz, eu não vou conseguir”. Isto provavelmente deve ser muito mais do que eu sou capaz de aguentar, e não estou a falar de uma coisa, estou a falar de uma criança, estou a falar de uma pessoa, principalmente de uma criança que não vai poder falar, ou que não vai poder dizer as coisas concretamente, abertamente durante muito tempo, ou seja, se ela estiver a sofrer, ou se ela estiver triste ela não me vai poder dizer para eu melhorar e então faz-me imensa confusão, mas pode ser que seja só uma angústia, que seja só uma ideia pequenina.

E – Ok. E Samira tendo origem cabo-verdiana, como é que sente esta relação entre Cabo Verde e a sua gravidez?

P – Se sentir, sinto-a muito pouco porque eu já estou cá há muito tempo e estou assim, estou num entre mundos, não me sinto totalmente, sinto-me cabo-verdiana, mas sei que por exemplo, se eu for agora para Cabo Verde muitas das coisas que deixei já nem sequer existem ou estão completamente modificadas ou estão diferentes, mas também não me sinto portuguesa ao ponto de dizer “ah, eu agora sinto isto como uma coisa que é um processo 100% português”. Também não é isso, aliás se calhar é menos português e mais cabo-verdiana, mas se calhar é menos cabo-verdiano do que se eu estivesse em Cabo Verde, claro, obviamente. Mas acho que, eu não sei se é o correcto, mas não é que seja uma coisa independente da minha cultura, porque isto não tem nada a ver com o facto de ser cabo-verdiana ou não, tem a ver com o facto de ser mãe, mas acho que, com a presença, provavelmente poderia ser diferente se a minha mãe não estivesse cá, não é? Porque ela fala muito da experiência dela, e quando ela fala eu consigo imaginar a minha mãe naquela época em Cabo Verde, então eu consigo visualizar muita coisa, do que ela passou e do que ela viveu mas em Cabo Verde e consigo perceber que poderia ser diferente se ela estivesse cá em Portugal. Provavelmente, seria, teria muito mais sofrimento, provavelmente seria mais complicado porque estava num lugar onde ela não conhecia, e assim por diante, o que eu não acontece comigo porque eu posso dizer que conheço, conheço este mundo, conheço este mundo bem, não é? Estar aqui, todas as burocracias que são necessárias e tudo o que é

aliado ao facto de estar grávida, e estar à espera de bebé, aqui em Portugal vivi o que não vivi em Cabo Verde e que nem sequer fazia ideia que se podia viver, quando estava em Cabo Verde nem sequer fazia ideia que se podia viver. Por isso acho que, não sei, não tenho bem a certeza em relação a isso, se calhar acaba por ser uma confusão apesar de não ter, de não estar, não ter assim muita ideia de como é que o ser cabo-verdiana pode estar a influenciar este meu processo, não sei, por acaso não tinha pensado nisso antes, não sei mesmo. A não ser que me faças perguntas mais concretas.

E – Está bem, então, se calhar uma pergunta mais concreta. Consegues-me falar dos mitos e tradições que existem em Cabo Verde acerca da gravidez, acerca deste processo de se tornar mãe?

P – Se calhar assim é mais fácil e se calhar aí é que está, eu conheço alguns mitos, mas muito poucos. Com o processo de ser mãe, mas acho que é transversal a todas as culturas, mas acho que é a ideia, isto muda completamente, e eu senti isso, muda a vida de uma mulher, logo que se saiba que está grávida. Para o bem ou para o mal muda. As coisas não ficam iguais de certeza absoluta. Mas assim mitos, há determinadas coisas que se fazem em Cabo Verde mas que seriam muito difíceis de fazer cá, seria muito difícil de fazer-se cá, mas há por exemplo, agora lembrei-me, quando eu fiquei grávida, nos dois primeiros primeiros dois ou três meses a minha avó estava cá e ela dizia muitas coisas sobre a gravidez, o facto de nós ainda não sabermos se era menino ou menina, ela já estava a adiantar-se a dizer que seria uma menina por causa da, e até com alguns critérios que ela definia, até se, se, se mexer até aos três meses é porque é uma menina de certeza absoluta porque as meninas mexem-se muito mais e os meninos são mais preguiçosos e mexem-se só depois dos cinco meses. Só a partir dos cinco meses é que os meninos se mexem. Ela não consegue perceber a ideia das ecografias, é normal, e por mais lhe eu lhe diga que é uma menina, que eu sei que é uma menina, ela diz que não, que ainda não sabemos mas que pode ser uma menina porque ela mexeu-se desde os três meses. Por acaso ela não viu a barriga mas ela dizia sempre que se a minha barriga se formasse para um dos lados era de certeza uma menina, que se fosse para a frente era um rapaz. Mais coisas que ela dizia? Ela por acaso tem mais... é a ideia que eu tenho dos mitos e dos rituais é, lembro-me da minha avó. Há coisas que se faziam antigamente, que a minha avó fez com os filhos, e deve ter feito com o meu pai, que é colocar um fio, mesmo por baixo do umbigo, com uma bola mais pequena que um berlinde e a bola tem diversas faces. Quando tu olhas é uma bola mas depois tem umas faces a branco e preto e que nós chamamos sbits, não sei, não sei escrever bem, mas a ideia que tenho é que se utiliza contra o mau-olhado e assim por diante. E eu lembro-me por exemplo, que a minha mãe, eu lembro-me que tive, mas que não deve ter sido a minha mãe que me colocou, deve ter sido a minha avó que me colocou, mas eu lembro-me que a minha mãe quando saía connosco punha-nos um bocadinho de sal debaixo da língua, ou então punha-nos uma coisa que se chamava, eu agora não me lembro, mas que é também um cristal qualquer, mas também tem um sabor salgado mas mais ácido, não me lembro como é que se chama, punha-me debaixo da língua, a mim e à minha irmã, porque eu perdi uma irmã, ela perdeu uma filha, e essa minha irmã faz par gémea com a minha irmã que morreu, ela tinha medo de que, isso fosse um mau-olhado, mas isto também já foi há muito tempo, e que a irmã podia vir buscar a que

ficou viva e então punha-nos sempre esta coisa na boca. Agora não sei como é que se chama, mas põe-se para evitar também acontecimentos maus. Então lembro-me desse conto, desse fio, dessa corrente com a bolinha e do sal ou dessa coisa na língua. São assim as coisas que mais... é claro que há outras coisas como não pôr, não passar a criança pela janela enquanto ela é bebé, ou antes de ela ser baptizada. Por exemplo se tu estás na rua e eu estou dentro de casa não te posso passar a criança pela janela, tem que ser sempre pela porta. Não a posso pôr em cima da mesa durante uns bons tempos, não sei durante quanto tempo. Deixa-me ver mais coisas, em Cabo Verde existem de certeza absoluta. E quanto mais para o interior mais mitos existem. Ah, há um que eu descobri há dias, a cientificidade da coisa, que a minha avó dizia sempre, tu tem cuidado porque os bebés se nascerem antes do tempo tem que ser com sete meses, porque os bebés de sete meses sobrevivem e os bebés de oito meses não sobrevivem. E eu sempre a pensar “mas não faz sentido, porque se tem oito meses, mais velha é, mais desenvolvida está, é provável que tenha mais chances” e eu li isso num livro que eu estou agora a ler e isto tem muito de científico que é, logo aos sete meses principalmente se nascesse em casa ia a correr para o hospital, davam o tratamento que a criança precisasse, com oito meses as pessoas pensam “ah são oito meses, quase nove meses, se calhar não vale muito a pena ir ao hospital, se calhar não vale a pena fazer tanto tratamento”, mas de qualquer das formas a criança continua exposta a risco e a apanhar vírus mais rapidamente e ficava doente muito mais rapidamente e morria com mais frequência, e pronto a minha avó já dizia isso, apesar dela não saber o porquê mas já dizia uma coisa que realmente é verdade. E depois existem muito mais mitos que eu não conheço ou não me estou a lembrar agora, mas são basicamente esses que eu disse. São os principais, contra o mau-olhado, eu não sei a razão de não passar pela janela, não pôr o bebé em cima da mesa, mas a minha avó dizia sempre, enfim, são esses os mitos e ideias que se têm.

E – E pronto, e então era isto.

P – Ai era? (risos)

Anexo B

ENTREVISTA 2

Entrevistador (E) – Bom, então, na sequência do nosso último encontro gostaria que me falasse um pouco como é que está, o que é que me pode contar sobre o processo de se tornar mãe...

Participante – Bem, agora já é, já estamos no finalzinho, finalzinho, a bebé já está quase a nascer, já surgem outras dúvidas, nós entretanto também tivemos as aulas de preparação para o parto, então algumas das coisas, algumas das ansiedades que eu disse que tinha na altura, agora se calhar já estão mais calmas, acalmaram-se mais um bocadinho, ou talvez não, não sei, e já parece mais real, agora daqui a bem pouco tempo, pode ser hoje, ou pode ser amanhã, ou daqui a duas semanas, já poderá acontecer, se bem que eu agora tenho a sensação, quer dizer, acho que sempre tive esta sensação de já ser mãe, de todas as preocupações que eu tinha, todas as coisas que eu tinha que fazer, as mudanças que eu fiz na alimentação, as consultas todas que eu fui e que não eram só por minha causa mas mais pela bebé, não é? Por isso acho que vai ser só mais uma transição, ela está dentro e daqui a pouco vai estar cá fora, então já é um processo que está a decorrer. Se calhar isso é uma coisa diferente da outra vez que falámos. É uma sensação que eu tenho, que já sou mãe, até porque os movimentos já são maiores, já a sinto com mais frequência, ela reage ao toque, então dá a sensação como ela responde, que já há uma maior interação, a grande diferença vai ser quando sair cá para fora, ainda não aconteceu mas acho que sim, que não tem sido difícil o processo é verdade, mas com as suas, não digo angústias, mas com alguma ansiedade, algum receio, agora já é mais real o facto dela poder vir a chorar e ter cólicas, e o banho, como é que vai ser, vou conseguir amamentar, ela vai amamentar bem, aqueles problemas todos que na primeira semana vou ter que enfrentar tudo de uma vez, e que vai ter que se resolver, mas sim tem sido, as aulas de preparação para o parto foram óptimas, tenho estado a ler bastante e a mentalizar-me para o que vai acontecer e vai ser daqui a pouco. Até porque as grávidas que eu tenho conhecido já estão todas com os filhos cá fora, e elas vão e já não voltam, têm os bebés e estão tão ocupadas que já não têm tempo para vir ver o que está a acontecer, então a ansiedade ainda é maior. Quando a bebé nascer não vou ter tempo sequer para ir ao telemóvel, ou mandar uma mensagem ou telefonar ou ir à internet. Quero fazer as coisas normais do dia-a-dia, vai ser tudo focado na bebé quando ela nascer.

E – Hum hum. E há pouco estavas a falar de um processo de mentalizar, portanto da informação, do que tens estado a ler, da preparação para o parto e depois falaste assim de um processo de mentalização.

P – Sim, é porque, é estranho porque, isto da gravidez que não implica a maternidade, acho eu, as duas coisas a acontecerem vão mudando as coisas, no início aquilo parecia paranóia, ok eu estou grávida, mas não sinto nada, tenho enjoos, não sinto a bebé e são as ecografias que vou fazendo de vez em quando e vê-se, ok está lá alguma coisa. Depois vai andando até que se começa a sentir uma coisinha

pequenina, movimento muito pequenino mas tens que ficar muito, muito atento para saberes que é a bebé, não é o estômago, é a bebé. Mas depois chegou agora esta fase em que é a certeza absoluta, não só de que estou grávida, mas de que vou ser mãe. Então é a sensação de que é um ser em crescimento que agora já está quase pronto, que vai nascer daqui a pouco tempo e que já não vai estar na barriga, e que vai sentir frio, e vai sentir calor e que pode ficar doente, e pode acontecer alguma coisa, vai chorar, vai dormir e pronto, acaba por ser um ser independente porque já não está na minha barriga, mas que vai continuar dependente, vai ter que amamentar e vai ter que fazer essas... então têm sido estes últimos meses que têm sido completamente diferentes porque tem sido mesmo concreto e depois preparar as coisinhas e a roupa e imaginar o tamanho, será que lhe vai ficar grande, será que lhe vai ficar pequeno, será que vai sujar muita roupa, será que não vai sujar muita roupa, será que este creme é bom, será que vai dar com a pele dela e então já é quase que, não é ainda uma realidade mas é quase uma realidade e então é esta ideia de que, ok isto vai acontecer a qualquer momento, daí estar nisso a todas as horas do dia quase, não pensar em quase mais nada, e agora tenho uma dorzinha, e será que é agora, será que não é agora, será que está a acontecer alguma coisa, será que não está, mas sim é mesmo a ideia que eu tenho de que as coisas mudaram agora, não quer dizer que eu já não sentia essa sensação de que a bebé vai nascer um dia, mas é agora que eu estou mesmo consciente de que pode ser a qualquer altura que vai acontecer.

E – E nessa ideia que disse, das coisas terem passado a ser diferentes, consegues tornar mais claro essa... o que é que foi acontecendo?

P – Sim, aí está, coisas muito práticas, mais práticas, nós arrumámos as coisas do quarto e já dá para imaginar a bebé no berço ou na cama ou na alfofa, já temos a cadeirinha, já dá para imaginar as viagens de carro com a bebé, comprámos as roupas e já há uma associação, até o detergente da roupa, já me lembram quando, as roupas da bebé já estão todas lavadas, mas eu vou fazer outra coisa qualquer e abro a máquina e já sinto o cheiro, já é uma coisa muito real. Eu já lavei as roupas da bebé com este detergente, é esse cheirinho que ela vai ter quando nascer. Há as coisas que nós compramos, os biberons e as coisinhas assim, e os brinquedos e tudo isso, que torna todos estes nove meses, ou oito meses, que não estava tao consciente, torna tudo agora muito mais real. O facto de comprarmos roupa, de recebermos presentes, das pessoas já repararem muito mais na barriga, das pessoas dizerem: “a barriga está baixa, quer dizer que vai nascer” e não sei quê, e isso tudo também ajuda na minha própria percepção de que está quase a chegar ao fim do processo mas que não é o fim mas a continuação que já começamos há pouco tempo a dizer: “sim é verdade, sim vou ser mãe e a bebé vai nascer daqui a pouco” .

E – E há pouco falavas, fizeste uma distinção entre a gravidez e a maternidade. Podes falar sobre isso?

P – É isso. Eu acho que no início, e eu já disse isso algumas vezes e já pensei nisso algumas vezes, no início eu sabia que estava grávida, aquela coisa muito boa que sempre quisemos, eu sempre quis e tudo isso, mas como eu só tinha o resultado do teste, tinha aquela ecografia mas que não dizia nada,

era uma coisinha e mais outra coisinha com 5 mm e que depois foi crescendo e foi tomando forma de uma criança, que nem sequer sabíamos se era menino ou menina, então isso tudo fazia parte de uma gravidez, isto era uma gravidez, mas depois quando fizemos a segunda ecografia e nos disseram: “ok, é uma menina e não tem problemas nenhuns, tem o tamanho normal que devia ter” e quando comecei a sentir os movimentos acho que aí sim comecei a outra ideia de que, ok, eu não estou só grávida mas vou ter uma filha e aí sim, mas provavelmente deve ser um processo que todas as grávidas e as mães passam. Chegamos a um momento em que há uma diferença entre, isto não é só uma gravidez mas é a minha filha que vêm aí, eu vou ser mãe desta criança, é mais isso. Então agora tudo se intensificou ainda mais porque já temos a mala da maternidade pronta, já fomos visitar a maternidade, já temos tudo, já compramos tudo, já arrumamos tudo, já lavamos tudo, então pronto...

E – E talvez até essa própria forma de designar, que já não é a bebé, é a minha filha...

P – É a minha filha exactamente. Sim, sim, sim, exacto. Sim, sim, sim. E já ter nome, não só ter o primeiro nome mas já ter o nome completo e esta última ecografia ter sido muito clara, de vermos o nariz, de vermos a boca, de vermos os olhinhos a mexer e da médica dizer: “ah este nariz é o nariz da mãe” então tudo isto ajuda, vai ajudando nesse processo de perceber que muito em breve vou ter a bebé nas mãos e vou ver que realmente é a minha filha, que estava lá dentro, que nunca tinha visto, mas que agora vou ver, que vou trocar as fraldas, que vou dar de mamar, e que vou acalmá-la quando chorar, e vou dar banho, e não sei quê, não sei quê. E que era completamente diferente quando soube que estava grávida.

E – E até essa questão da ecografia, do nariz também, de poder pensar-se que há uma continuidade...

P – Ah sim, sim, sim. Uma continuidade em termos de ok, é minha. Agora é um contrato para toda a vida. Por acaso tenho essa ideia até porque na minha família não me recorde de casos em que as mulheres ou os casais tenham tido problemas em engravidar mas agora nos últimos tempos tenho convivido com uma prima que tentou e não conseguiu e então deu-me a sensação que eles estão a passar por um vazio muito grande porque acho que já passaram por tanta fase enquanto casal e já chegaram a um ponto que tinham que mudar para uma outra fase mas não estão a conseguir e o que eu imagino que eles estejam a passar é um certo vazio, e agora, o que é que nós fazemos? Vamos continuar a tentar até conseguirmos ter um filho ou vamos deixar de tentar e arranjar uma outra maneira? E então é esta a sensação que eu acho que sentiria se fosse o meu caso, agora isto é um vazio, não consigo dar continuidade à minha existência, não tenho mais nada, se acabar acabou e não há mais nada. Enquanto eu penso, daqui a 18 anos ou 20 anos vai existir alguém que nasceu e que é minha filha, que é minha, que eu cuidei, que amamentei, que vesti, e é uma sensação muito boa sim, muito boa. Com os seus altos e baixos claro, mas uma sensação muito boa.

E – E como é que está em termos de pessoas, de pessoas à volta deste processo?

P – Tem sido bom, o pai da Mayra tem sido muito presente, fomos às aulas de preparação para o parto, aquelas coisas todas que nós aprendemos, e não eram coisas que eu não diria que nós não sabíamos, muitas das coisas nós não sabíamos ou não tínhamos naquela ideia que poderia ser assim, algumas

coisas até são muito lógicas, vimos ah pois é assim mesmo é verdade, mas há outras coisas que tivemos mesmo que aprender tudo de novo, já fomos às consultas, já fomos às ecografias, e sim estão-se a cumprir os papéis, não sei se são aqueles papéis estereotipados, não sei, mas se calhar estão-se a cumprir. O pai é muito mais relaxadinho, as coisas acontecem, vão acontecer de qualquer das formas esteja eu stressada ou não esteja eu stressada vão acontecer, se a mala não ficar pronta a tempo alguém vai arranjar a mala e a mala vai chegar ao hospital e não sei quê, enquanto que comigo não, a mala tem que estar pronta com três semanas de antecedência, porque se acontecer alguma coisa a mala não vai estar pronta e não sei quê. O berço tem que estar pronto porque se ela nascer antes, chegarmos a casa e não termos que estar a arrumar o berço. Pronto, são esses os papéis que já se estão a cumprir naturalmente. Depois há a minha mãe que tem tido muito o papel de acalmar, de dizer: “olha eu já passei por isto e eu também estava muito nervosa apesar de ter outras preocupações, mas eu já passei por isso, pelos enjoos, momentos em que pensava que não ia ser uma boa mãe e não sei quê”, mas também numa posição de me mostrar, essa posição mesmo de me mostrar que é tudo normal, que não sou só eu, que o que é preciso é ter calma e não estar muito stressada, e não sei quê, não sei quê. Depois o meu pai é que chegou há pouco tempo, ele estava lá em Cabo-verde, mas estava lá muito preocupado em saber se eu estava a dormir sozinha, e se acontecia alguma coisa, e não sei quê, não sei quê, e que eu já tinha engordado e que a barriga já estava grande, mas depois chegou cá e a barriga não está tão grande. E depois há os amigos, que aparecem de vez em quando e dizem: “ah já mudaste tanto, a barriga já está tão grande”. Provavelmente são esses os papéis que se vão continuar a cumprir, não é? O pai muito presente, mas muito menos stressado do que eu, as coisas vão acontecer não interessa como, mas vão acontecer. Ela não vai morrer de frio, ela não vai morrer de fome, ela não vai... e pronto, a minha mãe que está lá sempre, que ajuda, que dá conselhos, o meu pai um bocadinho, um bocadinho menos stressado e com muita vontade de conhecer a neta, e de querer participar em tudo e de querer fazer um monte de coisas mas muito menos stressado e depois os amigos que vão aparecer para as visitas e para dizer: “ah a bebé é tao linda”, mas isso já se está a cumprir agora. Por isso é que eu digo que isto é mesmo um processo, não são momentos, não é a soma dos momentos, estou grávida, agora vou ser mãe, é mesmo aquela coisa que vai passando de uma fase para a outra muito subtilmente e vão-se notando as diferenças, mas vão acontecendo aos pouquinhos, não é uma coisa abrupta. Agora baixou-me o espírito da maternidade e agora vou ser mãe, ou assim, mas já está a acontecer.

E – Até porque são nove meses, não é?

P – Sim, são nove meses e que eu acho que acaba por ser muito tempo.

E – Muito tempo?

P – Sim. Sim, mas aí está, não é que os primeiros meses tenham sido um desperdício, mas por mim passava logo para estes últimos meses (risos). Em que eu sinto a bebé, em que vou às compras, porque no início, por exemplo eu comprei a primeira roupinha com 3 meses ou 4 meses, eu demorei, acho que demorei tanto tempo a comprar uma roupa, a primeira roupa da Mayra exactamente por isso. Porque

estava naquela fase em que, ok parece-me que não é nada, não sinto nada, não vejo nada, estou no meu dia-a-dia, eu penso muito nisso mas a barriga ainda não cresceu, não sinto a bebé a mexer-se, só sinto aqueles enjoos incomodativos, mas mais nada, não é? Depois chegam os 5 meses, os 6 meses e eu começo a sentir a bebé, o que eu vejo são carrinhos, são mulheres grávidas, são bebés e não sei quê e eu começo a pensar, agora já começa a, por mim passava logo para os 6 meses que é quando eu chego lá e oh...

E – Como se houvesse um primeiro estado de cegueira?

P – Sim, mas sim completamente. Mas aí está, por isso é que eu digo que era um estado um bocado paranóico porque eu não sentia nada e ao mesmo tempo, cada vez que eu andava de carro e travava com um bocado mais de força pensava: “será que fiz algum mal?”, ou se via que alguém vinha na minha direcção já queria tapar a barriga com a mão mesmo não sentido nada, não é? Já tinha essa noção, de que a Mayra já estava a crescer dentro de mim mas essa noção agora é muito, muito, muito maior. Agora as pessoas vêm a barriga e já não vêm de encontro, agora são poucos os que vêm aos trambolhões, que me empurram porque agora já se vê, as pessoas já notam, olham para mim com aquele sorriso nos olhos. Pessoas que provavelmente não falariam comigo antes perguntam “é uma menina ou é um menino?” ou então tentam adivinhar: “ah essa barriga redonda é de menino, para a frente é de menina”, pronto. Antes passava completamente despercebida, não é? Mas eu sabia e que não podia andar “olha, eu estou grávida”. Agora já nem é preciso dizer.

E – Como se a maternidade agora pudesse ser espelhada pelos outros...

P – Pelos outros, exactamente, exactamente. Toda a gente conta as suas próprias experiências, e pergunta se eu já passei por isso e algumas coisas que depois eu vim a ver só soube porque alguém me disse. Por exemplo dos pés inchados, os meus pés não incham assim tanto, se incharem é porque andei, andei, andei muito durante o dia. Vejo pessoas que dizem: “ah o meu pé inchou muito e andei muito inchada durante muito tempo” e eu agora estou com mais atenção aos pés para ver se realmente tenho os pés inchados ou não, pronto, é dessas coisas. E outras pessoas olharem e dizerem: “estás mesmo com cara de grávida” ou “que barriga tão pequenina, não engordou nada, vai ser uma bebé pequenina”. E o cuidado que têm, por exemplo eu estar numa fila e não quero incomodar, porque se for num serviço qualquer público eu vou lá e peço, tenho prioridade e passo à frente, mas se for num restaurante já não faço isso com tanta frequência mas as pessoas já têm esse cuidado em dizer: “não tem que ficar na fila, pode vir, pode passar à frente” e noto que sim, que ajuda bastante o facto das pessoas já perceberem e darem importância a isso, aquela sensação de que as pessoas notam que eu estou grávida e perguntam se é um menino ou uma menina, e se eu preciso de alguma coisa, isso é bom também, ajuda bastante.

E – Há pouco falavas dos papéis que parecem estar a cumprir-se, portanto o pai que é muito mais relaxado, descontraído, a mãe que é assim mais contentora das angústias e o pai que quer ser muito participativo. E que papel é que reservas à mãe?

P – A mim própria, não é?

E – Sim.

P – Que engraçado, é aquele papel assim, eu não sei se é, será bonito de se dizer, mas eu tenho a sensação, não, não é a sensação é mesmo a certeza de que a bebê vai depender de mim em todos os sentidos, não é? Ela agora depende de mim até para sobreviver, claro que ela tem o papel dela, do desenvolvimento dela lá dentro no útero, pronto ela é uma protagonista por sim só, mas toda a preocupação que tive durante a gravidez, de tentar evitar comer algumas coisas e de estar em alguns sítios, de fazer algumas coisas e de comer e isso tudo, foi uma ideia que eu fui cultivando de que ela vai depender de mim completamente. Então, eu acho que, para dizer a verdade, vou ter o papel principal e depois as outras pessoas ao lado vão ajudar. Aquela coisa de, se ela estiver doente sou eu que vou levá-la ao hospital, se ela estiver com fome sou eu que vou dar de comer, vou dar de mamar, pode acontecer eventualmente, ter que dar de mamar com o biberon e não sei quê, outras pessoas podem fazê-lo, mas em primeiro lugar gostaria que fosse eu a dar de mamar sempre. É claro que há outras pessoas que podem dar o banho, mas como eu vou estar com ela sempre, provavelmente vou ser eu que vou fazer isso tudo. Então, é aquela, é mesmo isso que eu estou à espera, e é mesmo isso que eu gostava de fazer, de estar sempre lá, agora dito assim, parece um bocadinho obsessivo, porque eu vou precisar de descansar, porque se eu fizer isso durante cinco dias, no sexto dia já nem sequer vou ter forças para fazer. Sim eu sei disso, mas é a sensação de que eu como mãe vou ter forças para fazer isso tudo. E não sei como, mas vou ter forças para fazer isso.

E – Forças inesgotáveis.

P – Sim, exactamente. E imaginando que estou com sono, mas cheia de sono, cheia de sono, cheia de sono, que não posso comigo, mas se ela chorar eu vou despertar logo na hora, ela está em primeiro lugar e eu vou ter que ir ver se é uma cólica, se é fome, se é frio, se é calor. Mas não é que as outras pessoas não o possam fazer, e poderá até acontecer, eu não fazer, alguém fazer e eu ir lá verificar se fizeram bem (risos). De certeza que isso vai acontecer.

E – Um lado de controlar...

P – Sim. Mas isso não é só em relação à bebê, é em relação a quase tudo.

E – Em relação a quase tudo?

P – Sim, com as lidas da casa, e não sei quê. Eu sou daquelas pessoas que tem a ideia de que se não for eu a fazer as coisas podem não ficar bem feitas, então se, o pai da bebê lavar a loiça, ele pode lavar a loiça muito bem mas eu depois vou verificar se a bancada ficou bem limpa, mas eu faço isso naturalmente. Não é uma coisa que eu faça de propósito. Acontece com a minha mãe, arruma, quando ela está cá, arruma o quarto, faz a cama e eu sem querer vou e faço, vou arranjar uma parte que ficou de fora, mas é uma coisa natural e eu imagino que poderá ser pior com a Mayra, de certeza que vai ser. Eu vou estar lá sempre, e vou verificar se as coisas ficaram como eu faria. Eu não sei como é que eu ficava se as outras pessoas me fizessem isso, por acaso nunca pensei nisso, como é que eu ficava, se reparava, se não reparava, e se as outras pessoas têm reparado que eu tenho feito isso. Dantes vá, isso já é outra coisa, por acaso nunca tinha pensado nisso.

E – Mas é interessante pensar...

P – Agora que penso nisso é. Se as pessoas ficam chateadas “olha esta pensa que é..., nem é questão de achar que ela faz melhor, que eu não faço bem”, pronto.

E – Tu estás agora a pensar, uma preocupação de que os outros se possam sentir mal com esta...

P – Sim, e provavelmente não me estejam a dizer mas que sentem ou que notam. Quer dizer, o pai da Mayra provavelmente não, é normal para ele, ele não guarda, mas provavelmente outras pessoas sim, a minha mãe provavelmente sim, não sei. Mas de certeza que isso vai acontecer com a bebé, de certeza que vai acontecer, uma fralda vou lá verificar se não vai vaziar, se não vai fazer xixi na roupa ou não sei quê. Só se estiver, se ficar muito cansada e já não tiver capacidades para o fazer.

E – Portanto, só mesmo no limite do esforço...

P – Só mesmo se não o conseguir fazer, ou então, tenho que me controlar, tenho que me controlar bastante, porque mesmo, eu fiz as coisas de forma um bocadinho obsessiva, queria que as coisas fossem feitas, e foram feitas, tudo a tempo, agendado, como eu queria. O berço foi, nós montámos o berço porque eu insisti, insisti, insisti, lavei as roupas todas, passei a ferro tudo e arrumei a mala da maternidade tudo, os lençóis já estão, já lavei tudo, já arrumei a cómoda umas quantas vezes porque depois lembrava-me que na última gaveta provavelmente vai apanhar pó, então não vou guardar as fraldas na última gaveta, já tinha posto na última gaveta, agora vou pôr aqui em cima para não apanhar pó. Então, todas as coisas foram feitas com a minha coordenação, e eu tenho a sensação que se não tivesse insistido tanto ou não tivesse feito, não estavam, não estavam. Sim, acho que sim.

E – Isso de ter a mala pronta, a ideia de ir para a maternidade é assim uma lógica muito moderna, não é moderna, mas mais, muito europeia...

P – Sim, sim, eu sinto muito isso que estás a dizer com a minha mãe. Comecei por sentir isso com uma prima minha, nó fomos, ao primeiro workshop que nós fomos sobre bebês, a minha prima riu-se, riu-se, provavelmente ela não irá, não sei se é porque, ela está cá há muito mais tempo do que eu, mas eu sinto muito essa diferença com a minha mãe. Eu às vezes pergunto coisas á minha mãe, que teve as duas gravidezes em Cabo-verde e sinto muito a diferença em relação a isso. Por exemplo, o meu pai esteve muito ausente nas gravidezes da minha mãe, tanto na minha gravidez, quando eu estava para nascer, como na gravidez das minhas irmãs, esteve muito ausente, e é uma coisa que eu achava que podia ser impensável em relação ao pai da minha filha, que é, ele nunca pôs a mão na barriga, nunca sentiu a bebé mexer-se, acho que nem sequer chegou a ver a minha mãe grávida e se viu, viu uma coisa assim de repente, mas que para ele é tudo, não é que seja normal, mas aconteciam, não é? Uma gravidez passava normalmente se os homens não fizessem essas coisas. Para mim é impensável. Eu quase que obrigo o pai da Mayra a vir cá, falar com ela para ela ouvir a voz, e sim, eu acho que em Cabo-Verde as coisas deviam ser diferentes antes, porque acho que agora já estão diferentes em Cabo-Verde, mas de certeza que não foi assim, nas gravidezes da minha mãe, não foi assim de certeza nas gravidezes da minha avó, não é? E não sei se têm sido assim, se foram assim com as das minhas amigas, mas a maior parte delas também vieram aqui muito tempo, também têm essas ideias mais

européias. Sim, acho que sim, que faz muita diferença daquela gravidez que é quase exclusiva da mulher, não é? E não há muita daquela coisa, das mães cantarem para a barriga, falarem, às vezes, eu como passo muito tempo sozinha, tenho a preocupação de falar, mesmo falar sozinha, para que a bebé saiba que estou cá, e ouve sempre a minha voz. Não sei se será essa a preocupação em Cabo-Verde, se as mães pensam nisso em Cabo-Verde, e eu não sei se teria esta ideia lá, provavelmente não teria, não teria os recursos que tive cá, li muitas coisas, vi muitos documentários, fomos às aulas de pré e pós parto, e sim, isso tudo ajuda, e todas as ideias que ouvimos são mais ocidentais, claro que sim. Se bem que falaram muito dos partos da África, da China, da Índia mas muito como alternativa, uma alternativa que é boa, mas uma alternativa, mas sim noto que esta gravidez é naturalmente muito mais ocidental. Com a minha mãe acho que ela nem sequer se preocupou com isso, de exigir ao meu pai que estivesse presente, e que nós tínhamos que conhecer a voz dele, ou que ele tinha que tocar na barriga e sentir os bebés a mexerem-se. Acho que ela nem sequer teve essa preocupação, nem sequer pensou nisso. Coisas que eu penso, que para mim têm que ser feitas, porque se não, não se faz o vínculo, porque se não a bebé depois nasce e tem que fazer todo o processo enquanto já poderia estar a fazer esse processo antes de nascer. Mas sim, noto isso. E muito mais ocidental, muito mais europeu.

E – E quando há pouco falavas nos cursos que falavam dos partos da África e na Ásia, tal como uma alternativa, uma alternativa boa, e tu o que é que achas sobre?

P – Ficam assim, há coisas boas que se falam, e há outras que me deixam ficar mais retraída, porque dá-me a sensação que não têm muito conhecimento sobre o que se faz lá, não é? Mas, há aqui muitas coisas boas, mas eu acho que as angústias, o que eu quero dizer é que, o facto de eu estar a viver esta gravidez aqui, provavelmente trouxe-me muito mais angústias e muito mais ansiedades do que se eu estivesse em Cabo-Verde. Eu acho que se estivesse em Cabo-Verde o processo seria muito mais natural, não porque se eu fosse à maternidade na hora do parto as coisas fossem diferentes, as coisas seriam iguais, poderia fazer uma cesariana lá na mesma, poderia ter um parto normal na mesma com todos os procedimentos que se fazem cá, as maternidades têm os mesmos médicos, que tiraram o curso que têm um carácter ocidental também. Mas seria uma coisa mais natural, não viria, com tanta ansiedade, como vivi cá. Mas também tem a ver com a quantidade de informação que tive acesso cá. As coisas podem correr mal, as coisas correm mal, as outras mães que falam de coisas de aconteceram e não sei quê, e ver todas as coisas que podem acontecer que provavelmente eu lá não teria, não é? Ainda há tempos estava a falar com a minha mãe, e a minha mãe estava a dizer que por exemplo, há pouco tempo não existia essa coisa das cadeirinhas para os bebés, os ovos para o carro e que agora já existem muito, e que as pessoas em Cabo-Verde sentem-se muito melhor porque já saem da maternidade com a cadeirinha e vão à igreja com a cadeirinha, uma coisa que já se nota que está diferente lá e que é muito natural aqui, não é? Mas não chega a ser, por exemplo, não é que seja um exagero, mas não deixa de ser um exagero não deixarem sequer a criança sair do hospital sem o ovo, lá já é um luxo, ah eu tenho um ovo para pôr, não é uma coisa obrigatória. Ok, tens que ter a declaração do hospital para poderes sair, nota-se que já há algumas diferenças, mas acho que seria um

processo muito mais natural lá, com a minha mãe e assim por diante, e com a minha avó então... que diz coisas tao naturais como, por se mexer. Ela sempre soube que era uma menina porque ela mexeu-se desde muito cedo, mas ela até hoje, que eu já lhe disse que é uma menina, ela acha que eu não sei que é uma menina. Ela acha só que é uma menina, porque os sinais apontam para que seja uma menina, ela não tem a noção que nós já fizemos a ecografia e que já vimos, ela viu-me no Skype e viu-me com a barriga mais baixa: “ah mas a bebé já está quase a nascer”, ela não tem a noção se eu estou até no sexto mês mas ela já sabe que vou ter a bebé porque a barriga está mais baixa. E é daquelas coisas que eu penso, ela de certeza que nunca mediu a barriga dela numa consulta com uma obstetra, ou a obstetra nunca lhe disse: “o bebé já está encaixado”, são coisas que ela foi aprendendo naturalmente, enquanto que eu aqui tive que me informar, tive que ir às consultas todas, tive que não sei quê, lá está é a sensação de que é muito menos natural, é algo que se aprende com muito mais ajuda exterior, com muito mais informação, lições e aulas e leituras e vídeos e não sei quê, do que era antes em Cabo-Verde, ou ainda é, não sei, não tenho bem a noção.

E – Podemos dizer, menos ligado ao sentir?

P – Ao?

E – Ao sentir, ao sentir as coisas...

P – De ser mais natural lá, de ser mais fácil eles lá...

E – Sim, nesse sentido. Estavas a dizer que aqui há os custos do acesso á informação, desta coisa, enquanto lá é uma coisa mais natural. Perguntaste se era uma coisa mais, se podia ser mais ligada ao sentir...

P – Mas sim, acho que sim, mas também com a experiência, o primeiro filho corre assim, o próximo já vamos ter uma forma de comparação, enquanto que aqui não, no primeiro filho já sei quase tudo porque tive acesso a essas informações todas, se calhar nem tive tempo de sentir, sim, sim, sim, acho que sim, não dar tempo de esperar pela altura. Por exemplo os livros que eu li eu já estava mais adiantada do que as coisas que eu estava sentir e provavelmente as coisas que senti foi graças ao que eu li, que eu podia sentir depois ou podia não sentir. E não sei se é mau, mas que é diferente la isso é. A minha mãe está sempre a dizer: “ah no meu tempo não havia nada disso, no meu tempo não se fazia nada disso”. Agora já se faz um bocadinho, as coisas estão muito ocidentalizadas em Cabo-Verde também, mas ainda continua a haver algumas crenças, algumas ideias, que são mesmo muito naturais da vivência e da experiência de cada mãe e da experiência que as mulheres vão tendo, e que vão passando de mulher para mulher.

E – E o que é que sentes quando ouves esses relatos da tua mãe?

P – Por um lado gostava até de ter tido essa experiência, por acaso gostava porque é mais natural, é uma coisa que eu estava a descobrir assim mais naturalmente, não precisava de estudos. Agora que estou a falar de estudos lembrei-me da criopreservação, isso não existe mesmo em Cabo-Verde e a minha mãe não percebe bem o que é e que eu gostava de não ter essa preocupação em Cabo-Verde. Há um workshop e saímos de lá com a ideia, se não fizéssemos aquilo eramos maus pais, não é? E eu não

queria ter passado por essa sensação, como se tivesse num julgamento e que a minha mãe não teve que passar por isso. Claro que agora há muitas coisas boas, dá-se o ácido fólico logo ao início, em Cabo-Verde não se dava isso, só se se dá agora, mas se eu aqui, não tomar o ácido fólico e depois a criança nascer com uma deficiência qualquer, eu sei que a culpa será, não será aquela coisa natural do aconteceu, porque pode acontecer, mesmo tomando o ácido fólico pode acontecer alguma malformação mas sim, acho que as angústias, as ansiedades, os medos e os receios aumentam muito mais quanto mais científico as coisas forem, quanto mais estudos houver, quanto mais não sei quê. E eu acho que eu senti isso, e provavelmente a minha mãe mesmo com todas as dificuldades viveu uma gravidez muito, porque ela não tinha ecografias, acho que ela não tinha a preocupação de pensar que a bebé podia ter uma malformação, ou se teve, teve muito menos, eu tive com as próprias ecografias ou então sou eu que sou assim (risos). Sou assim muito, muito stressada e angustiada. Acho que seria bem diferente se fosse em Cabo-Verde, ou não teria todas as condições que tive cá, montes de consultas, montes de ecografias, mas também acho que o nível de ansiedade foi muito maior, não foi tão natural, poderia ser uma coisa muito mais natural, muito mais, sim.

E – Mais alguma coisa?

P – Não, acho que não. Se houver mais alguma coisa... só dizer que, por exemplo, eu gostava de ter mais cultura, mais rituais, coisas mais terra-a-terra, que provavelmente não vou ter oportunidade, se a minha avó tivesse cá ela de certeza que poria um fio na barriga da bebé, só para fazer a diferença, de não ser uma coisa muito, muito desprovido do ser Cabo-Verdiano, muito vazio, muito ocidental, sem muita cultura, muito científico, e agora é a vitamina K, e agora é o teste do pezinho, isso é muito importante para a questão da saúde e para a questão do bem-estar da criança, depois não há aquelas outras coisas que são mais... também agora estou a fazer uma visão muito romantizada do que é uma gravidez e a maternidade e o nascimento em Cabo-Verde e até pode não ser. Há muitas mulheres que estão em Cabo-Verde e saem para vir ter os filhos aqui a Portugal, mas sim, gostava de ter alguma coisa que indicasse “ah esta bebé é filha de uma Cabo-Verdiana”, de certeza que eu não tenho, não vou poder passar porque eu também não tenho para aparecer, se assim se pode dizer. Não lhe vou dar caldo de cachupa de certeza ou não vou tomar, como as antigas mães tomavam, a manteiga da terra, que é uma manteiga feita do leite normal da vaca para ter mais leite, já não vou fazer isso, sei lá, mas que eu gostava de fazer porque é um símbolo, e que mal não faz, até faz bem.

E – Mas quando dizes que não tens nada para lhe oferecer, em que sentido?

P – Porque eu já saí de lá muito, todo o processo já foi feito cá.

E – O processo da gravidez?

P – Sim da gravidez e da maternidade, foi tudo feito cá, e foi tudo feito à custa de informações e de ideias, e nem é português, é muito europeu, muito ocidentalizado, pronto, tudo isso, então não tenho a noção, de que me tenha lembrado não fiz nada que é feito em cabo-verde até porque eu não sei do que se faz lá ou não, pode até nem se fazer grandes coisas, mas eu também não tenho a noção. A minha avó por exemplo dizia, que quando chegou a altura de ter os filhos, teve os filhos não teve preparação

para nada, acho que ela bebia café logo de manhã, começava a sentir as dores, bebia muito café durante a manhã e que à tarde já tinha o bebé nos braços, chamava uma vizinha e fazia o parto, pronto. Mas provavelmente não se faz nada, se calhar é uma ideia romantizada de que aqui é muito branco, é uma tela muito branca que se vai preenchendo com as coisas da medicina ocidental e que só se pensa no bem-estar em termos da saúde física e que não se preferencia muito a questão dos rituais entre muitas outras questões da cultura, que provavelmente deve existir, no interior do país deve existir, as pessoas mais idosas devem fazer, aqui mesmo em Portugal, mas eu gostava de se alguma coisa se fizesse em Cabo-Verde participar. A minha mãe, por exemplo, dava-nos uma coisa pequenina, um cristalzinho, que não me lembro o nome quando íamos sair, por causa das feiticeiras e daí por adiante, quando tínhamos soluços punha um fósforo no meio da testa para passar os soluços, isso tudo lembro-me. Aqui não vou fazer porque sei que os soluços é uma coisa natural que não é preciso fazer nada para passar, que não é preciso por o tal cristalzinho na boca porque não há feiticeiras, não é? Essas coisas. Mas que eu gostava de fazer porque é um ritual, sim gostava de fazer porque é uma coisa muito Cabo-Verdiana, muito crioulo.

E – Mas é como se esse conhecimento que dizes científico, da medicina ocidental, fosse incompatível com a cultura específica Cabo-Verdiana...

P – Sim, e acho que mesmo acontece em Cabo-Verde, já em Cabo-Verde, não é uma coisa de cá, porque não acredito que uma mãe que vá a uma maternidade na Praia, na cidade da Praia, deixem colocar uma linha por causa dos espíritos, ela só vai colocar provavelmente quando for para casa, mas sim acho que sim, acho que não há, acho que quanto mais perto dessa questão da medicina ocidental mais longe ficamos dos rituais, mais longe ficamos, acho que provavelmente deixam de fazer sentido ou passam a ter um outro sentido e deixam de ser necessárias, deixam de fazer simplesmente, mas tenho pena, tenho pena de algumas coisas poderem ser, não é ser engraçado, não fazem mal nenhum, eu sei que ter o tal cordão com a bolinha preta, e tem que ser preta e escolhida, a minha avó já me disse que, não é bem uma bolinha, é com faces, tem que ser com um determinado número de faces, branco e preto, tem que ser de um determinado tamanho e vai crescendo consoante o tamanho da bebé mudar, pronto, tudo aquilo tinha um determinado significado que deixa de ter e não fazem efeito ou que, sim, não fazem efeito, mas eu gostava, por acaso gostava. Gostava de ter a minha avó aqui presente para ela ter uma daquelas saídas, para me dizer aquelas coisas que ela às vezes diz, de ter que esfregar não sei quê no corpo porque faz bem ou de não pôr a bebé em cima de determinada coisa porque não se pode pôr, porque os espíritos vinham ou os espíritos iam. Gostava de a ter cá por perto para saber dessas coisinhas que não tenho acesso porque eu não sei, mas que eu sei que poderão existir.

E – Ok, muito obrigada Samira por isto tudo, pela maravilhosa conversa.

Anexo C

ENTREVISTA 3

Entrevistador (E) – Ok. Então Samira, já se passou algum tempo desde o nosso último encontro, queria agora que me falasse como é que é este processo de se tornar mãe, após o nascimento da menina.

Participante 3 (P3) – Já não me recordo quando é que foi a última vez...

E – A última vez que nos encontrámos foi quando estava com 36 semanas.

P3 – Como é que eu divido isto em bocadinhos? Sei lá... Tem sido uma viagem, uma longa viagem. Com altos, muitos altos e alguns baixos e as minhas ansiedades das quais eu tinha falado da outra vez, algumas já se tornaram realidade e outras ainda...eu acho que estão por vir de certeza absoluta. Mas tem sido uma viagem...uma viagem mesmo...eu podia dizer para lá de boa, não é? Podia ser uma viagem muito boa, podia ser uma viagem boa, mas é tipo mesmo para lá de muito boa. Ótima viagem! Não é o que eu estava à espera. Não é totalmente o que eu estava a espera, apesar de ter tido as aulas de preparação para o parto. Já ter os conhecimentos das coisas e trocar as fraldas e saber quando é que se...quando é que se dá o leite, de quantas em quantas horas...e ter a percepção que tinha que se acordar de madrugada para se dar o leite e...e, prontos, todas essas coisas...surgiram muitas outras coisas, muitas outras situações que são sempre um ponto, mais um ponto ou um ponto mais nesta minha viagem como mãe. Na altura tinha dito que se tratava de um processo, de não ser uma coisa que acontece de uma hora para a outra, ter que me consciencializar “Ok, a partir de agora já não vais ficar sozinha...já não és aquela pessoa independente que eras, etc”. Agora não sou uma pessoa nada independente, não é? Tudo o que eu faço é a pensar consoante o horário da menina, consoante o estado de humor da menina, consoante o estado em que ela estiver, eu vou planeando a minha vida em redor da menina. Mas tem sido mesmo uma ótima viagem, com todas as aprendizagens! Eu já fiz coisas que eu não fazia a mínima ideia e que agora são naturais para mim e que há outras pessoas que falam e para mim faz todo sentido. Algumas pessoas até fazem perguntas que para mim já é um dado adquirido, não é? Um exemplo há uns dias tive numa festa de aniversário de uma filha de uma amiga minha e estava lá um ex-colega de curso meu e eu estava a dar o leite à Mayra e ele perguntou-me... mas assim uma coisa tão simples...e ele perguntou-me “Mas quantos litros de leite é que ela bebe? Um litro de cada vez?” (risos). E eu respondi “Não, não...nem pouco, nem mais ou menos isso!”. E que já é para mim um dado tão adquirido saber que ela bebe X mililitros com X medidas de leite e não sei quê. São coisas que eu tive que aprender de uma hora para a outra!

Pronto, então desde as 36 semanas...daí a barriga deu um pulo e tornou-se mesmo realidade, porque nós fomos fazer a última ecografia e marcamos, eu fui fazer a última consulta e já se marcou a data do...eu já tinha a data prevista do parto...mas já se marcou uma data para ir à consulta caso a bebé, a Mayra não nascesse que eu tinha que lá ir para se ir preparar, para se ir provocar...então estava-se a tornar mesmo uma realidade e já não era uma experiência só minha, passou a ser uma experiência de todos os que estavam ao meu lado não é? Do pai, o Claudio, dos avós e dos meus pais que estavam cá e eu aprendi também a partilhar um bocadinho a Mayra já desde, desde ela estar ainda na minha barriga...tive que aprender a partilhá-la! E depois...veio então o dia do parto que foi, não sei se devo dizer mas foi maravilhoso! O parto correu lindamente e aí está, as aulas de preparação para o parto foram foram muito boas nesse sentido. Nós já sabíamos como é que eram as contracções, já tínhamos noção de quantos em quantos minutos, de quando é que devíamos ir à maternidade e essas coisas, e foi muito bom porque nós fomos mesmo na hora exacta de chegar lá e dizerem “Ok, vai ser...vai ser admitida, vai entrar e vai acontecer!”. Mas foi...foi mesmo muito bom, melhor do que eu estava à espera! O processo da amamentação não foi tão fácil como eu estava à espera e é uma das coisas que me entristece bastante em relação ao ser mãe, o não ter podido... o não ter conseguido, não é, dar de mamar à Mayra. E eu espero que de uma próxima vez já esteja mais preparada para amamentar. Mas é uma das coisas que ainda pica um bocadinho, por exemplo, cada vez que eu vou com ela à consulta no Centro de Saúde e vejo os placards a dizer “A amamentação...amamentar é dar amor na língua que o bebé entende!” e eu fico um bocadinho triste. Começo a pensar “Ok, se calhar...”, não é bem isso, mas lá no fundo o que me passa pela cabeça é “Se calhar não estás a dar todo o amor, ou não deste todo o amor que podias ter dado à Mayra!”. Pronto, mas mesmo assim, tivemos que aprender muita coisa da alimentação dela e...tem mesmo sido uma fase muito boa da minha vida! A Miriam agora é mesmo o centro de tudo o que eu faço. Se eu saio é a contar as horas ou os minutos para voltar para casa, porque já pode chegar a hora do próximo leite ou vai dar a hora do banho e a Mayra se calhar já não me vê à muito tempo e se calhar quando eu chegar já vai estar a dormir e não sei quê. É tudo consoante...consoante, em redor dela! Ela agora já tem 7 meses, já vai fazer 7 meses...tem 6 meses, e penso que...penso que, acho eu não é? Vai ser uma fase, esta fase...vai ser uma fase contínua para o resto da minha vida, se calhar! E sei que ainda tenho muitas coisas para a frente porque oiço outras mães a falar, dizem outras coisas que já aconteceram com os filhos e eu estou à espera que também aconteçam com a Mayra...mas tem sido mesmo um processo muito bom. Agora acho que já nem é tornar-me mãe, porque já sou mãe, mas é aperfeiçoar as coisas, não é? Ir melhorando um bocadinho...cada vez um bocadinho mais em relação...em relação à Mayra. E é completamente diferente a sensação que eu tinha quando via as ecografias e fazia as ecografias de agora tê-la cá! É mesmo uma realidade que está aqui, está presente! Era uma coisa que estava para acontecer e aconteceu! É assim...

E – Hm, hm. No início dizias que não era aquilo que estavas à espera...

P3- Eu tive uma fase na minha vida, nisto de ser mãe eu tive uma fase em que estava completamente revoltada com todas as minhas amigas que tiveram filhos e que não me avisaram quão exaustivo ou quão cansativo ou quão...como é que eu hei-de dizer? Que de facto é como se eu tivesse deixado de existir só que... se calhar isso foi uma coisa minha não é? Porque de repente...eu antes tinha que fazer a comida para mim, eu fazia a comida à hora que eu quisesse e comia à hora que eu quisesse...não tinha aquele horário restrito, mas com a Mayra tinha que ser não é? No primeiro mês foi mesmo um choque porque tinha de ser de três em três horas e eu tinha que estar de relógio a contar os minutos e a contar as horas, e agora é o leite e agora é mudar a fralda e agora é...enquanto que aquilo que eu ouvia as outras mães a falar era de um mundo maravilhoso de amor, um mundo todo cor-de-rosa e dos bebés a sorrirem e disso tudo e foi mesmo assim, foi mesmo um choque. Foi mesmo chegar a um lugar onde eu não conhecia absolutamente nada, apesar de ter tido a preparação para o parto, mas chegar num lugar onde eu não conhecia nada, não sabia onde é que estavam as coisas, onde é que eu ia buscar as coisas, o que é que eu tinha que fazer... o ter que aprender tudo, com a responsabilidade de saber que se eu não o fizesse podia acontecer alguma coisa, daí eu dizer que algumas ansiedades que eu tinha tornaram-se realidade! Como é, por exemplo, se faltasse leite em casa, para mim não fazia mal nenhum porque eu conseguia aguentar até ao dia a seguir para ir comprar, com a Mayra se faltasse leite...houve uma vez em que tivemos que sair de noite, tivemos não... o Claudio teve que sair de noite à procura de leite, porque entretanto a Mayra começou a prender o intestino por causa daquele leite, chegamos à conclusão que era daquele leite, e quisemos trocar e ir e não sei quê ...foi aquele stress que acompanhou o nascimento da Mayra que eu não gostei absolutamente nada, porque eu queria era ter os bons momentos com ela e ter aqueles momentos de muito...de muito amor e muito carinho, aquela coisa muito cor-de-rosa que se vê na televisão, que se vê nas novelas, que se vê nos filmes e não era bem assim, não é? Era dar-lhe leite e pô-la a arrotar e ela agora não arrota...e agora? Se ela não arrotar o que é que fazemos? As coisinhas são assim...Depois comecei a conviver com ela...Ainda agora há algumas coisas em que ainda tenho que respirar algumas vezes e não sei quê mas tem sido, agora tem sido mais fácil. Mas como eu dizia senti uma revolta tão grande com o que as minhas amigas não me disseram, porque eu acho que todas passaram por isto, não é? Todas as que não conseguiram amamentar passaram por aquela fase em que se sentiram más mães, porque não se sentiam capazes, porque não queriam e não sei quê...mas ninguém me disse. Toda a gente disse “Olha se calhar vais ter dificuldades e não sei quê e nam nam, nam nam”, mas ninguém...Eu não sei. Eu não sei se as pessoas se esquecem ou se não querem dizer, porque também pode ser isso, não querem dizer para não assustarem as pessoas...prontos, mas também não foram só coisas más! Eu passei 6 meses com ela e nunca me tinha sentido tão realizada na minha vida. Saber que ela cresce bem, que ela está feliz, que ela nunca adoeceu, que ela nunca teve problemas graves e que pelo menos tudo aquilo que eu podia fazer, fiz...fiz sempre! Pronto, fiz sempre questão de fazer e ter a certeza que fazia bem e tudo isso! E acho que...não sei se a próxima gravidez será assim tanto stress com as coisas medidas aos segundos e aos... e aos mililitros e assim tudo com regras e tudo assim...mas eu estava à espera

mesmo disto, não é? De chegar a casa e de estar com ela, sei que ela ia chorar porque eu já cuidei de outras crianças mas não tinha a noção que por exemplo tinha que acordar às três da madrugada para lhe dar o leite e trocar a fralda, ela adormecer às quatro e depois às seis estar a fazer tudo outra vez a mesma coisa, não tinha mesmo a noção disto, apesar de...e agora nem me lembro se as pessoas disseram isso! Sim, sim... estava à espera que fosse mais cor-de-rosa do que foi e não foi assim tão...houve momentos muito baixos, assim de sentir-me perdida, de sentir-me...apesar de ter a minha mãe comigo e de estar sempre a ajudar-me e de ter o Claudio comigo também, nem é a questão de ajudar não é? É a questão de estar lá presente e de fazermos as coisas que tínhamos que fazer. Mas mesmo assim senti, por exemplo, houve alturas em que eu sentia “Ok, eu não vou conseguir! Este primeiro mês eu não sei o que é que vai acontecer, não é? Mas eu não vou conseguir!”. E sim, agora já estou mais calma.

E – Hum...e dizias, há pouco, que não eram só coisas más.

P3- Sim, não foram só coisas más! Eu não sou muito de...eu não sou muito de...Eu costumo ver as outras mães a escreverem poemas para os filhos e o amor...Eu não sou...eu não sou...Eu também não aprendi a ser assim! Mas eu sinto que completei o ciclo da felicidade da minha vida, não é? Quando a Mayra nasceu e comecei a cuidar dela e ela veio cá para casa e tornámo-nos uma família, completei o ciclo...parece que aquilo que eu queria eu já tinha, não é?! Apesar de todo o stress, de toda a ansiedade, toda a tristeza, das coisas que não correram bem...mas parecia que estava completa, não é? Que já não me faltava mais nada! Agora já não me importava o doutoramento, já era uma coisa em terceiro ou quarto plano... já não me interessava as saídas ou os amigos, já não...parecia que estava assim mesmo numa bolha, não é? Eu, mais a Mayra, mais a minha família e que estava completo, não é? Isto finalmente tinha-me feito sentir “Agora sim, agora estou completa!” e eu isso já sabia, não é? Mas eu não percebia...As pessoas diziam “Há, vais ficar encantada só com um sorriso! Ela vai chorar o dia todo, mas à tarde...Ela vai chorar de manhã até à noite, mas à tarde ela vai dar um sorriso e vais-te esquecer de todo o dia!” e é mesmo isso! Às vezes eu estou completamente cansada! Eu tenho a minha casa para arrumar, fazer o comer e não sei quê, não sei quê... tenho todas as coisas para fazer e estou muito cansada e a Mayra também às vezes está cansada, está stressada e chora e não sei quê, mas ela depois está a dormir e fazer aquele som a dormir do “Hum, hum, hum, hum” e eu fico completamente derretida e eu fico “Ok, era isto... era isto que eu estava à espera!”. Era isto, era isto que me estava a fazer falta! Parece que ela completa assim uma parte da minha vida que era tudo o que eu queria! Eu às vezes até tenho medo de pensar em ter um outro filho, porque eu não sei se serei capaz de amar tanto essa criança tanto como eu amo a Mayra, parece-me...parece...parece que é tudo o que eu tenho para dar, estou a dar à Mayra! Provavelmente vai-se esgotar...sei que não vai ser assim, mas é um sentimento assim mesmo muito poderoso, uma coisa assim...Como uma amiga minha dizia, que não ama o filho só com o coração, ama com o corpo, com a alma, com os

pensamentos, com tudo! Eu agora percebo o que é que é isso. É estar constantemente a pensar numa pessoa, é estar constantemente a pensar nas coisas dela. Eu vou às compras e a primeira coisa que eu...as coisas que eu me lembro sempre...são as coisas da Mayra, não me esqueci de comprar nada para ela! Mas posso esquecer-me do azeite, do arroz e não sei quê, mas leite da Mayra não nos esquecemos de comprar e assim por diante. Por isso é como se completasse assim... pelo menos este ciclo na minha vida está completo!

E – Hum, dizias à pouco...o que as outras mães faziam para os seus filhos e depois disseste que não tinhas aprendido a ser assim.

P3 – Sim, pois é...sim, é verdade! Porque eu tenho... eu tive uma infância muito boa, os meus pais... há uma coisa que eu gostava muito de fazer, era replicar, não é? a educação que os meus pais me deram. Os meus pais sempre estiveram presentes, a minha mãe deixou de trabalhar para ficar connosco. O meu pai foi sempre um pai presente apesar de todas as falhas que ele tem como pessoa, que eu reconheço que ele tem! Que eu não reconheço muito na minha mãe, não vejo muito na minha mãe! Mas, ele sempre foi um pai muito presente e nunca nos faltou nada. Nunca fomos ricos, nunca tivemos abundância nem nada, mas nunca nos faltou absolutamente nada! Sempre tivemos tudo mesmo! Quer em termos da alimentação, vestuário, na casa...sempre tivemos bem na escola, sempre tivemos muito incentivo, muito incentivadas a estudar e a educação...eu acho que foi uma educação completa a que tivemos! Mas, não havia.... Por exemplo, eu não me lembro antes de ter 16 anos ou 17 anos se calhar, se eu não estou enganada, de dar um beijo ao meu pai...Com a minha mãe se calhar houve momentos mais carinhosos e de abraços e não sei quê, mas poucos, também não me lembro muito. Eu sei que as coisas mudaram muito a partir do momento...eu agora já não me lembro quando é que foi exactamente...mas houve uma coisa que aconteceu na nossa família, não sei se foi o casamento dos meus pais ou se foi o eu ter vindo a Portugal para estudar em que as coisas mudaram um bocadinho. Eu notei que, eu nunca tinha visto os meus pais beijarem-se...eu comecei a ver os meus pais a beijarem-se depois de começar o curso, com 18 anos, se não estou a exagerar, não é? Mas é a imagem que eu tenho e nunca fomos de dizer “Eu Amo-te!” ou “Eu gosto muito de ti” ou mesmo depois de eu vir “Eu tenho muitas saudades!” e não sei quê...nunca fomos de dizer muito isso. Eu agora faço questão de dizer...porque foram coisas que eu fui aprendendo aqui! Aprendi muita coisa com o Claudio, porque a família dele já é diferente...a mãe dele chama-o de lindinho e ele quando vai lá a casa ainda deita-se, põe a cabeça ao colo da mãe e tem tudo aquilo que eu não tive, que eu não me lembro de ter, ele tem! E então eu aprendi muita coisa com ele! E então eu digo muitas vezes, tento dizer...todas as vezes que eu me lembro tento dizer à minha mãe o quão importante ela é para mim, o quanto que eu gosto dela e tento, tenho que ela sinta isso porque eu não me recordo... eu não sei...porque a verdade é que eu não sinto que me tenha feito falta...porque eu realmente gosto muito dos meus pais, gosto muito da minha irmã...eu acho que o sentimento nós temos, acho não...o

sentimento nós temos, mas nunca soubemos demonstrar! E não me fez falta na altura mas eu agora acho que se calhar poderia ter tido uma infância ainda mais feliz se fôssemos capazes de dizer o quanto eu gosto de ti, de abraçar, de dar beijinhos e fazer essas coisas que eu agora faço questão que a Mayra tenha, ou então que não seja uma coisa que ela tenha só do pai, que é natural para ele fazer. E então, é mais uma aprendizagem que eu tento fazer...tento-me lembrar constantemente de dizer à Mayra que eu gosto muito dela, que ela é muito importante e que ela é muito bonita e que ela tem que ser muito feliz, essas coisas que eu não tive. Pronto, e espero que seja uma coisa boa que eu lhe consiga transmitir, mais uma coisa boa!

E – Hum, hum. E neste processo, quem são... ou qual é o lugar das pessoas significativas?

P3 – Há sim, sim...eu lembro-me desta! Na altura a minha mãe, o Claudio não é...tá sempre preocupado, é aquela pessoa que me dá todo o apoio que eu preciso, é aquela... eu costumo dizer que...agora eu costumo dizer ao Claudio que ele é o lado calmo da minha pessoa! É o lado que não tem stress, porque eu já reparei e era uma das coisas que eu tinha muito medo...que eu sou... e aí está, eu agora vou meter aqui muitas coisas só nesta parte da pergunta mas acho que é importante. Apesar de na nossa família, na minha família não ter tido essas coisas...essas expressões...não termos sido tão abertos para falar assim expressamente e abertamente dos nossos sentimentos uns aos outros, sempre fomos...ou depois da morte da minha irmã, passamos a ser uma família muito... acho que a palavra é emaranhada, não é? Parecia que não havia limites entre o meu pai e eu, entre a minha mãe e eu, entre a minha irmã e eu e estávamos todos ali muitos dependentes uns dos outros. Os meus pais muito controladores e sempre muito em cima e na altura nós não tínhamos como não permitir, não é? Eramos filhas e estávamos em casa e não tínhamos como não permitir. Mas, mesmo depois de eu vir para cá, as coisas continuaram assim, não é? Eu sentia o controlo dos meus pais daqui e nem era porque eles exerciam o controlo, era porque eu sentia a necessidade de lhes dar esse poder e por exemplo, telefonar e dizer “Olha, eu abri a conta! Abri hoje a minha conta...ou já fiz isto, já comprei aquilo...gastei o dinheiro nisto, ou naquilo!” e então pronto, os meus pais sempre foram muito importantes nesse processo. Mas agora, como estão longe e eu já tenho a minha família eles passaram um bocadinho para, eu tenho um bocadinho de pena...mas eles passaram um bocadinho para segundo plano na lista das pessoas importantes e se calhar, pois se calhar se tivessem mais perto seria mais fácil, mas é agora...as pessoas reduzem-se um bocadinho às minhas pessoas aqui em casa, não é? É a Mayra e é o Claudio. A minha mãe está muito longe e ela estava cá presente. Portanto, ela esteve presente durante a gravidez e deu-me todo o apoio que eu precisava e ajudou-me em tudo o que eu precisava mas com o afastar fisicamente, também afastou-se um bocadinho esta importância, não é? Já não é tão importante para mim como...como era! Por acaso tenho pena. Ela em principio virá e acho que será...será bom porque vai reforçar um bocadinho isto que eu estou a perder nestes últimos quatro meses, três...quatro meses! Sentir que ela já não faz parte muito desta rede de pessoas que têm uma

opinião e que seja completamente importante. O Claudio diz “Ok, é hora de fazer isto!” e sim, é hora de fazer isto. “Agora temos que fazer aquilo” e é, e é! Enquanto a minha mãe se diz “ Olha, a Mayra está...está a chegar ao chão” ou “ela vai-se arrastar até ao chão!”...se fosse o Claudio a dizer eu pegava na Mayra logo, mas como ela está um bocado distante e assim prontos. As pessoas mais importantes agora é a Mayra, em primeiro lugar, com os seus prós e contras e o Claudio, sem dúvida. Por acaso perdi mesmo bastante, até mesmo a minha prima que era uma pessoa muito importante com os meus familiares que moram aqui perto, mas ela também teve o bebé dela então também está a passar por este processo todo e...e também não tem tempo, não tem muito tempo. E depois há amigos, amigos mais chegados... mas mesmo assim são contactos esporádicos, por isso a rede agora é esta. Diminuiu bastante desde a última vez que nós falamos! (risos) Mas sim...tenho as pessoas que sei, se calhar diminuiu mesmo porque eu sei quem são as pessoas com quem eu posso conversar, com quem eu posso falar ou com quem eu posso pedir uma opinião e que estão sempre disponíveis. Se calhar isso também é bom!

E – Hum hum, e nesta distância com a mãe e com o pai que estão em Cabo Verde como é que tem sentido essa distância?

P3 – Eu acho que, eu não sei bem se eu disse isto na outra vez, mas é o que eu sempre senti. Aí é que está. Eu sou uma pessoa muito independente. Eu gosto muito muito muito de estar sozinha e às vezes eu estou com pessoas e estou a ansiar pela hora de voltar para casa para ficar sozinha. Os meus pais fazem-me muita falta, sim! Mas eu passo muito bem sem eles e às vezes e nós temos a possibilidade de falarmos um com o outro ou uns com os outros muito facilmente porque eu tenho Skype e eles têm Skype e eu tenho internet e eles têm internet e então podíamos falar o dia todo, todos os dias. Mas eu às vezes gosto de estar sozinha e sinto-me bem e se calhar sou um bocadinho egoísta nisso porque só quando eu me lembro ou quando eu sinto falta ou quando eu penso que “Ok, já chega de estar tanto tempo sem dar notícias”, é que eu ligo o Skype, não é? Não é uma coisa que eu faça automaticamente. Eu até podia por o skype a abrir automaticamente, mas eu não ponho porque eu gosto de ser eu a ir abrir e a falar com eles. Por isso eu fico muito bem sem eles e sinto-me bem sozinha, mesmo em relação ao Claudio também é a mesma coisa. Mas, em relação à Mayra, já é diferente. Faz-me muito muito muito mal estar longe dela. Por exemplo, ter que passar por esta fase toda de ela ir para a creche e serem outras pessoas a cuidarem dela, que era uma coisa que eu queria fazer exclusivamente...só eu, exclusivamente eu e mais ninguém. Custa-me bastante esta ideia, e eu aderi a esta ideia não porque eu não tinha outra opção porque eu podia simplesmente bater o pé e ficar com ela em casa, mas porque eu também achei que eu deveria dar a mão à palmatória e pensar também noutras coisas, não é? Principalmente na questão financeira, é importante também pensar nisso! Podia ficar só em casa com todas as contas e as coisas a acumularem, mas faz-me imensa confusão eu ter estado 9 meses grávida, uma gravidez que eu quis, que eu desejei... ter estado com ela cinco meses, seis meses....e agora

entrega-la a uma terceira pessoa que eu não conhecia de lado nenhum para cuidarem da minha filha, coisa que eu não faria nem com a minha mãe. Não dava a Mayra, para cuidar dela! Se fosse para ela cuidar, seria para ela estar comigo em casa e eu deixá-la com a Mayra umas horas e ir fazer o que tinha que fazer. Não estava nos meus planos, faz-me imensa confusão! E a maior parte das vezes eu prefiro que seja o Claudio a levá-la à creche para eu não pensar que estou a deixá-la e exageradamente que estou a abandoná-la, não é? Que é realmente, na verdade, é o que eu penso. Que não faz sentido! Uma mãe devia ser a pessoa a cuidar do filho, mas pronto. Teve que ser, teve que ser... não é uma coisa que eu me orgulhe muito, que eu goste... não, não é! Então uma das coisas boas porque eu quero que a minha mãe venha, é ela ficar connosco e cuidar da Mayra porque assim ao menos eu sei que é a minha mãe que está a cuidar da Mayra e fico um bocadinho mais descansada. Mas mesmo assim não seria para ficar com ela todos os dias, as horas todas, as 8 horas por dia, que é outra coisa que eu acho que é... é muito agressivo... que é estas horas todas... se fosse uma hora ou duas, ainda vá que não vá... como se ela fosse à escola. Tem um horário para entrar, tem um horário para sair, tem um horário para fazer as coisas e depois das 9h30 já é complicado levá-la porque interrompe as aulas dos outros meninos... isso tudo na minha cabeça, é como se ela tivesse a trabalhar, coitada, ela tem 6 meses! Ela devia ficar em casa com a mãe para cuidar dela e... entristece-me um bocadinho esta coisa da creche! E eu agora esqueci-me da pergunta (risos)

E – Sim, mas quer dizer... esta ideia da creche também é assim muito destes tempos modernos e desta forma ocidental, não é?

P3 – Sim, sim, exactamente! Em Cabo Verde provavelmente seria diferente. Eu teria que sair de casa na mesma para ir trabalhar... em Cabo Verde o período de licença de maternidade é muito menos, acho que são dois meses ou eu acho que é um mês... um mês que o estado dá e é mais um mês que as mães pedem de férias... depois pedem mais um mês de licença sem vencimento., então acaba por ser três meses! Eu acho que é mais ou menos isso, se não estou enganada! Mas o que acontece e que eu estaria disposta a fazer se o Claudio tivesse disponível a ir comigo para Cabo Verde, que ele não está, era ir para Cabo Verde e ter a nossa vida em Cabo Verde... Eu tinha que ir trabalhar na mesma, mas ao menos eu ia almoçar a casa, saía as 16h00 e eu tenho a noção que eu demoraria 10 minutos para ir para o trabalho e 10 minutos para chegar em casa. E ela ficava em casa com uma empregada, com uma pessoa que nós puséssemos lá em casa para tomar conta dela, ou mesmo ir levá-la à minha mãe mas era... é a facilidade dos acessos que nós temos em Cabo Verde, que eu não tenho cá! Para sair do ISCTE e vir até aqui, eu demoro 45 min de autocarro e 15 min de carro se eu não apanhar trânsito e então isto aflige-me porque eu começo a pensar “Se um dia me telefonarem a dizer... aconteceu alguma coisa à Mayra e eu não ter levado o carro, aflige-me bastante que eu tenho que sair e encontrar um táxi e ter que vir a correr para cá e não sei quê e para vir e para vir e para vir, para estar com ela. Por isso, seria bem diferente. Eu tenho uma ideia do meu pai, que o meu pai chega em casa numa

coisa de 3, 4 minutos. Trabalha e chega em casa em 3, 4 minutos. Coisa que eu nunca faria cá e que eu tenho muita pena de não ter cá.

E – De não ter cá, o quê?

P3 – Essa facilidade de acesso. Uma das coisas que nós, que eu fiz questão quando nos pareceu ser obrigatório a Mayra ir para a creche, eu fiz questão que fosse alguma coisa mesmo perto de casa, não é? Que não fosse uma coisa que tínhamos que ir obrigatoriamente de carro buscá-la e se acontecesse alguma coisa que estaríamos ok...mas mesmo assim não é perto o suficiente! E sim, faz-me imensa confusão isto! Não poder ficar com ela até ela poder ser capaz de se poder desenrascar sozinha, de andar e de pedir as coisas e de ainda estar muito vulnerável, de ainda ser muito pequenina e de precisar de muita atenção e eu não poder dar-lhe toda essa atenção que ela precisa ou que merece. Por acaso isto é uma das outras coisas que me entristece bastante. Primeiro foi a amamentação, agora é isto da creche! Sei que há algumas outras coisas que vão... mas pronto, ainda bem que a creche é aqui perto...nós gostamos bastante das pessoas aqui da creche, principalmente da senhora que cuida dela, que cuida dos meninos... ela é muito parecida com a minha mãe...ela é muito parecida com a minha mãe, então fico um bocadinho mais descansada. Mas telefono todos os dias, mesmo de propósito para ver se consigo...telefono todos os dias e quero saber e venho busca-la o mais rapidamente possível. Às vezes, levo o carro de propósito a pensar que posso sair mais cedo e chegar aqui mais cedo, e isso tudo. E pronto... é mesmo uma coisa que aqui em Portugal, é uma coisa que eu não gosto!

E – O quê?

P3 – Esta coisa da creche. Não gosta nada desta ideia dos pais serem quase forçados a abdicarem do cuidar dos filhos por terem de trabalhar, por ser uma questão financeira. Não ser uma questão de escolha. Porque eu acho que se tivesse escolha, se os pais tivessem escolha provavelmente não existiriam tantas creches com berçário, só havia a creche.

E – Hum, hum. E nessa...dizias que isso é uma das coisas que não gostas em Portugal, não é? E há assim....

P3 – Sim, é esta questão da creche que já se está a implantar um bocadinho em Cabo Verde, porque eu vejo pessoas a procurarem por creche...Porque a cultura em Cabo Verde é...as mulheres trabalham, não é? Sempre...mas arranjam sempre alguém para cuidar dos filhos em casa ou as mães, ou as avós cuidam dos netos, mas a criança nunca sai do ambiente da casa, não é? Fica sempre naquele ambiente muito familiar. Aqui não, tem que ir sempre para uma instituição e é diferente e...eu acho que...eu acho mesmo que é muito agressivo. Mais coisas que eu não goste cá, agora para mim este é o

principal. Mas é...estar a morar num sitio que por mais transportes que tenhamos, ser tão complicado a deslocação... agora podemos tar aqui e eu só vou chegar a casa daqui a uma hora, não é? E, faz-me imensa confusão mesmo... coisa que não acontece em Cabo Verde, e agora... Mas não são muitas coisas que eu não gosto. Foi aqui que eu conheci o Claudio, foi aqui que a Mayra nasceu, foi aqui que eu tirei o meu curso, foi aqui que eu me formei... eu sempre trabalhei aqui, quer dizer... trabalhei uns meses, mas poucos, em Cabo Verde...por isso eu sou, uma parte eu sou de cá. Está a gravar não está? (risos)

E – Ai não acredito.

P3 – Não? Não está?

E – Ai está, está, está. Acho que está... Há pois isto só dá o tempo quando desligo, acho eu (risos).

P3- Ah, ta bem, ta bem.

E – Ia tendo uma coisa (risos). Olha Samira, então vamos acabar.